

DITOS SOBRE O SUCESSO ESCOLAR

ESTUDO DE CASOS NO ESTADO DA BAHIA

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
Projeto de Educação Básica para o Nordeste
Programa de Pesquisa e Operacionalização de Políticas Educacionais

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Fernando Henrique Cardoso

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
Paulo Renato Souza

SECRETÁRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL
Iara Glória Areias Prado

PROJETO DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA O NORDESTE
DIRETOR NACIONAL
Antônio Emílio Sendim Marques

COORDENAÇÃO DE PROJETOS ESPECIAIS
Maristela M. Rodrigues

Série Estudos

A SÉRIE ESTUDOS apresenta ensaios e pesquisas realizadas no âmbito do Projeto de Educação Básica para o Nordeste. As principais informações levantadas visaram ao desenvolvimento de políticas para a melhoria da qualidade da educação no Nordeste brasileiro. As conclusões e interpretações expressas nesta publicação demonstram as opiniões dos autores e não exprimem, necessariamente, a posição e as políticas do Ministério da Educação e do Desporto, do Projeto de Educação Básica para o Nordeste, do Banco Mundial e do Unicef.

Esta obra foi editada e publicada para atender a objetivos do Projeto de Educação Básica para o Nordeste, em conformidade com os Acordos de Empréstimo Números 3604 BR e 3663 BR com o Banco Mundial.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sem a autorização do

Projeto de Educação Básica para o Nordeste — MEC/BIRD

DITOS SOBRE O SUCESSO ESCOLAR

ESTUDO DE CASOS NO ESTADO DA BAHIA

Paulo Roberto Holanda Gurgel — UFBA

Adélia Luíza Portela — UFBA
Eni Santana Barretto Bastos — UFBA
Coordenadoras Estaduais do Programa

BRASÍLIA, 1998

©1998 Projeto Nordeste
Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida desde que citada a fonte
e obtida autorização do Projeto Nordeste — MEC/BIRD.

Série Estudos, Nº 3

Gurgel, Paulo Roberto Holanda

Ditos sobre o sucesso escolar: estudo de casos
no estado da Bahia / Paulo Roberto Holanda Gurgel.
— Brasília: Ministério da Educação e do Desporto.
Projeto de Educação Básica para o Nordeste, 1998.
92 p. — (Série Estudos; n. 3)

1. Escola pública — Sucesso escolar 2. Escola
pública — Bahia I. Ministério da Educação e do Desporto II.
Projeto de Educação Básica para o Nordeste

CDD 371.28

Projeto Nordeste
Via N1 Leste, Pavilhão das Metas
Brasília-DF — 70150-900
Fone: 316-2908 — Fax: 316-2910
E-mail: projetonordeste@projetonordeste.org.br

Projeto Gráfico e Texto Final
Francisco Villela
Capa
Alexandre Dungal Pereira

IMPRESSO NO BRASIL

PREFÁCIO

O ensino público no Nordeste tem sido marcado por fracasso e altos índices de repetência e evasão. O último exemplar desta Série Estudos, *Ditos sobre a Evasão Escolar*, discute as barreiras que impedem ou dificultam a permanência na escola e as perspectivas de fracasso escolar de acordo com as percepções dos jovens evadidos e suas famílias.

O presente estudo está centrado na questão do sucesso escolar e de como jovens de classes populares de escolas públicas conseguem superar as barreiras à escolarização. Focalizando suas análises na avaliação feita pelos usuários — estudantes e pais de alunos — do sistema educacional público, este estudo de casos objetiva traçar o perfil dos jovens bem-sucedidos, de classes populares, das escolas de ensino fundamental. Focalizando a exceção, ao invés da regra, *Ditos sobre o Sucesso Escolar* analisa aspectos fundamentais sobre estrutura familiar, rotina, história escolar, percepções da escola e perspectiva de futuro desses jovens bem-sucedidos. As experiências, aqui registradas, desses jovens, especialistas em superar as barreiras à escolarização, representam uma valiosa contribuição para melhor compreendermos os mecanismos que regem a regra do ensino público no Nordeste do Brasil: o fracasso e a evasão escolar.

Encomendado pelo Grupo Consultivo do Programa de Pesquisa e Operacionalização de Políticas Educacionais (PPO), este estudo de casos traz ainda uma série de recomendações que visam contribuir para a elaboração de novas políticas educacionais direcionadas ao sucesso escolar e à melhoria da qualidade do ensino.

Na oportunidade da publicação deste estudo, o Projeto de Educação Básica para o Nordeste, do Ministério da Educação e do Desporto, em nome do Banco Mundial e UNICEF, registra seus agradecimentos ao consultor e autor Paulo Roberto de Holanda Gurgel, pela elaboração do estudo, e às coordenadoras estaduais Adélia Luiza Portela e Eni Santana Barreto Bastos.

SUMÁRIO

	RESUMO.....9
	ABSTRACT.....10
1	INTRODUÇÃO.....11
2	METODOLOGIA DA PESQUISA.....12
2.1	AVALIAÇÃO DO BENEFICIÁRIO.....12
2.2	A DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA.....13
2.3	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....14
2.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....15
2.5	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS.....16
3	ANÁLISE DOS DADOS.....17
3.1	O DISCURSO DE JOVENS BEM-SUCEDIDOS.....17
3.2	O DISCURSO DOS PAIS DE JOVENS BEM-SUCEDIDOS.....52
4	PRINCIPAIS ACHADOS E RECOMENDAÇÕES77
4.1	CATEGORIA: JOVENS BEM-SUCEDIDOS.....77
4.2	CATEGORIA: PAIS DE JOVENS BEM-SUCEDIDOS.....82
	ANEXOS.....86
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS92

RESUMO

Este estudo de casos foi desenvolvido para abordar o sucesso escolar entre jovens de classes populares no estado da Bahia, e constitui parte do Programa de Pesquisa e Operacionalização de Políticas Educacionais. Enfocando questões específicas sobre o perfil dos jovens alunos de escolas públicas bem-sucedidos e sobre a representação do sucesso escolar por esses jovens e por seus pais, a metodologia de pesquisa utilizada neste estudo foi a da Avaliação do Beneficiário. O universo pesquisado foi constituído de dois bairros populares da cidade de Salvador (um localizado na periferia e o outro na sua zona central) e de uma comunidade rural do município de São Gonçalo, interior do estado da Bahia. A amostra foi composta de dezoito jovens com idade entre 11 e 18 anos bem-sucedidos na escola pública (nove garotos e nove garotas) e de dezoito pais de jovens com idade entre 11 e 18 anos bem-sucedidos na escola pública (nove pais de garotos e nove pais de garotas). A coleta de dados foi realizada com o auxílio de roteiros de entrevistas e contou com a inserção do pesquisador por um período de duas semanas em cada uma das comunidades pesquisadas. O tratamento dos dados foi feito pela análise de conteúdo dos discursos dos entrevistados. Os resultados foram organizados em principais achados seguidos de recomendações que buscam contribuir para o planejamento e a implantação de políticas educacionais que garantam a excelência do ensino público no Nordeste brasileiro.

ABSTRACT

This case study was developed to address the subject of school success among low-income youth in public schools of the state of Bahia. This effort is a part of a broader comprehensive study — Program of Research and Operationalization of Public Educational Policies. Approaching questions specifically related to the profile of successful public school children and their outlook of school success as well as for their parents, a Beneficiary Assessment methodology was used to carry out the study. The research universe was defined within two neighborhoods situated in the city of Salvador (in one suburb and in the center of the city) and in the town of São Gonçalo, in rural area, located in Bahia. The research sample was composed of 18 children with the age between 11 and 18 who have achieved success in public schools (09 males and 09 females) and 18 parents of public school students with the same profile (09 parents of males and 09 parents of females). Data gathering was conducted through the utilization of a questionnaire guide and required the participation of a researcher for a period of two weeks in each of the communities studied. Questionnaire content of interviews were analysed and the results were organized in *main findings* and *recommendations* in an effort to contribute to the planning and implementation of educational policies which aim to improve the quality of public schools in the Northeast of Brazil.

1 INTRODUÇÃO

As barreiras à escolarização, principalmente à escolarização das classes populares, ocupam posição de destaque no âmbito dos temas de pesquisa em educação, como ilustra a nossa revisão bibliográfica não exaustiva de estudos sobre evasão e fracasso escolar entre crianças e jovens de classes populares publicados no Brasil entre os anos de 1985 e 1995. Neste trabalho de revisão da literatura selecionamos doze estudos sobre estes temas, que apresentamos no Anexo I deste estudo de caso. Todos eles têm como objetivo encontrar respostas à pergunta: por que a educação brasileira tem sistematicamente falhado em alcançar seu objetivo de educar as crianças e jovens de famílias de baixa renda?

O Projeto Nordeste, por meio do Programa de Pesquisa e Operacionalização de Políticas Educacionais, tem desenvolvido trabalhos de pesquisa também com o objetivo de contribuir para buscar respostas para essa pergunta. Estes estudos têm centrado suas análises na avaliação feita pelos usuários — estudantes, pais de alunos, professores, membros da comunidade, etc. — do sistema educacional público da região Nordeste. Seus resultados se propõem a servir como suporte aos gestores de políticas educacionais públicas na elaboração de planos estratégicos que visem suprimir as barreiras à escolarização de crianças e jovens nordestinos cujos pais não podem custear os gastos com educação em estabelecimentos privados de ensino.

A idéia de buscar contribuições para responder à pergunta que ocupa lugar de destaque no âmbito da pesquisa em educação — por que falhamos em educar nossas crianças e jovens de classes populares? — pela realização de um estudo de caso sobre o tema *sucesso escolar de jovens das classes populares no estado da Bahia* nasceu da inquietação gerada durante a realização de um outro estudo de caso por nós conduzido sobre o tema *a evasão escolar de jovens das classes populares no estado da Bahia*. O processo de construção deste estudo sobre evasão nos pôs a seguinte questão: se é verdade que a evasão escolar entre jovens das classes populares do Nordeste é uma norma, quais serão as características dos jovens que constituem sua exceção?

A inquietação gerada por essa pergunta nos levou a buscar na literatura educacional referências sobre esta minoria de jovens, alunos de escolas públicas, que, não obstante as dificuldades enfrentadas, são atores sociais de histórias de sucesso escolar. Para nossa surpresa, e contrastando com a variedade de estudos sobre os temas *fracasso e evasão escolar*, não encontramos qualquer estudo quantitativo ou qualitativo sobre esses *heróis* do ensino público brasileiro no âmbito da literatura publicada entre os anos de 1985 e 1995 por nós revisada. Justificamos, pois, com a ausência de referências bibliográficas, a necessidade de melhor conhecer esses jovens pela realização de um estudo de caso que nos fornecesse dados, ainda que preliminares e não passíveis de

generalizações, sobre o perfil do jovem bem-sucedido das escolas públicas do estado da Bahia.

Nossa hipótese básica é que a elaboração de um perfil do jovem bem-sucedido das escolas públicas pode contribuir para melhor compreendermos as barreiras à escolarização, visto que esse jovem é um especialista em superá-las. Acreditamos ter chegado o tempo de nos centrarmos também nas exceções para melhor compreendermos os mecanismos que regem a regra do ensino público no Nordeste do Brasil: o fracasso e a evasão escolar.

Perseguiamos, neste estudo de caso, o objetivo geral de caracterizar o perfil de jovens bem-sucedidos, alunos de escolas públicas e residentes em duas zonas urbanas da cidade de Salvador e em uma região rural do município de São Gonçalo, interior do estado da Bahia. Para tanto, elaboramos os seguintes objetivos específicos: (a) caracterizar a estrutura familiar desses jovens; (b) conduzir um levantamento e uma análise das histórias escolares desses jovens; (c) mapear a representação que fazem esses jovens e seus pais sobre o universo escolar; (d) registrar e analisar os discursos desses jovens e de seus pais sobre os temas sucesso e fracasso escolar; (e) inventariar os planos profissionais e pessoais desses jovens a partir de seus próprios discursos e dos discursos de seus pais; (f) contrastar os conteúdos dos objetivos específicos supracitados em função do local de residência desses jovens; e (g) sugerir, a partir dos principais achados deste estudo de caso, medidas que possam fomentar a elaboração de políticas educacionais públicas objetivando a excelência do ensino básico na região Nordeste.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 AVALIAÇÃO DO BENEFICIÁRIO (AB)

A utilização de métodos de estudos de caso, registros etnográficos, para a abordagem de temas em educação tem-se firmado como uma tendência ascendente no âmbito da pesquisa educacional. Destinados não a se contrapor aos métodos estatísticos, mas a corroborar os seus achados e/ou aprofundar questões que os métodos quantitativos não conseguem abarcar, os estudos etnográficos têm provado a sua importância na construção do saber/fazer pedagógico pelos resultados das mais variadas pesquisas que deles fazem uso para abordar fenômenos educacionais.

O método de registro etnográfico que utilizamos no presente estudo de caso é denominado de *Avaliação do Beneficiário (AB)*. Segundo Salmen (1995), a AB tem como objetivo fornecer informações qualitativas confiáveis e em profundidade sobre as condições sócio-culturais de uma população de beneficiários, *para a qual uma ação desenvolvimentista é planejada*, que devem ser utilizadas para fomentar as decisões de

gerenciadores de políticas públicas engajados em implantar projetos de melhoria das condições de vida dessa população.

A *AB* parte do princípio de que o planejamento de políticas públicas não pode prescindir da participação direta daqueles que serão os seus beneficiados, a população. Ela pretende, enquanto método, ser elo de ligação entre esses indivíduos e os gerenciadores de políticas públicas, ao introduzir nos processos de elaboração dessas políticas uma dimensão sócio-cultural, captada nos discursos dos indivíduos da comunidade alvo.

A *AB* tem como características principais: (a) a predominância do aspecto qualitativo sobre o aspecto quantitativo no âmbito da coleta de dados; (b) a sistematização de informações coletadas realizada pela conferência cruzada de informações e a avaliação da medida em que as opiniões expressas representam pontos de vistas compartilhados amplamente pela comunidade; (c) a orientação para ação traduzida no inventário de recomendações, sugeridas pelos consultados, de mudanças na atividade avaliada; e (d) a audiência de seus resultados ser constituída por gerenciadores de políticas públicas.

A *AB* se utiliza de três técnicas básicas para coletas de dados, a saber: (a) a *observação participante*, que consiste na inserção de um membro da equipe de pesquisa na comunidade por um período que pode variar de algumas a semanas a vários meses. Nesse período, o observador deverá fundar vínculos com os membros da população local por meio de sua participação efetiva nas atividades diárias da comunidade. Sua atenção deverá se voltar para os tópicos mais sensíveis do guia temático (inventário de tópicos constituintes do objeto da pesquisa) e o contexto geral sócio-cultural e político da vida dos beneficiários; (b) a *entrevista bate-papo*, que consiste em abordar o objeto da pesquisa em conversas informais com os membros da comunidade, de forma que as informações fluam em um ambiente de descontração tanto para os entrevistados como para o entrevistador; e (c) o *grupo focal*, que consiste de reuniões do pesquisador com grupos de membros da comunidade para abordar o objeto da pesquisa, objetivando complementar e conferir as informações coletadas nas entrevistas bate-papos.

A *AB*, enquanto método de registro etnográfico, assim como qualquer outro método de pesquisa, apresenta riscos quanto a sua aplicação. O principal desses riscos se aloja no grau de qualidade das informações coletadas pelo pesquisador. Tratando-se de um método de registro etnográfico, a compilação das informações pode eventualmente tornar-se por demais descritiva, longa e detalhada e sem relevância para os gerenciadores de políticas públicas — sua audiência alvo. É, portanto, necessário, conduzir um competente programa de treinamento dos pesquisadores no manuseio das técnicas de coletas de dados da *AB* e associar a esse treinamento a supervisão continuada do trabalho de campo para que sejam evitados os riscos citados.

2.2 A DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA

O nosso universo de pesquisa é constituído por dois bairros populares da cidade do Salvador, sendo um deles situado em sua zona central e o outro em sua periferia, e de

uma localidade de um distrito situado na zona rural do município de São Gonçalo, interior do estado da Bahia.

Os bairros de Coutos, periferia da cidade do Salvador, e do Nordeste de Amaralina, zona central da cidade do Salvador, se caracterizam por um baixo padrão habitacional e por vias públicas mal estruturadas e mal conservadas. No que se refere aos indicadores ambientais, ambos têm pouco acesso às instalações sanitárias. Os habitantes são, em sua maioria, membros de famílias de baixa renda.

O bairro de Coutos conta com dois estabelecimentos de ensino da rede municipal que oferecem vagas exclusivamente para as séries iniciais do primeiro grau (1ª a 4ª série). A rede estadual é composta de duas escolas que oferecem vagas exclusivamente para as séries iniciais do primeiro grau (1ª a 4ª série), de uma escola que oferece vagas para alunos da 1ª a 8ª série e de um estabelecimento que oferece educação integrada e vagas para a pré-escola e para as séries iniciais do primeiro grau (1ª a 4ª série). O número total de salas disponíveis na rede estadual e municipal é de 39 para uma população escolarizável (7 a 14 anos) de 3 161 crianças e jovens. O bairro não possui escolas de segundo grau.

O bairro do Nordeste de Amaralina conta com um estabelecimento de ensino da rede municipal que oferece vagas para a pré-escola e para as séries iniciais do primeiro grau (1ª a 4ª série). A rede estadual é composta de cinco escolas que oferecem vagas exclusivamente para as séries iniciais do primeiro grau (1ª a 4ª série), três que oferecem vagas para a pré-escola e para as séries iniciais do primeiro grau (1ª a 4ª série), duas que oferecem vagas da 1ª à 8ª série, uma que oferece vagas do pré-escolar à 8ª série e uma que oferece vagas da 5ª à 8ª série. O número total de salas disponíveis na rede estadual e municipal é de 123 para uma população escolarizável (7 a 14 anos) de 5 682 crianças e jovens. O bairro não possui escolas de segundo grau.

A localidade de Humildes, situada no distrito de Sergi (Mercês), da cidade de São Gonçalo dos Campos, se caracteriza por um baixo padrão habitacional e por vias públicas mal estruturadas e mal conservadas. No que tange aos indicadores ambientais, a localidade tem pouco acesso à água encanada, às instalações sanitárias e à iluminação elétrica. Humildes possui duas escolas municipais e uma escola estadual.

Dados fornecidos pela Secretaria de Educação do município de São Gonçalo dos Campos totalizam uma população escolar de 742 alunos nas escolas rurais da rede estadual e 3 031 alunos nas escolas rurais da rede municipal.

2.3 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Nossa amostra de pesquisa se compõe de 36 sujeitos distribuídos em duas categorias: (a) *categoria jovens bem-sucedidos*: 18 sujeitos (9 jovens do sexo masculino e 9 do sexo feminino), e (b) *categoria de pais de jovens bem-sucedidos*: 18 sujeitos (9 pais de jovens do sexo masculino e 9 pais de jovens do sexo feminino).

(a) Categoria jovens bem-sucedidos:

Definimos a categoria *jovens bem-sucedidos* como jovens alunos de escolas públicas que apresentam rendimento escolar satisfatório e que não possuem em seu currículo histórias de repetência e/ou de evasão. Compõem essa categoria:

- (a.1) Seis jovens com idade entre 11 e 18 anos (três garotos e três garotas) residentes no bairro de Coutos, zona periférica da cidade do Salvador.
- (a.2) Seis jovens com idade entre 11 e 18 anos (três garotos e três garotas) residentes no bairro do Nordeste de Amaralina, zona central da cidade do Salvador.
- (a.3) Seis jovens com idade entre 11 e 18 anos (três garotos e três garotas) residentes na localidade de Humildes, do distrito de Sergi (Mercês), do município de São Gonçalo dos Campos.

(b) Categoria pais de jovens bem-sucedidos:

Definimos a categoria *pais de jovens bem-sucedidos* como os adultos diretamente responsáveis pela educação de alunos de escolas públicas com rendimento escolar satisfatório e que não tenham em seus currículos histórias de repetência e/ou evasão. Compõem essa categoria:

- (b.1) Seis pais de jovens bem-sucedidos (três pais de garotos e três pais de garotas com idades entre 11 e 18 anos) residentes no bairro de Coutos, zona periférica da cidade do Salvador.
- (b.2) Seis pais de jovens bem-sucedidos (três pais de garotos e três pais de garotas com idades entre 11 e 18 anos) residentes no bairro do Nordeste de Amaralina, zona central da cidade do Salvador.
- (b.3) Seis pais de jovens bem-sucedidos (três pais de garotos e três pais de garotas com idades entre 11 e 18 anos) residentes na localidade de Humildes, do distrito de Sergi (Mercês), do município de São Gonçalo dos Campos.

2.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Nossa coleta de dados foi realizada por meio de dois instrumentos recomendados pela metodologia da Avaliação do Beneficiário:

- (a) *Entrevistas bate-papos*, realizadas com todos os componentes da amostra deste estudo para as quais foram utilizadas guias temáticos que compõem os anexos II e III deste relatório.
- (b) *Observação participante*, que consistiu na inserção do pesquisador por um período de duas semanas em cada uma das comunidades.

2.5 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Segundo Michelat (1981), o procedimento de análise de dados de pesquisas qualitativas deve ser iniciado por um processo de impregnação de dados pelo pesquisador, que se constitui na apropriação dos conteúdos das entrevistas e das observações participantes por sucessivas leituras e releituras dos registros do trabalho de campo. Esse foi o nosso primeiro passo.

Seguindo-se a esse período de impregnação, trabalhamos com a análise do conteúdo das entrevistas de nossos sujeitos conforme a seguinte categorização:

(a) *Categoria jovens bem-sucedidos*

- (a.1) Caracterização do universo familiar
- (a.2) História escolar
- (a.3) Concepções sobre sucesso e fracasso escolar
- (a.4) Perspectivas de futuro

(b) *Categoria pais de jovens bem-sucedidos*

- (b.1) História escolar dos filhos
- (b.2) Concepções sobre sucesso e fracasso escolar
- (b.3) Perspectivas de futuro dos filhos

Tratando-se de um *estudo de casos*, optamos pelo procedimento de apresentar no corpo de nosso trabalho a transcrição das falas de nossos entrevistados segundo a divisão de tópicos citada. Esse procedimento tem como objetivo não só oferecer ao leitor uma oportunidade de questionar e/ou corroborar as nossas análises a partir dos depoimentos de nossos sujeitos, como também proporcionar a outros pesquisadores a possibilidade de desdobrar este estudo de casos em outros estudos a partir dos conteúdos desses depoimentos. A notação (...) nas falas transcritas indica uma opção nossa de suprimir material não relevante constituído de interrupções do entrevistador e/ou dos entrevistados ou mudança de tópico na entrevista. As falas do entrevistador foram totalmente suprimidas por não as considerarmos de relevância para o nosso propósito.

Finalmente devemos esclarecer o fato de nossos sujeitos de pesquisa serem referidos neste estudo de casos pelos seus primeiros nomes. Além da autorização por eles concedida para assim procedermos, a natureza personalizada do estudo não comporta a dimensão de simples iniciais que supostamente protegem a identidade dos informantes. Analisamos discursos e não respostas padronizadas, nossa relação com esses jovens e com os pais está necessariamente atravessada pelo nome que individualiza cada um. A decisão de nomeá-los é também uma forma de lhes prestar uma homenagem pela coragem de nos emprestarem suas falas para dela derivarmos nossas conclusões.

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 O DISCURSO DE JOVENS BEM-SUCEDIDOS

3.1.1 O Universo Familiar de Jovens Bem-Sucedidos

Iniciemos a análise de nossos dados pela caracterização do universo familiar de jovens bem-sucedidos:

Quadro 1: Universo Familiar de Jovens Bem-Sucedidos
Residentes na Zona Urbana Central

Adson, 14 anos, 7ª série

Adson pertence a uma família do tipo nuclear completa. Tem sete irmãos e uma irmã adotiva. Dois dos seus irmãos não moram em casa: um evadiu-se na 1ª série do segundo grau e o outro cursa a 4ª série. Dos irmãos que moram em casa: o de 23 anos concluiu o segundo grau, os de 19,17 e 16 anos cursam a 6ª série, o de 11 anos cursa a 4ª série e sua irmã adotiva, 11 anos, cursa a 3ª série. Seu pai, 53 anos, evadiu-se na 4ª série e é comerciante. Sua mãe, 48 anos, evadiu-se na 3ª série e é vendedora autônoma..

Carina, 13 anos, 7ª série

Carina pertence a uma família do tipo nuclear completa. Tem dois irmãos: o de 11 anos cursa a 3ª série do primeiro grau e o de 8 anos cursa a 2ª série do primeiro grau. Seu pai, 37 anos, concluiu o segundo grau e é radiotécnico. Sua mãe, 36 anos, concluiu o segundo grau e é comerciária.

Diego, 13 anos, 7ª série

Diego pertence a uma família do tipo nuclear completa. Tem uma irmã, 12 anos, que cursa a 5ª série. Seu pai, 41 anos, concluiu o primeiro grau e é motorista de ônibus. Sua mãe, 41 anos, concluiu o segundo grau e é dona-de-casa.

Georgia, 15 anos, 8ª série

Georgia pertence a uma família do tipo nuclear completa e extensa. Tem uma irmã, 12 anos, que cursa a 5ª série. Seu pai, 35 anos, concluiu o primeiro grau e é professor de capoeira. Sua mãe, 33 anos, evadiu-se na 2ª série do segundo grau e é estofadora. Moram ainda na casa: tio, 37 anos, evadido na 7ª série e pintor; bisavó, 79 anos, evadida na 2ª série do primeiro grau e aposentada.

Gilson, 15 anos, 8ª série

Gilson pertence a uma família do tipo nuclear completa. Tem dois irmãos: o de 24 evadiu-se na 2ª série do segundo grau e o de 21 anos concluiu o segundo grau. Seu padrasto, 43 anos, concluiu o primeiro grau, e é motorista de ônibus. Sua mãe, 43 anos, é empregada doméstica e nunca frequentou escola.

Elisângela, 15 anos, 7ª série

Elisângela pertence a uma família do tipo nuclear completa. Tem três irmãos: o de 12 anos cursa a 3ª série, o de 13 anos cursa a 4ª série e o de 14 anos cursa a 3ª série. Seu pai, 40 anos, evadiu-se na 1ª série do primeiro grau e é trabalhador da construção civil. Sua mãe, 42 anos, evadiu-se na 2ª série do primeiro grau e é dona-de-casa.

Ressaltamos primeiramente o fato de que todos os sujeitos de nossa amostra de jovens bem-sucedidos residentes na zona urbana central pertencem a famílias do tipo nuclear completa (pai + mãe + irmãos), sendo que um deles pertence a uma família do tipo nuclear completa e extensa (pai + mãe + irmãos + parentes).

Procedendo a uma análise da vida escolar dos irmãos desses jovens, observamos, em um universo de 17 sujeitos, que: 13 estão frequentando a escola atualmente, 2 concluíram o segundo grau e 2 concluíram o primeiro grau.

Analisando a vida escolar dos genitores desses jovens, encontramos: 2 mães e 2 pais são evadidos das séries iniciais do primeiro grau, 1 mãe e 3 pais concluíram o primeiro grau e 1 pai e 2 mães concluíram o segundo grau. Somente 1 mãe nunca frequentou escola. Sobre a vida profissional desses mesmos genitores, temos: todos os pais possuem profissão definida e estão atualmente inseridos no mercado de trabalho; 4 mães trabalham fora de casa e 2 são donas-de-casa.

Quadro 2: Universo Familiar de Jovens Bem-Sucedidos
Residentes na Zona Urbana Periférica

Marcos, 15 anos, 8ª série

Marcus reside com os avós paternos. Residem também com Marcus: irmã, 21 anos, cursando o supletivo do primeiro grau; esposo de sua irmã, 23 anos, universitário; prima, 16 anos, cursando a 8ª série. Seu avô, 66 anos, evadiu-se na 4ª série e é aposentado. Sua avó, 62 anos, concluiu o primeiro grau e é aposentada. Os pais de Marcus moram na vizinhança: pai, 37 anos, segundo grau completo, é eletromecânico. Sua mãe, 35 anos, concluiu o magistério e é auxiliar de enfermagem.

Marcela, 16 anos, 8ª série

Marcela reside com os avós paternos. Residem também com Marcela: prima, 21 anos, cursando o supletivo do primeiro grau; esposo da prima, 23 anos, universitário; primo, 15 anos, cursando a 8ª série. Seu avô, 66 anos, evadiu-se na 4ª série e é aposentado. Sua avó, 62 anos, concluiu o primeiro grau e é aposentada. Os pais de Marcela são separados: pai, 35 anos, concluiu o primeiro grau e é motorista de caminhão; mãe, 35 anos, evadiu-se na 5ª série e é dona-de-casa.

William, 16 anos, 8ª série

William pertence a uma família do tipo nuclear completa. Tem 3 irmãos: o de 14 anos cursa a 7ª série, o de 13 anos cursa a 5ª série e o de 8 anos cursa a 3ª série. Seu padrasto, 25 anos, evadiu-se na 4ª série e é padeiro. Sua mãe, 37 anos, concluiu o primeiro grau e é dona-de-casa.

Camila, 15 anos, 8ª série

Camila pertence a uma família do tipo nuclear completa. Tem três irmãs (32,29 e 27 anos), todas com magistério, que trabalham na escola de propriedade da família. Seu pai, 59 anos, concluiu o segundo grau e é aposentado. Sua mãe, 56 anos, concluiu magistério e é funcionária pública.

Lázaro, 15 anos, 8ª série

Lázaro pertence a uma família do tipo nuclear incompleta. Seus pais estão separados há oito anos. Reside com a mãe e a irmã. Sua irmã, 10 anos, cursa a 4ª série. Sua mãe, 42 anos, evadiu-se na 4ª série e é lavadeira. Seu pai, 44, evadiu-se do curso de eletromecânica no segundo grau e trabalha em oficina de automóveis.

Marli, 15 anos, 8ª série

Marli pertence a uma família do tipo nuclear completa. Tem 4 irmãos: o de 16 cursa a 8ª série, o de 13 é evadido da 1ª série, o de 11 cursa a 5ª série e o de 9 cursa a 2ª série. Seu pai, 39 anos, evadiu-se na 4ª série e é pedreiro. Sua mãe, 40 anos, concluiu o primeiro grau e é lavadeira.

Caracterizando as famílias de jovens bem-sucedidos residentes na zona urbana periférica, temos: 3 desses jovens pertencem a famílias do tipo nuclear completa, 2 residem com os avós paternos e 1 pertence a família do tipo nuclear incompleta (mãe + irmã).

Conduzindo uma análise da vida escolar dos irmãos desses jovens, observamos, em um universo de 12 sujeitos, que: 8 estão freqüentando a escola atualmente, 3 concluíram o segundo grau (magistério) e somente um evadiu-se da escola nas séries iniciais do primeiro grau.

Analisando a vida escolar dos genitores desses jovens, encontramos: 2 mães e 2 pais são evadidos das séries iniciais do primeiro grau, 2 mães e 2 pais concluíram o

primeiro grau e 2 pais e 2 mães concluíram o segundo grau. Sobre a vida profissional desses mesmos genitores, temos: todos os pais possuem profissão definida e 5 deles estão atualmente inseridos no mercado de trabalho. Somente um se encontra aposentado; 4 mães trabalham fora de casa e duas são donas-de-casa.

Quadro 3: Universo Familiar de Jovens Bem-Sucedidos
Residentes na Zona Rural

Welber, 13 anos, 6ª série

Welber pertence a uma família do tipo nuclear completa adotiva (foi adotado aos 3 meses de idade). Tem 11 irmãos, mas somente 2 residem em casa: uma que é dona de escola particular com magistério concluído e o outro desempregado. 8 dos 11 irmãos são adotados. 10 irmãos são evadidos das séries iniciais do primeiro grau. Sua mãe adotiva é professora aposentada e seu pai adotivo é agricultor, evadido das séries iniciais do primeiro grau. Não soube precisar a idade dos pais adotivos.

Josilma, 11 anos, 6ª série

Josilma pertence a uma família do tipo nuclear completa. Tem uma irmã, 13 anos, que cursa a 7ª série. Seu pai, 43 anos, evadiu-se das séries iniciais do primeiro grau e é motorista de cômbo. Sua mãe, 37 anos, evadiu-se das séries iniciais do primeiro grau e é dona-de-casa.

Gustavo, 15 anos, 5ª série

Gustavo, filho único de pais separados, morou com avó do nascimento até o ano de 1995. Desde então reside com os tios. Os tios, têm 10 filhos, todos evadidos das séries iniciais do primeiro grau. Não soube informar idade, escolaridade e a profissão dos tios com quem reside. Sua mãe, 36 anos, é empregada doméstica no Rio de Janeiro e evadiu-se das séries iniciais do primeiro grau. Seu pai, 40 anos, é motorista de ônibus em Salvador e concluiu o primeiro grau.

Marília, 14 anos, 6ª série

Marília, filha única de pais separados, mora com avó desde que nasceu. Seus pais são evadidos das séries iniciais do primeiro grau e residem em Salvador. Sua mãe é empregada doméstica e o pai, porteiro de condomínio. Sua avó, 58 anos, está aposentada e evadiu-se das séries iniciais do primeiro grau. Reside também com a avó uma tia, 19 anos, que cursa a 6ª série. Sua mãe é empregada doméstica. Não soube informar a profissão do pai.

Fabrcio, 12 anos, 4ª srie

Fabrcio, filho nico de pais separados, reside com avo h 10 anos. Seu pai reside em Salvador e sua me em Mercs. Residem ainda com avo: tia, 13 anos, cursando a 2ª srie; tia, 28 anos, desempregada e tio, 25 anos, vigilante. Seu pai concluiu o primeiro grau e dono de restaurante. Sua me evadiu-se das sries iniciais do primeiro grau e dona-de-casa.

Sueli, 16 anos, 8ª srie

Sueli pertence a uma famlia do tipo nuclear completa. Tem um irmo, 19 anos, cursando a 6ª srie e mais 5 irmos, todos evadidos das sries iniciais do primeiro grau e residentes em Feira de Santana, onde trabalham. Seu pai, 72 anos, evadiu-se na 2ª srie do primeiro grau e carpinteiro. Sua me, 56 anos, evadiu-se na 2ª srie do primeiro grau e dona-de-casa.

Caracterizando as famlias de jovens bem-sucedidos residentes na zona rural, temos: 3 desses jovens pertencem a famlias do tipo nuclear completa, 2 residem com avs e 1, tendo residido com a avo at o ano passado, reside com tios atualmente.

Conduzindo uma anlise da vida escolar dos irmos desses jovens, ressaltando o fato de trs deles serem filhos nicos, observamos, em um universo de 18 sujeitos, que: 15 so evadidos das sries iniciais do primeiro grau, 2 esto frequentando a escola atualmente e somente 1 (irma) concluiu o segundo grau (magistrio).

Analisando a vida escolar dos genitores desses jovens, encontramos: 5 mes e 4 pais so evadidos das sries iniciais do primeiro grau, e 2 pais concluram o primeiro grau e 1 me concluiu o segundo grau (magistrio). Sobre a vida profissional desses mesmos genitores, temos: com exceo de um dois pais, cuja profisso desconhecida pela filha, todos os outros possuem profisso definida e esto atualmente inseridos no mercado de trabalho; 2 mes trabalham fora de casa, 3 so donas-de-casa e 1 professora aposentada.

3.1.2 A Rotina de Jovens Bem-Sucedidos

Analisemos a seguir a rotina de nossos jovens bem-sucedidos entrevistados:

Quadro 4: Rotina de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Central

Adson, 14 anos, 7ª srie

Neste ano letivo que findou, Adson trabalhou como boleiro para um professor de tnis no perodo da manh; a tarde ia para a escola e a noite tinha aula de violo. Fazia as tarefas quando chegava da escola no final da tarde. Tambm participou de um grupo de teatro na escola. Gosta de passar o tempo lendo quadrinhos e poemas.

Carina, 13 anos, 7ª série

Durante o ano letivo, ajuda nas tarefas domésticas e faz os deveres da escola de manhã, à tarde vai para a escola e à noite assiste TV.

Diego, 13 anos, 7ª série

Durante o período letivo faz as tarefas e, às vezes, joga bola pela manhã, vai para a escola à tarde e à noite assiste TV em casa ou sai para passear. Neste período de férias está fazendo curso de datilografia e trabalha como *office-boy*. Quando recommençar o período letivo, pretende trabalhar somente três vezes por semana.

Georgia, 15 anos, 8ª série

Durante o período letivo, Georgia faz suas tarefas pela manhã e ajuda na execução de serviços domésticos, vai para a escola à tarde e à noite assiste TV e estuda. Atualmente está freqüentando um pré-vestibular para ingressar na Escola Técnica Federal.

Gilson, 15 anos, 8ª série

Durante o período letivo faz as tarefas e assiste TV pela manhã, à tarde vai para a escola e à noite passeia pela rua para conversar com os amigos. Em períodos de exames, estuda à noite e revisa os assuntos pela manhã.

Elisângela, 15 anos, 7ª série

Ajuda nas tarefas domésticas pela manhã, vai para a escola à tarde e à noite estuda, vê TV e conversa com o namorado.

Observamos que, independente do gênero, todos os jovens residentes na zona urbana central entrevistados dedicam parte do tempo de suas rotinas diárias para fazer suas tarefas da escola; também todos eles usam parte do tempo dos seus dias para desenvolverem atividades lúdicas como assistir TV e conversar com os amigos. Em uma clara divisão de papéis de gênero, todas as meninas ajudam na execução das tarefas domésticas enquanto nenhum dos meninos assim o faz. Dois garotos têm experiência no mercado formal de trabalho: um trabalhou como boleiro no ano que findou e o outro atualmente trabalha como *office-boy*. Um dos garotos parece possuir sensibilidade para as artes: fez aulas de violão e participou de um grupo de teatro. Uma das garotas investe em seu futuro estudantil freqüentando um curso preparatório para ingressar na Escola Técnica Federal.

Quadro 5: Rotina de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Periférica

Marcos, 15 anos, 8ª série

Durante o período letivo vai para escola à tarde e à noite fica em casa. Faz as tarefas pela manhã. Atualmente faz um curso de informática.

Marcela, 16 anos, 8ª série

Durante o período letivo, ajuda nas tarefas domésticas pela manhã, vai para a escola à tarde e à noite faz os deveres, estuda, assiste TV e ouve música. Atualmente faz curso de informática.

William, 16 anos, 8ª série

Durante o período letivo, ajuda a mãe pela manhã na realização de pagamentos e compras; também estuda e assiste TV; vai para a escola à tarde e à noite participa de um grupo de jovens da Igreja Adventista (coral e grupo de estudos dos evangelhos).

Camila, 15 anos, 8ª série

Durante o período letivo, ajuda a mãe nas tarefas domésticas e ouve música no período da manhã, vai para a escola à tarde e à noite faz as tarefas da escola e assiste TV.

Lázaro, 15 anos, 8ª série

Durante o ano letivo, estuda pela manhã, à tarde vai para a escola e à noite gosta de ficar em casa assistindo TV. Atualmente faz curso de informática e se prepara para o exame de admissão da Escola Técnica Federal.

Marli, 15 anos, 8ª série

Durante o período letivo, ajuda na execução das tarefas domésticas, vai para escola à tarde e à noite assiste TV e conversa com amigos. Em dias de exame, estuda de manhã e à noite.

Todos os jovens residentes na zona urbana periférica entrevistados dedicam parte do dia para execução das tarefas escolares. Também todos eles desenvolvem atividades lúdicas principalmente no período noturno. Três deles, dois garotos e uma garota, fazem curso de informática. Um desses garotos, além do curso de informática, frequenta ainda um curso preparatório para prestar exames de ingresso na Escola Técnica Federal. Todas as garotas ajudam na execução das tarefas domésticas. Somente um garoto faz referência ao fato de auxiliar nas tarefas domésticas; ressaltamos que as tarefas referidas pelo garoto se restringem a efetuar compras e pagamentos. Um dos garotos participa de um grupo religioso para estudos dos Evangelhos e prática de coral.

Quadro 6: Rotina de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Rural

Welber, 13 anos, 6ª série

Durante o período letivo, estuda e joga bola pela manhã, vai para a escola à tarde e à noite assiste TV e/ou conversa com os colegas.

Josilma, 11 anos, 6ª série

Durante o período letivo, ajuda nas tarefas domésticas e estuda pela manhã, à tarde vai para a escola e à noite assiste TV, estuda e sai com as amigas.

Gustavo, 15 anos, 5ª série

Durante o período letivo, faz as tarefas pela manhã ou à noite. Gosta de brincar, jogar futebol e assistir TV. Vai para a escola à tarde.

Marília, 14 anos, 6ª série

Durante o período letivo, ajuda nas tarefas domésticas, estuda e assiste TV pela manhã, à tarde vai para a escola e à noite assiste TV.

Fabrcio, 12 anos, 4ª série

Durante o período letivo, vai para escola de manhã, à tarde, depois de fazer as tarefas, brinca de bola e de bicicleta; assiste TV à noite. Participa de um grupo de jovens da sua igreja.

Sueli, 16 anos, 8ª série

Sua família é muito religiosa. Frequenta a Igreja das Testemunhas de Jeová às terças, sábados e domingos. Segundo a jovem, sua rotina se resume aos trabalhos domésticos e escolares, à escola e à igreja.

Todos os jovens residentes na zona rural entrevistados dedicam parte do tempo do dia para execução das tarefas escolares. Cinco deles fazem referências explícitas às atividades lúdicas que fazem parte de suas rotinas, tais como: assistir TV, conversar com os amigos, brincadeiras, etc. A exceção é uma jovem testemunha de Jeová, a única de todos os entrevistados que não faz referência explícita a qualquer tipo de atividade lúdica. Seu universo lúdico se resume, ao que parece, a frequentar igreja. Também um dos entrevistados frequenta igreja, mais especificamente *um grupo de jovens*. Todas as garotas ajudam na execução das tarefas domésticas, enquanto que nenhum dos garotos faz referência a esse tipo de ajuda em seus depoimentos.

3.1.3 A História Escolar de Jovens Bem-Sucedidos

Passemos a seguir a analisar a estória escolar de jovens bem-sucedidos tal como contada por eles:

Quadro 7: História Escolar de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Central

Adson, 14 anos, 7ª série

Adson sempre foi aluno de escola pública. É aluno da presente escola desde a 5ª série.

Depoimento: *"No primário foi bom. Eu respeitava todos e todos gostavam de mim. Se é uma coisa que nunca fui foi tímido, nem quando entrei na escola. Gosto de participar das coisas que me interessam (...) Minha mãe me botava para fazer os deveres e eu quebrava a cabeça para fazer, sem perguntar nada a ninguém. Se eu quero aprender alguma coisa tenho que me esforçar para aprender, senão vou ficar acostumado a ter tudo mastigadinho (...) Por isso, sempre procurei me virar sozinho. Quando, às vezes, eu pedia pra minha mãe e ela não sabia, eu esperava meu pai chegar para me ajudar."*

Carina, 13 anos, 7ª série

Carina estudou até a 4ª série em escola particular. É aluna da presente escola desde a 5ª série.

Depoimento: *"Com meus colegas a relação sempre foi boa. Eu converso muito, sempre tem alguém para conversar durante as aulas. Os professores reclamam, mas depois eu peço para eles explicarem. Uns explicam, outros se zangam. Se a aula for interessante, eu presto atenção. Até a 4ª série estudei em escola particular, mas não achei que mudou muito. É a mesma coisa de antes. Nesta série atual tem uns professores chatos, a maioria é estagiário. A turma é legal. Eu me dou com todos. Este ano foi o que senti mais dificuldade, mas passei direto (...) Minha mãe me ensinava um pouco, mas eu sempre me esforcei sozinha. Ela começou a trabalhar fora de casa no ano passado, mas ela sempre me ensinou e quando tem reunião no colégio, ela vai."*

Diego, 13 anos, 7ª série

Diego estudou em escola particular até a 4ª série. Estuda na presente escola desde a 5ª série.

Depoimento: *"Eu era quieto, não perturbava e não conversava com os colegas porque eram chatos. Eu só tinha colegas CDF até a 3ª série (...) Depois na 4ª série eu me desenvolvi mais, encontrei meninos do meu tamanho e maiores, foi bem melhor. Na Escolinha Flor do Carmo era ótimo e os professores eram meus amigos. Mas na Escola San Martin era chato, a professora reclama de tudo. Na Escola Recanto de Aprender a professora explicava bem. Quando passei para o Polivalente [atual escola], estranhei porque eram vários professores (...) Eu fazia os deveres sozinho e*

minha mãe olhava se a letra estava boa. Minha mãe acompanhava mais do que meu pai porque ele chegava sete da noite."

Georgia, 15 anos, 8ª série

Georgia estudou em escola particular até a 3ª série. Estuda na presente escola desde a 4ª série.

Depoimento: *"Quando passei a estudar em colégio público senti a diferença porque os professores só ensinam por alto os assuntos, não aprofundam muito (...) Os alunos da escola pública não têm base. Não sei se é por causa da Secretaria de Educação ou se os professores são muito novos, estagiários (...) Esta escola tem tudo para dar certo. Só precisa do apoio da Secretaria de Educação, mudar os alunos porque tem uns que não se pode nem conversar com eles. Os professores querem é ganhar, para ele tanto faz se alunos aprenderam (...) Meus pais me dão muita força (...) Tiro dúvidas com eles. Meu pai é quem vai para as reuniões porque ele ensina capoeira na escola (...) Quem fica mais no meu pé para eu estudar é minha mãe."*

Gilson, 15 anos, 8ª série

Gilson estudou em escola particular até a 4ª série. Estuda na presente escola desde a 5ª série.

Depoimento: *"A escola particular era puxada. Se alguém aprontasse, comunicavam logo aos pais. Os professores explicavam direito, mas também castigavam (...) Quando passei para a escola pública, achei meio desorganizada e grande. Tem professores que ensinam bem, mas uns botam a gente para quebrar a cabeça sem explicar o assunto. (...) Eu sou tímido com os colegas. Não gosto de conversar em sala. Sou um aluno que participo, faço os trabalhos, leio muito, tiro dúvidas, só isso. Meus irmãos me ajudam em matemática e em alguns trabalhos complicados, mas na maioria das vezes eu prefiro me virar sozinho. Minha mãe ia as reuniões, mas esse ano não teve."*

Elisângela, 15 anos, 7ª série

Elisângela sempre estudou em escola pública. Estuda na presente escola desde a 5ª série.

Depoimento: *"Minha mãe me ajudou muito a aprender a escrever. Eu era muito tímida até a 3ª série, mas depois que entrei para a escola de artes, Hora da Criança, eu me desinibi. Lá tinha aulas de dança, música e teatro. Fiz o primário no Colégio Estadual Pedro Tenório. Eu me sentia diferente das outras meninas. Elas eram mais desinibidas. Minha mãe não deixava eu sair para qualquer lugar e para brincar com as outras crianças. Eu ficava dentro de casa com os meus irmãos, todos homens. Acho que por isso era tímida na escola e tinha vergonha de fazer pergunta na sala. Hoje sou mais amiga dos professores e colegas."*

Quatro dos seis jovens da zona urbana central entrevistados cursaram as séries iniciais do primeiro grau em escola particular, três deles até a 4ª série e um até a 3ª série, e dois desses jovens sempre foram alunos de escola pública. Desses quatro jovens, dois registraram em seus depoimentos suas insatisfações com a escola pública:

" Quando passei a estudar em colégio público senti a diferença porque os professores só ensinam por alto os assuntos, não aprofundam muito. Os alunos de escola pública não têm base." (Georgia, 15 anos)

" Quando passei para a escola pública, achei meio desorganizada e grande. Tem professor que ensina direito, mas tem outros que bota a gente pra quebrar a cabeça." (Gilson, 15 anos)

Dois jovens, Diego e Elisângela, atribuem à escola um papel importante no curso de seus processos de socialização. Caracterizando-se como inicialmente tímidos, ambos registram em suas histórias escolares uma gradativa mudança de comportamento que os tornou mais sociáveis com os colegas:

"Eu era quieto (...) Depois, na quarta série, eu me desenvolvi mais, encontrei meninos do meu tamanho e maiores, foi bem melhor." (Diego, 13 anos)

"Eu era muito tímida até a 3ª série, mas depois que entrei pra escola de artes, Hora da Criança, eu me desinibi." (Elisângela, 15 anos)

A figura da mãe se encontra presente em todas as histórias escolares contadas pelos jovens, desempenhando importante papel no processo de escolarização de cada um deles. A figura do pai se encontra mencionada em três das seis histórias, mas como ator coadjuvante:

"Quando, às vezes, eu pedia pra minha mãe e ela não sabia, eu esperava meu pai chegar pra me ajudar." (Adson, 14 anos)

"Minha mãe acompanhava mais do que meu pai porque ele chegava sete da noite." (Diego, 13 anos)

"Meu pai é quem vai para as reuniões porque ele ensina capoeira na escola (...) Quem fica mais no meu pé para eu estudar é minha mãe." Georgia (15 anos)

Chamou-nos ainda atenção o fato de três dos seis jovens, dois garotos e uma garota, registrarem o caráter de independência em seus processos de aprendizagem:

"Se eu quero aprender alguma coisa, tenho que me esforçar para aprender, se não vou ficar acostumado a ter tudo mastigadinho (...) Por isso, sempre procurei me virar sozinho." (Adson, 14 anos)

"Minha mãe me ensinava um pouco, mas eu sempre me esforcei sozinha." (Carina, 13 anos)

"Meus irmãos me ajudam em matemática e alguns trabalhos complicados, mas na maioria das vezes prefiro me virar sozinho." (Gilson, 15 anos)

Quadro 8: História Escolar de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Periférica

Marcos, 15 anos, 8ª série

Marcos estudou em escola particular até a 4ª série. Estuda na presente escola desde a 5ª série.

Depoimento: *"No primário eu era perturbado porque eu tinha muitos colegas perturbados, então eu perturbava também, mas fora da sala eu considerava as professoras como tias e os colegas como amigos e até hoje é assim. Meus pais só viam meus deveres à noite quando vinham me visitar. Eles vêm todo dia aqui. Minha vó e minha prima me ajudavam durante o dia. Quando passei para a escola pública, senti o preconceito por parte do pessoal que achava que eu era metido, tinha dinheiro e era rico. A turma não se separou desde a 5ª série. Isso foi bom porque nos tornamos grandes amigos."*

Marcela, 16 anos, 8ª série

Marcela estudou em escola particular até a 4ª série. Estuda na presente escola desde a 5ª série.

Depoimento: *"Na escola particular, os professores se relacionavam mais com os alunos porque tinha menos alunos. Nas escolas públicas, as turmas são grandes, mas sempre me relacionei bem com os professores e colegas. (...) Aí no Anfrísia [colégio] só tem professores e estagiários bons, se não não ficavam no colégio. Minha mãe me acompanhava na escola quando eu era pequena (...) Meu pai olhava minhas notas no boletim, mas os deveres, não. Sempre converso com eles sobre os meus trabalhos e o que aprendo na escola. Meus pais se separaram quando eu tinha meses e minha mãe morou pouco tempo aqui na casa dos meus avós paternos."*

William, 16 anos, 8ª série

William estudou em escola particular até a 3ª série. Estuda na presente escola desde a 5ª série.

Depoimento: *"Eu gostei de ter mudado tanto de escola porque ficar sempre na mesma escola é chato. No meu dizer, meu comportamento é ótimo. Acordava cedo, era o primeiro a chegar na escola. Minha mãe ficava fascinada, diz que eu sou o orgulho da família porque meus irmão pra estudar...é difícil pegarem num livro. O relacionamento com os professores também era bom. Trato todos os colegas igual. Sempre fiz meus deveres sozinho. (...) Ela [a mãe] ia pras reuniões, olhava boletim, cadernos, provas. Ela disse que via minha pasta de noite sem eu saber, pra ver se estava tudo bem na escola. Meu padrasto ajuda mais meu irmão caçula."*

Camila, 15 anos, 8ª série

Camila estudou em escola particular até a 4ª série. Estuda na presente escola desde a 5ª série.

Depoimento: *"Sempre me relacionei bem com as professoras. (...) Até a 4ª série quem mais me ajudava nos estudos era minha mãe. Meu pai me deu mais assistência no ginásio. Ele que resolvia os problemas das reuniões, pedia esclarecimento para as professoras (...) Eu não queria ir para colégio público, mas minha mãe me matriculou. Tem uma parte boa e uma parte má, mas eu me acostumei. Eu achei que foi uma mudança muito brusca porque na escola particular eu achava que porque minha mãe estava pagando eu podia tudo, exigia e cobrava mais. Na escola pública, se o professor não está ensinando bem, eu tinha que reclamar com a diretora e você sabe como são essas coisas, né? Muitos professores eram bons, mas tinha uns que não eram assíduos e os alunos é que ficavam prejudicados."*

Lázaro, 15 anos, 8ª série

Lázaro estudou em escola particular até a 3ª série. Estuda na presente escola desde a 4ª série.

Depoimento: *"No começo fui pegando a amizade dos colegas com o tempo. Os professores tinham cuidado com a gente. Eu sentia dificuldades em matemática. Estava acostumado com um professor na escola particular e depois fiquei com três na 4ª série. Quando passei para a escola estadual, eu era desconfiado com os colegas, mas em dois meses fui me enturmando e a maioria deles me acompanhou até a 8ª série. Quando meu pai morava com a gente, à noite, ele me acompanhava nos estudos. Minha mãe não tinha muito tempo para ajudar, mas agora ela incentiva bastante (...) Ela ia a todas as reuniões do colégio. No início deste ano fiquei traumatizado com a separação dos meus pais e fiquei com notas baixas na primeira unidade. Com o tempo fui me acostumando e melhorei nas notas. Não vejo meu pai há quase um ano. Minha irmã já era agitada e ficou rebelde (...) Ela ainda não se conformou."*

Marli, 15 anos, 8ª série

Marli sempre foi aluna de escola pública. Estuda na presente escola desde a 1ª série.

Depoimento: *"Da 1ª à 4ª série nunca tomei um 5, sempre tirei de 7 para cima, brincava com as meninas, mas não bagunçava durante as aulas. Ainda hoje sou tímida pra perguntar. Eu perguntava mais aos colegas. Estudo no Anfrísia desde a 1ª série. Todos os professores eram bons (...) Minha mãe não se preocupava com os meus deveres porque sabia que eu gostava de estudar. Mas com deveres dos meus irmãos, ela fica em cima. Meu pai não se preocupava, meus irmãos homens não querem nada com os estudos, só eu e minha irmã."*

Cinco dos seis jovens entrevistados residentes na zona urbana periférica cursaram as séries iniciais do primeiro grau em escolas particulares e somente uma jovem sempre foi aluna de escola pública. Quatro deles registraram em seus depoimentos terem

sentido, ainda que de formas diferentes, a mudança da escola particular para a escola pública:

"Quando passei para a escola pública, senti o preconceito por parte do pessoal que achava que eu era metido, tinha dinheiro e era rico." (Marcos, 15 anos)

"Quando passei para a escola estadual, eu era desconfiado com os colegas, mas em dois meses fui me enturmando e a maioria deles me acompanhou até a 8ª série." (Lázaro, 15 anos)

"Na escola particular, os professores se relacionavam mais com os alunos, porque tinha menos alunos. Nas escolas públicas as turmas são grandes, mas sempre me relacionei bem com os professores e colegas." (Marcela, 15 anos)

"Eu não queria ir para colégio público, mas minha mãe me matriculou. Tem uma parte boa e uma parte má, mas eu me acostumei." (Camila, 15 anos)

O acompanhamento da história escolar desses jovens residentes na zona urbana periférica traz singularidades que aqui registramos: dois deles, Marcos e Marcela, primos e residentes na mesma casa com os avós, filhos de pais separados, ainda hoje contam com o apoio sistemático dos pais que os visitam com frequência. Um dos entrevistados, William, conta com o apoio sistemático da mãe, muito embora faça questão de frisar que faz os deveres sozinho. Uma das entrevistadas, Marli, não conta com o acompanhamento sistemático da mãe porque esta, sabendo do interesse da jovem pelos estudos, ela prefere dedicar tempo aos filhos homens que, ainda segundo a jovem, não gostam de estudar. A jovem Camila tinha apoio da mãe durante o primário, mas agora no ginásio conta com um apoio mais sistemático do pai. Já o jovem Lázaro tinha o apoio do pai quando ainda morava com ele, já que sua mãe não tinha muito tempo para acompanhar suas tarefas escolares. Com a separação dos pais, Lázaro passa então a contar com o apoio da mãe. Todas as histórias, todavia, mostram claramente que esses jovens contam com acompanhamento dos familiares em suas vidas escolares, ainda que a jovem Marli declare:

"Minha mãe não se preocupava com os meus deveres porque sabia que eu gostava de estudar. Mas com os deveres dos meus irmãos, ela fica em cima." (Marli, 15 anos)

Um dado relativo a pais separados nos chamou atenção no depoimento desses jovens. A separação dos pais do jovem Lázaro, 15 anos, causou mudanças significativas em sua história escolar e mudanças no comportamento de sua irmã. Além do fato do acompanhamento de seu desempenho escolar passar de seu pai para sua mãe, Lázaro atribui o seu baixo rendimento no início do ano ao trauma que a separação lhe causou:

"No início deste ano fiquei traumatizado com a separação dos meus pais e fiquei com notas baixas na primeira unidade. Com o tempo fui me acostumando e melhorei nas notas. Não vejo meu pai há quase um ano. Minha irmã era agitada e ficou rebelde. Ela ainda não se conformou." (Lázaro, 15 anos)

Também filha de pais separados é a jovem Marcela, 16 anos. Todavia, segundo seu depoimento, a separação se deu quando ela ainda tinha meses e desde então mora com os avós paternos. Não obstante a separação, a jovem declara sempre conversar com os pais sobre os seus trabalhos escolares e o que aprende na escola. Tal declaração sugere que os pais de Marcela acompanham sua vida escolar com frequência, não obstante se encontrarem há tanto tempo separados.

Quadro 9: História Escolar de Jovens Bem-Sucedidos Residentes Na Zona Rural

Welber, 13 anos, 6ª série

Welber sempre estudou em escola pública. Estuda na presente escola desde a 3ª série.

Depoimento: *"Meu comportamento era bom no primário, não bagunçava, pedia aos professores para explicarem as dúvidas. Eu me sentia bem na escola, gostava das aulas e de passar nas provas. Os professores eram bons, eu não reclamava deles, eles ensinavam bem os assuntos. Uns colegas ajudavam os outros nos deveres, a relação era de amizade. É preciso ter bom caráter para ser amigo. Sempre tive mais amigos homens. Meus pais sempre me acompanharam, principalmente minha mãe que ia nas reuniões do colégio. (...) Acho que os professores do ginásio são melhores que os do primário."*

Josilma, 11 anos, 6ª série

Josilma sempre estudou em escola pública. Estuda na presente escola desde a 2ª série.

Depoimento: *"No primário era melhor porque tinha mais brincadeira. Sempre fui bem comportada, sou quieta e participo das aulas e tiro as dúvidas com os professores. Só estudo e faço amigos com colegas que eu confio. Tem gente que não é de confiança. Os colegas grandes invejam eu e outra menor que eu porque estamos na 6ª série. Eles acham que a gente deveria estudar com os meninos pequenos. Meus pais me ensinam o que eu não sei. Minha mãe vai mais às reuniões na escola que meu pai. Este ano não teve chamada para reunião com os pais. Eles compram os meus livros."*

Gustavo, 15 anos, 5ª série

Gustavo sempre foi aluno de escola pública; estuda na presente escola desde a 3ª série.

Depoimento: *"Eu era um aluno muito envergonhado. Enquanto não aprendesse ficava calado, não tirava dúvidas com os professores. Passava em todas as matérias, menos em matemática. Agora na 5ª série tenho dificuldades em geografia e em inglês. No primário os colegas eram melhores porque brincavam mais. Minha avó*

não sabia ler nem escrever e não me obrigava a estudar. Meus tios me ajudam, tiraram minhas dúvidas."

Marília, 14 anos, 6ª série

Marília sempre foi aluna de escola pública. Estuda na presente escola desde a 5ª série.

Depoimento: *"Tenho uma boa relação com os professores, mas tenho vergonha de tirar dúvidas na aula. (...) Na sala, ora eu abuso, ora eu fico quieta (...) Tinha umas colegas que eram abusadas que tomavam a merenda das outras (...) Tinha uma tia que me ajudava, mas nunca ninguém me acompanhou nos estudos."*

Fabício, 12 anos, 4ª série

Fabício sempre foi aluno de escola pública. Estuda na presente escola desde a 4ª série

Depoimento: *"Nunca estranhei na escola e progredi bem até a 3ª série. Na 3ª série fiz bagunça com os colegas na sala e fiquei com nota baixa porque a professora me tirava ponto porque na hora do dever eu ficava perguntando para os colegas se estava certo e ela pensava que eu tava conversando. Aí eu tive de me esforçar na quarta unidade para passar sem recuperação e passei. Os professores tudo me elogiava. Eu fazia todos os deveres, tirava dúvidas, ia no quadro. (...) Converso mais com os meninos porque as meninas, quando a gente conversa, diz que a gente tá com maldade. (...) Estudo só. Minha vó quer que eu faça letra bonita. Antes eu pedia ajuda dos meus tios ou de minha prima. Agora eu leio e gravo as respostas e respondo como a própria professora me ensinou."*

Sueli, 16 anos, 8ª série

Sueli sempre foi aluna de escola pública. Estuda na presente escola desde a 5ª série.

Depoimento: *"Comecei a estudar com sete anos e com duas semanas já estava lendo e escrevendo todas as letras da cartilha. Desde cedo me destaquei bem na leitura e na escrita na escola. Na 3ª série tive que fazer recuperação em estudos sociais pois não alcancei a média por três motivos: o professor não era bom, o conteúdo era difícil e eu estudei pouco nessa matéria para caprichar mais nas outras que passei direto. Sou uma aluna de notas altas, 8,9 e 10, mas na 7ª série perdi em matemática e passei de ano no Conselho de Professores. Isso aconteceu por causa do professor que não explicava direito, foi assim com a turma quase toda (...) Este ano estou praticamente passada (...) Sempre faço perguntas aos professores quando tenho dúvidas. Faço todos os exercícios. Só falto à escola se estiver doente. Sou avaliada como aluna de bom comportamento. Meus pais sempre se preocuparam com nossos estudos. Eles querem que a gente aproveite o que eles não tiveram. No período das provas, eles não deixam a gente trabalhar para estudar — é que eu ajudo em casa e o meu irmão, na roça (...) Como meus pais não tiveram muito estudo, eles não sabem acompanhar o que eu aprendo na escola."*

Todos os jovens bem-sucedidos residentes na zona rural entrevistados sempre estudaram em escola pública. Todos eles declararam ainda possuir boas relações com professores e colegas em suas histórias escolares. Dois registraram a perda do aspecto lúdico da escola na passagem do primário para o ginásio.

O acompanhamento da história escolar de três desses jovens, um garoto e duas garotas, é feito por seus pais. As mães têm uma presença mais pró-ativa do que os pais em dois desses três casos, Welber e Josilma, porque participam das reuniões da escola quando convocadas. Não obstante, é o depoimento da jovem Sueli que melhor traduz a importância que a história escolar dos filhos pode assumir para os pais:

"Meus pais sempre se preocuparam com os nossos estudos. Eles querem que a gente aproveite o que eles não tiveram. No período de provas, eles não deixam a gente trabalhar para estudar — é que eu ajudo em casa e meu irmão, na roça." (Sueli, 16 anos)

Uma das jovens, Marília, embora declare que uma de suas tias a ajudava, afirma que ninguém nunca a acompanhou nos estudos. Também declara estudar sozinho o jovem Fabrício. Segundo ele, antes contava com ajuda dos tios e de sua prima, mas agora grava as respostas e faz perguntas para si mesmo. Sua avó cobra apenas que ela faça letra bonita. Já com o jovem Gustavo, por sua avó não saber ler ou escrever, nunca o obrigou a estudar. Quando tem dúvidas, ele recorre aos tios.

Dois registros de auto-estima merecem a nossa atenção dentre os discursos desses jovens, consideradas as condições adversas em que vivem — sertão da Bahia:

"Nunca estranhei na escola (...) Os professores tudo me elogiava. Eu fazia todos os deveres, tirava dúvidas, ia no quadro..." (Fabrício, 12 anos)

"Comecei a estudar com sete anos e com duas semanas já estava lendo e escrevendo todas as letras da cartilha. Desde cedo me destaquei bem na leitura e na escrita na escola (...) Sou uma aluna de notas altas (...) Faço todos os exercícios. Só falto à escola se estiver doente. Sou avaliada como aluna de bom comportamento." (Sueli, 16 anos)

3.1.4 A Escola nos Depoimentos de Jovens Bem-Sucedidos

Passemos a seguir a analisar o universo escolar tal como é percebido no depoimento de jovens bem-sucedidos:

Quadro 10: Escola Segundo Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Central

Adson, 14 anos, 7ª série

Depoimento: "No geral, acho a escola boa, mas precisa melhorar. A direção do colégio deve melhorar. A Secretaria de Educação deve mandar professores mais capacitados. O professor de matemática disse que se o aluno não aprendesse, que

ele estaria lá pra ensinar de novo no ano que vem. Eu disse a ele que, bem ou mal pago, o professor devia ensinar ao aluno e não desestimular (...) Os conteúdos de técnicas comerciais não são suficientes, não ensinam nada (...) No colégio tem atividades boas, mas nem todo mundo aproveita. Tem teatro e o projeto de educação ambiental em que os pais e alunos são convidados a participar, mas poucos se dispõem a ir. Tem colegas que querem alguma coisa, mas tem outros que conversam e tiram a atenção de quem quer aprender. Hoje dá para perceber como a escola é importante porque até para entrar para LIMPURB tem de fazer vários testes. Eu me preparo para competir. O que mais gosto da escola é de uns professores e da vice-diretora, o que menos gosto é da diretora e dos funcionários ignorantes."

Carina, 13 anos, 7ª série

Depoimento: "Gosto da minha escola. A escola é importante para eu arranjar um emprego fixo no futuro. Ela prepara para o segundo grau. Acho que português e física ajudam na vida diária. O que mais gosto são os colegas e os funcionários. O que menos gosto são as aulas chatas de história e geografia."

Diego, 13 anos, 7ª série

Depoimento: "Acho que o Polivalente tem o melhor ensino de todas as escolas daqui, é mais puxado e mais forte. Os alunos de outras escolas saem das salas no meio da aula, não usam fardas, vão de chinelo. No Poli não acontece isso. O que mais gosto é do professor de português porque mantém a disciplina e ensina também as coisas da vida. O que menos gosto é dos alunos agressivos com os professores estagiários. Tem estagiários que não ficam três meses, outros nem uma semana. Uma estagiária de história chorou por causa deles. Eles dizem que os estagiários deixam eles fazerem o que eles querem porque têm medo deles. A escola é importante para garantir um futuro melhor pra mim (...) arrumar um bom emprego hoje só pra quem tem estudo."

Georgia, 15 anos, 8ª série

Depoimento: "A escola mudou pra melhor desde que eu entrei nela. Os professores dão aulas com vídeo, mapas, tem palestras sobre sexo, AIDS, racismo, tem opção de teatro e capoeira. O professor de teatro traz colegas dele para dar aula de dança, dicção, relaxamento, alongamento, música (...) A escola foi reformada em 92, mas os baderneiros quebraram muita coisa (...) Não me vejo sem estudar. Não agüento ficar sem escola. Ela é pra mim tudo porque educa as pessoas, ajuda a como se preparar para a vida e conseguir os objetivos. O que mais gosto da escola é a preocupação que alguns profissionais têm com a gente. O que menos gosto é de alguns alunos porque são invejosos, críticos e querem ver você para baixo, no fundo do poço."

Gilson, 15 anos, 8ª série

Depoimento: "A escola é boa. A vice-diretora e o professor de teatro participam bastante, promovem eventos, palestras e campeonatos. O que mais gosto do colégio

são os eventos porque os alunos gostam de participar e o que eu menos gosto é da má utilização da área do colégio. Deveria ter programação para os alunos jogarem totó, pingue-pongue e nas quadras. Sempre ficam os mesmos jogando. Hoje em dia quem não estuda não vai ter bom futuro. Tem de estudar para ser alguém importante na vida, ter um emprego decente e estabilidade."

Elisângela, 15 anos, 7ª série

Depoimento: "Acho a escola ótima. Os professores ensinam bem, Queria que tivesse o segundo grau no Polivalente pra eu continuar estudando lá. É a melhor escola daqui desta área. O que mais gosto na escola é a sala de vídeo e o ensino. O que menos gosto é das aulas de técnicas agrícolas porque eu não me identifico com essa matéria e é obrigatória. Gosto dos meus colegas, mas eles não estudam. Apenas três são estudiosos. Somos todos os trinta e nove unidos, não tem discussão (...) A escola é muito importante pra mim porque quero ser alguém na vida, quero um futuro melhor e um bom emprego."

Todos os seis jovens residentes na zona urbana central entrevistados reconhecem a importância da escola em suas vidas. São unânimes no reconhecimento de que a escolaridade desempenhará um papel fundamental na garantia de um futuro melhor para eles, notadamente na garantia de melhores oportunidades de emprego. Somente uma jovem, Georgia, faz alusão ao papel da escola na formação do caráter do indivíduo:

"A escola pra mim é tudo porque educa as pessoas, ajuda a como se preparar para a vida e a conseguir os objetivos." (Georgia, 15 anos)

Os jovens entrevistados avaliam a escola em que estudam entre boa e ótima, não obstante apontem suas falhas. Dentre as coisas que caracterizam as escolas positivamente encontramos: atividades de extensão (teatro, grupo de preservação ambiental, atividades esportivas, aulas de vídeo), o coleguismo e a qualificação de alguns professores, funcionários e membros da direção. Dentre as coisas que caracterizam a escola negativamente encontramos: alunos indisciplinados, atos de vandalismo por parte dos alunos, não-diversificação das atividades esportivas e a desqualificação de alguns professores, funcionários e membros da direção.

É importante que façamos o registro da importância dada por esses jovens às atividades de extensão como atividades que caracterizam a boa escola. Quatro, dos seis entrevistados, fazem referências explícitas a tais atividades quando perguntados sobre o que mais gostam da sua escola:

"O colégio tem atividades boas, mas nem todo mundo aproveita. Tem teatro e projeto de educação ambiental em que pais e alunos são convidados a participar, mas poucos se dispõem a ir." (Adson, 14 anos)

"(...) tem palestras sobre AIDS, racismo, tem opção de teatro e capoeira. O professor de teatro traz colegas dele para dar aula de dança, dicção, relaxamento, alongamento, música (...)" (Georgia, 15 anos)

"A vice-diretora e o professor de teatro participam bastante, promovem eventos, palestras e campeonatos." (Gilson, 15 anos)

"O que mais gosto da escola é da sala de vídeo e do ensino." (Elisângela, 15 anos)

Um ponto de caracterização negativa da escola merece nosso comentário. Trata-se do caráter obrigatório da disciplina técnicas agrícolas, sublinhado pela jovem Elisângela. É no mínimo estranho que uma escola situada na zona central de um grande centro urbano como a cidade de Salvador, a terceira maior do país, tenha em sua grade curricular uma disciplina obrigatória de cunho essencialmente rural. Não é, pois, estranho que a nossa jovem declare não se identificar com tal disciplina.

Quadro 11: Escola Segundo Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Periférica

Marcos, 15 anos, 8ª série

Depoimento: "Os professores são ótimos. Tem uns que marcam a nossa vida porque se interessam com o que nós aprendemos. A escola é importante pra gente ser alguém na vida, aprender mais e ter mais educação. O que mais gosto da escola é dos professores, dos amigos e da diretora. O que menos gosto é do pouco material para trabalhar, às vezes, eu e minha prima pedimos a minha avó e levamos coisas de casa pra escola."

Marcela, 16 anos, 8ª série

Depoimento: "A escola é boa e organizada. Está faltando professores de geografia e de inglês. Tive aulas de jardinagem na 5ª série e de horticultura na 6ª série. Foi legal. A escola dá oportunidade da gente participar das coisas. Escrevo várias peças de teatro pras atividades da escola. Na Feira de Conhecimentos e em outras comemorações, a gente se prepara, ensaia e apresenta. Tem fitas gravadas porque a diretora paga pra alguém gravar e depois mostra pra quem quer assistir. As palestras e os trabalhos que são feitos junto com professores de outras matérias ficam bons porque os alunos participam mais. (...) A maioria dos alunos estuda há muito tempo na escola. Por isso é que todo mundo se conhece, sabem quem vai bem e quem vai mal e quase não há brigas. O estudo é tudo e sem estudo a gente não é nada. Quem está formado está sem emprego, imagine quem não se formar (...) A escola ensina muita coisa. Os trabalhos da escola me ajudaram a ficar mais solta porque eu era muito tímida e me dava uma tremedeira quando ia pro quadro. O que mais gosto da escola é dos meus amigos e do ensino dos professores. O que menos gosto é da falta de material e de laboratório. Deveriam mandar mais professores e não estagiários, mas acho que é melhor estagiário do que ficar sem professor."

William, 16 anos, 8ª série

Depoimento: *"Na escola falta professores de geografia, inglês, química e serviços bancários, estão com estagiários. Gosto da relação entre as diretoras e os alunos. A diretora é rigorosa e isso é positivo. Só que alguns alunos fogem do regulamento e às vezes tem suspensão (...) O ensino é de boa qualidade. Quando vejo que o professor é liberal, eu tiro dúvidas, senão eu tiro com os colegas (...) A escola tira o cidadão de ficar na rua, ensina coisas boas e ruins, ensina cidadania. Não acho que a escola vai ajudar na vida futura porque a realidade é diferente e o que encontraremos lá fora é mais difícil. O que mais gosto é o coleguismo, as diversões, o folclore, as dramatizações e o futebol. O que eu menos gosto é da rivalidade entre turmas porque eles não querem participar. querem competir, brigar."*

Camila, 15 anos, 8^a série

Depoimento: *"Na escola falta professor de inglês, geografia e ciências, mas depois colocaram um estagiário de ciências. A escola tem pouco espaço, tem duas quadras onde a gente faz atividades esportivas e, às vezes, usa pra comemorações. Os professores de português, matemática e física e história são ótimos. Como tenho dificuldade em matemática, faço banca [aula particular]. Meus colegas são maravilhosos (...) somos amigos fora da escola também. A escola é o futuro pra sua vida, garante um futuro legal para você. Garante uma profissão que o mercado de trabalho está pedindo. A escola ensina a viver, como lidar com as pessoas. Tudo isso tem dentro de uma escola, particular ou pública. Educação básica vem de berço, de casa, a escola só reforça. O que mais gosto na escola são os colegas e o ensino. É a melhor escola do subúrbio porque a diretora é rígida. O que menos gosto é do tamanho, tinha de ser maior, o governo deveria comprar mais área. Se tivesse segundo grau, eu continuaria no Anfrísia. Próximo ano terei de pegar ônibus para ir estudar e vai ser um sufoco. O subúrbio é discriminado pela Secretaria de Educação e as poucas escolas de segundo grau não oferecem opções."*

Lázaro, 15 anos, 8^a série

Depoimento: *"A escola não é das melhores, mas tem tudo para ser. Tem bons professores e a diretora ajuda muito. As pessoas dizem que a diretora é ruim, carrasco, ignorante, mas tem que ser rigorosa no trabalho (...) O que falta na escola é que deveria ter mais apoio do estado pra ficar igual às particulares, mas não tem muita verba. Todos os colegas são bacanas. (...) A escola é um meio de estudar e incentivar as pessoas a ingressar no trabalho. Tem gente que não consegue bom emprego porque não vai à escola. Muitos amigos deixam a escola por causa do vício, ficam fumando, bebendo, andam armados. Digo a eles que a escola é tudo na vida e aconselho não deixarem a escola (...) O que mais gosto da escola é do trabalho da diretora e o que menos gosto foi porque botou grade por dentro do colégio e atrapalhou a passagem das pessoas, antes o espaço era mais livre."*

Marli, 15 anos, 8^a série

Depoimento: "A escola melhorou muito depois que a diretora Aurelita entrou. Ela é rigorosa. Só não gosto dessa recuperação que quando o aluno perde na recuperação paralela, tem que fazer de novo no final do ano a recuperação daquela unidade. É bom pro aluno aprender mais, mas ficar na escola até 23 de dezembro é muito chato. Essa é a primeira vez que faço recuperação. Não ando com todos os colegas porque eles fazem turminhas e se acham melhores do que os outros (...) Não tenho o que me queixar dos professores e do estagiário. (...) As professoras que explicam bem, que dá pra pessoa pegar os assuntos são de matemática e português (...) A escola é meu futuro. Se eu não estudar nem pra graxeira vou prestar. Pra tudo, agora tem que ter o primeiro grau. A escola ensina o que acontece no dia-a-dia e o que a gente deve fazer (...) A escola é também um divertimento pra gente não ficar em casa. O que mais gosto são os professores e os colegas mais íntimos. O que menos gosto é da aparência da frente da escola (...) A pessoa que quer alguma coisa tem de lutar pelo seu objetivo, tem que estudar para passar de ano. O estudo não é bicho de sete cabeças."

Todos os jovens residentes na zona urbana periférica reconhecem a importância da escola em suas vidas. Três desses jovens consideram a escola de importância capital na formação do indivíduo e na abertura de melhores oportunidades no mercado de trabalho. Dois deles fazem referência à escola exclusivamente como instrumento para conseguir melhores oportunidades no mercado de trabalho e um dos jovens, apesar de considerar a importância da escola, não acredita na possibilidade de que possa lhe garantir um futuro melhor.

O grau de satisfação desses jovens residentes na zona periférica com a escola não é homogêneo. Em verdade, somente uma das entrevistadas, a jovem Marcela, declara explicitamente a sua satisfação com a escola na qual estuda. Dentre as coisas que esses jovens gostam na escola, encontramos: as atividades de extensão (teatro, vídeo, palestras, feiras de conhecimento, *shows* folclóricos), atividades esportivas, o desempenho de certos professores que se preocupam com a aprendizagem dos seus alunos, o desempenho de diretores e o coleguismo. Dentre as coisas que esses jovens não gostam na escola, encontramos: a falta de professores em determinadas disciplinas, o que obriga as escolas a contratar estagiários,¹ a falta de material para o bom funcionamento das aulas, o pouco espaço para as atividades sociais e esportivas e a rivalidade entre os alunos.

¹ A falta de professores nas escolas é suprida pela contratação de mão-de-obra não especializada de alunos dos diversos cursos das licenciaturas das universidades locais. Estes alunos, que exercem a função de professores sem qualquer acompanhamento das escolas ou secretarias de Educação, são conhecidos como estagiários, mas em verdade constituem mão-de-obra barata para os sistemas, que não parecem acenar com a possibilidade de fazer concurso para professores licenciados.

Merecem ser pontuados os discursos de dois dos entrevistados que acenam com a consciência do papel do estado na atual situação em que se encontram as escolas em que estudam:

"O que falta na escola é que deveria ter mais apoio do estado para ficar igual às escolas particulares." (Lázaro, 15 anos)

"Se tivesse segundo grau eu continuaria no Anfrísia. Próximo ano terei de pegar ônibus para ir estudar e vai ser um sufoco. O subúrbio é discriminado pela Secretaria de Educação e as poucas escolas de segundo grau não oferecem opções." (Camila, 15 anos)

Merecem ainda ser pontuados os discursos desses jovens sobre a importância das atividades de extensão em suas opiniões positivas sobre a escola:

"Escrevo várias peças de teatro pras atividades da escola. Na Feira de Conhecimentos e em outras comemorações, a gente se prepara, ensaia e apresenta (...) os trabalhos da escola me ajudaram a ficar mais solta porque eu era muito tímida e me dava uma tremedeira quando ia pro quadro." (Marcela, 16 anos)

O que mais gosto é do coleguismo, as diversões, o folclore, as dramatizações e o futebol." (William, 16 anos)

Quadro 12: Escola Segundo Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Rural

Welber, 13 anos, 6ª série

Depoimento: "Acho que a escola precisa de uma reforma. Depois de inaugurada já teve reforma, mas precisa de mais salas, mais material (...) A diretora tem que ser mais rigorosa. Os professores são bons, mas nem todos: os de matemática e portugueses precisam explicar melhor. Alguns colegas precisam estudar mais. Os colegas deste ano me ajudaram muito com o que eu não sabia. A escola é boa para ajudar a gente a conhecer as coisas do Brasil e do mundo. O que eu aprendo aqui é o que eu levo pro futuro. No futuro vai ter tecnologia mais avançada nas escolas, posso vir até ensinar nela. O que mais gosto são as garotas bonitas e amigas. O que menos gosto são dos bagunceiros."

Josilma, 11 anos, 6ª série

Depoimento: "Desde que entrei aqui na 2ª série, a escola só piorou. Ela está toda acabada, tudo quebrado e sujo (...) Acho os professores muito bons, preparados. A escola ajuda na minha sabedoria: aprender a ler e a escrever para conseguir trabalho. O que mais gosto são dos professores e o que menos gosto é o estado em que a escola se encontra."

Gustavo, 15 anos, 5ª série

Depoimento: "A escola precisa de uma quadra de esporte. Aliás, não tem nada no colégio. Os professores são bons, mas os de geografia e de inglês, eu não me interessei pelas aulas. Os colegas do primário tinham mais responsabilidade. Os da 5ª só querem brincar. Acho a escola importante. No futuro eu tenho que trabalhar e sem estudo não vou poder. Na escola eu aprendo muitas coisas que sem ela eu não teria aprendido. Gosto de tudo na escola, não tem nada que eu não goste."

Marília, 14 anos, 6ª série

Depoimento: "Acho os alunos metidos a besta, tirados, querendo ser melhor que os outros. Desfazem do que a gente fala, ficam vaiando. Os professores daqui são melhores do que os de lá de Salvador, os alunos, não. A escola é muito pequena. Lá era bem maior. Não tem quadra de esportes, não tem segurança.. Gosto dos alunos da 6ª V-2 que é outra turma. Da minha eu não gosto não. A escola serve pra gente aprender as coisas pra não passar dificuldades no futuro, pra arranjar um emprego, pra saber ler, escrever e o que significa as coisas. Sem estudo não arranja emprego bom."

Fabrcio, 12 anos, 4ª série

Depoimento: "Acho a escola boa, a professora ensina bem, o colégio é fechado, a gente não sai (...) Acho que precisa melhorar tudo, o banheiro também. Quando inaugurou tudo funcionava, agora só tem um banheiro para os meninos e meninas; às vezes a gente quer entrar e tem menina lá dentro. Tem que fazer pintura em tudo, colocar lâmpadas na sala. Conheço a diretora, mas nunca fui na sala dela porque não faço confusão. O lixo é queimado durante as aulas e a fumaça invade as salas. O pessoal da limpeza joga o lixo do lado onde faz a merenda e depois queima. Os alunos jogam papel no chão, aí eles varrem e jogam tudo do lado da cantina, até que um dia queimam. Parou de dar merenda há dois meses. A professora de horticultura do ginásio faz a horta com os alunos e bota os temperos na merenda. Meus colegas gostam de brincar, mas na hora de ler e fazer o dever, eles tentam fazer certo. O que mais gosto é de estudar e o que menos gosto é de ver o pátio da escola todo riscado (...) A escola ensina coisa importantes que vai me ajudar a arrumar um bom emprego no futuro."

Sueli, 16 anos, 8ª série

Depoimento: "Acho que a escola deveria ter um muro mais alto. Aqui não tem segurança. O ensino e os professores são maravilhosos. Todos são universitários e sabem ensinar o melhor possível (...) Às vezes tem merenda, ou então a zeladora vende merenda que traz de casa. A escola tem de existir porque não se consegue emprego sem instrução. É valiosa para o futuro, para a gente se desenvolver no meio em que vive. Gosto mais dos professores e colegas da minha sala. Gosto menos dos colegas bagunceiros."

Todos os jovens bem-sucedidos entrevistados residentes na zona rural consideram a escola como fonte de conhecimento e como possibilidade de conseguirem melhores oportunidades no mercado de trabalho. Interessante ressaltarmos nos depoimentos desses jovens a associação feita entre a instrumentalização do conhecimento aprendido na escola e a relação direta com a possibilidade de conseguir um emprego no futuro:

"A escola é boa para ajudar a gente a conhecer as coisas do Brasil e do mundo. O que eu aprendo aqui é o que eu levo pro futuro. No futuro vai ter tecnologia mais avançada nas escolas, posso vir até a ensinar nela." (Welber, 13 anos)

"A escola ajuda na minha sabedoria: aprender a ler e a escrever para conseguir trabalho." (Josilma, 11 anos)

"(...) No futuro tenho de trabalhar e sem estudo não vou poder. Na escola eu aprendo coisas que sem ela eu não teria aprendido." (Gustavo, 15 anos)

"A escola serve pra gente aprender as coisas pra não passar dificuldades no futuro, pra arranjar um emprego, pra saber ler, escrever e o que significa as coisas. Sem estudo não arranjo emprego bom." (Marília, 11 anos)

"A escola existe porque não se consegue emprego sem instrução. É valiosa para o futuro, para a gente se desenvolver no meio em que vive." (Sueli, 16 anos)

"A escola ensina coisas importantes que vai me ajudar a arrumar um bom emprego no futuro." (Fabrício, 12 anos)

Nenhum dos jovens entrevistados se encontra totalmente satisfeito com a escola em que estudam. Há unanimidade entre eles em apontar a maioria dos professores e as relações de coleguismo como fonte de satisfação na escola. As fontes de insatisfação são variadas: maus professores, alunos indisciplinados, falta de espaço para prática desportiva, falta de salas de aula, falta de material, falta de segurança, instalações precárias e condições precárias de higiene e limpeza. O depoimento de um dos jovens ilustra, ainda que de forma dramática, a sua insatisfação com as condições de higiene e limpeza da sua escola:

"O lixo é queimado durante as aulas e a fumaça invade as salas. O pessoal da limpeza joga o lixo do lado onde faz a merenda e depois queima. Os alunos jogam papel no chão, aí eles varrem e jogam tudo do lado da cantina, até que um dia queimam." (Fabrício, 12 anos)

3.1.5 O Sucesso e o Fracasso Escolar no Discurso de Jovens Bem-Sucedidos.

Passemos agora à análise do discurso de jovens bem-sucedidos sobre o próprio sucesso escolar e também sobre as razões do fracasso escolar dos colegas:

Quadro 13: Sucesso e Fracasso Escolar no Discurso de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Central

Adson, 14 anos, 7ª série

Depoimento: *"Meu sucesso se deve ao meu esforço, ao esforço dos meus pais e às escolas que eu estudei. Meus irmãos mais velhos também me ajudaram muito (...) Gosto de estudar pelos resumos que faço durante as aulas porque nem todos os livros contemplam o que os professores deram. (...) Meus amigos estão regulares porque não ligam muito pros estudos. Duas mães me pediram para conversar com eles porque eles me ouvem. Muitos colegas ouvem os meus conselhos. Os pais tentam salvar, mas eles mesmos não ligam pro estudo."*

Carina, 13 anos, 7ª série

Depoimento: *"Meu sucesso eu devo a mim mesma, porque minha mãe nunca me ensinou ao ponto de eu colocar como responsável pelo meu sucesso. (...) Estudo pelo livro, caderno e faço um resumo (...) Meus amigos são outros, não são os meus colegas. Eles já estão de férias porque passaram direto (...) Os que não tão bem na escola é porque não se interessam."*

Diego, 13 anos, 7ª série

Depoimento: *"Meu sucesso devo à ajuda dos meus pais, aos meus professores e a mim mesmo. Estudo pelos questionários e fazendo os exercícios que eu crio (...) Uma parte dos meus amigos perdeu o ano. Eu não tenho amigos que são do colégio (...) Os que fracassam é por causa das brincadeiras. Preferem jogar bola que estudar."*

Georgia, 15 anos, 8ª série

Depoimento: *"Devo meu sucesso ao esforço dos meus pais em me educar. Se não fossem eles, eu estaria igual a muitos, desistindo de estudar. Devo também a mim mesma porque gosto de estudar e alguns professores que me apóiam e dão atenção (...) Os deveres eu faço no colégio, nas horas vagas. Nos trabalhos em grupo, vamos pesquisar na biblioteca (...) A maioria dos meus colegas querem cursar até o segundo grau. Na sala só eu quero fazer o vestibular. Os meus amigos passam direto, mas tem uma amiga que está passando por problemas familiares e que não vai bem nas notas. Uns pensam em desistir de estudar pra trabalhar. Acho que é desinteresse deles porque tem tanta gente que trabalha e estuda (...) Não sei quem é o culpado pelos que fracassam e abandonam, se os governantes, se a Secretaria de Educação, os professores..."*

Gilson, 15 anos, 8ª série

Depoimento: *"Atribuo o meu sucesso, primeiro à minha família, ao meu próprio esforço e depois aos professores (...) Estudo pelos questionários, apontamentos e livros (...) Os alunos são apenas colegas, não são amigos. Meus amigos são outros que não estudam nessa escola. A maioria dos meus colegas de sala foi para recuperação por falta de interesse deles mesmo. Filam aulas, as mães não incentivam, sentem dificuldades de aprender e não tem ninguém em casa que participe do estudo deles (...) Meus amigos passaram direto e vão bem na escola."*

Elisângela, 15 anos, 7ª série

Depoimento: *"Meu sucesso atribuo a mim mesma porque eu quero ser independente, arrumar um bom emprego e ganhar bem. Eu não quero passar o que os meus pais passam. Eu tento não ser igual a eles. Minha mãe fala para eu estudar para no futuro não sofrer o que eles sofrem (...) Sempre estudei sozinha. Eu mesma faço o questionário e respondo, mas antes estudo o assunto. Se tiver barulho ou alguém junto de mim, não consigo estudar (...) Meus amigos são colegas da escola. Uma colega passou por problema de família, perdeu o pai, e ficou mal na escola e não sentia gosto para estudar. Outros amigos não vão bem nos estudos porque preferem se divertir."*

Quatro dos jovens residentes na zona urbana central entrevistados, três garotos e uma garota, atribuem seu sucesso escolar a si mesmos, aos pais e aos professores. Duas jovens atribuem o seu sucesso escolar somente a si mesmas e justificam:

"Meu sucesso eu devo a mim mesma, porque minha mãe nunca me ensinou a ponto de eu colocar como responsável pelo meu sucesso." (Carina, 13 anos)

"Meu sucesso atribuo a mim mesma porque eu quero ser independente, arrumar um bom emprego e ganhar bem. Eu não quero passar pelo que os meus pais passam. Eu tento não ser igual a eles." (Elisângela, 15 anos)

Os métodos de estudo mencionados por esses jovens incluem: resumos, apontamentos, questionários, exercícios criados por eles mesmos, pesquisas em bibliotecas e em livros didáticos. Somente um dos sujeitos, a jovem Elisângela, fez referência à importância de um ambiente silencioso para estudar. Também ela foi a única que registrou a necessidade de se encontrar sozinha para estudar.

O círculo de amizade de dois dos entrevistados, Carina e Gilson, é homogeneamente composto de jovens bem-sucedidos na escola. Os outros entrevistados possuem um círculo de amizade heterogêneo em relação ao rendimento escolar: jovens bem-sucedidos e malsucedidos. Duas jovens entrevistadas, Georgia e Elisângela, sublinharam o fato de possuírem amigas que não estão bem na escola porque enfrentam problemas familiares:

" (...) tem uma amiga que está passando por problemas familiares e que não vai bem nas notas." (Georgia, 15 anos)

"Uma colega passou por problemas de família, perdeu o pai, e ficou mal na escola e não sentia gosto para estudar." (Elisângela, 15 anos)

O fracasso escolar é atribuído à falta de interesse dos próprios jovens por dois dos entrevistados. Um dos entrevistados atribui o fracasso escolar à falta de interesse dos jovens associado à falta de participação da família na vida escolar do aluno. Dois entrevistados deduzem o fracasso escolar do fato de alguns jovens priorizarem a diversão. Somente uma jovem, dentre os sujeitos da nossa amostra, elaborou uma reflexão social sobre o fracasso escolar:

"Não sei quem é o culpado pelos que fracassam e abandonam, se os governantes, se a Secretaria de Educação, os professores..." (Georgia, 15 anos)

É também da jovem Georgia o depoimento que somente ela em sua sala de aula pensa em fazer o vestibular. A maioria dos seus colegas pensa somente em concluir o segundo grau. Já outros pensam em desistir porque desejam trabalhar. Sobre estes, assim se refere a nossa jovem entrevistada:

"Acho que é desinteresse deles porque tem tanta gente que trabalha e estuda." (Georgia, 15 anos)

Por último, um dado curioso relativo ao círculo de amizades de nossos entrevistados: três deles, dois garotos e uma garota, declaram não possuir amigos na escola que frequentam, somente colegas.

Quadro 14: Sucesso e Fracasso Escolar no Discurso de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Periférica

Marcos, 15 anos, 8ª série

Depoimento: "Da 5ª série em diante virei bom aluno por causa da minha prima Marcela. Ela me incentivou muito. Sempre tem dois grupos na sala: os bons e os ruins. Eu fiquei no bom e passei direto. Acho que meus pais também colaboraram no meu sucesso, me deram bons conselhos (...) Estudo pelos questionários, textos, gosto de estudar só (...) Meus amigos são igual a mim. Os colegas que eu sei que são fracos é porque não se interessam para estudar e não ligam para os deveres. Só pensam em se divertir."

Marcela, 16 anos, 8ª série

Depoimento: "Meu sucesso devo à cooperação de todos da minha família e ao meu interesse. A pessoa só dá certo quando quer. Se quer aquilo, tem de lutar. Eu só saía da sala quando entendia. Não se deve levar o estudo na brincadeira. Tem gente que estuda forçado, sem gostar. Eu boto o estudo em primeiro lugar, depois as diversões (...) Nas matérias mais decorativas, faço questionário e respondo às perguntas. Nas menos decorativas, eu estudo na sala e faço exercícios (...) Todos os meus amigos estudaram e passaram. Quando estava com problema, uns ajudavam os outros. Os alunos que fracassam é por falta de interesse deles e porque só querem brincar. Às vezes, os pais não cobram durante o ano e quando vão ver já estão praticamente perdido e resolvem estudar na quarta unidade."

William, 16 anos, 8ª série

Depoimento: "Meu sucesso devo a mim e a minha mãe (...) Gosto de estudar com tranquilidade, sem zuaça e de preferência à noite porque o pessoal vai dormir. Leio o assunto, faço o resumo e chego a uma conclusão. Também faço questionários e estudo com colegas (...) Tenho amigos que não estudam mais porque largaram a escola, as mães não obrigam que eles estudem e uns preferem a vadiagem e o

vandalismo. Os amigos que estão fracassados nos estudos é porque a juventude de hoje em dia quer ficar bagunçando nas salas, durante e fora das aulas."

Camila, 15 anos, 8ª série

Depoimento: "Meu sucesso devo a mim mesma e a meus pais. Minhas irmãs também me ajudaram. Metade dos meus amigos passou direto e a outra metade ficou em recuperação (...) O aluno é o responsável pelo fracasso dele. Os pais refletem nos filhos. Se os pais não tiveram estudo, não querem que os filhos estudem. Depende da personalidade dele ele ter forças pra continuar. A sociedade não apóia e não ampara os pobres."

Lázaro, 15 anos, 8ª série

Depoimento: "Meu sucesso eu devo à diretora e depois aos professores. A mim mesmo porque gosto de dar o prazer a minha mãe de que passei de ano e porque ela me incentivou muito (...) Leio em voz alta pra memorizar e costumo resumir quando o assunto é muito grande pra estudar (...) Quando os amigos têm dificuldades, eu procuro ajudar a eles, dou livros pra eles estudarem. Tem uns que estudam em outras escolas. Muitos fracassam por causa do trabalho porque precisam ajudar a família e outros porque não gostam de estudar."

Marli, 15 anos, 8ª série

Depoimento: "Meu sucesso devo aos meus pais e aos professores que ganham pouco e se interessam muito. Meus pais se esforçaram pra nos colocar na escola, comprar farda, material (...) Só quando estudo matemática que refaço as questões difíceis. Com outras matérias, qualquer dúvida tiro com os colegas e a gente vai conversando até descobrir o que quer (...) Apenas quatro amigos estão bem na escola. Um passou direto e os outros estão na recuperação (...) Aqueles que fracassam é porque não têm interesse nos estudos, só querem brincar."

Quatro dos jovens entrevistados, dois garotos e duas garotas, fazem referência a si mesmos quando perguntados sobre a quem devem o sucesso de suas vidas escolares. Os dois garotos, William e Lázaro, atribuem também às suas mães a razão de suas histórias escolares bem-sucedidas. Lázaro divide o sucesso ainda com seus professores e a direção da escola. As duas garotas, por sua vez, estendem a atribuição do sucesso à família: a jovem Marcela estende a toda a sua família e a jovem Camila estende aos seus pais. Os dois outros jovens, Marcos e Marli, não mencionam a si mesmos quando perguntados sobre a quem devem o sucesso de suas vidas escolares. Marcos atribui o seu sucesso a sua prima e a seus pais, enquanto Marli, a seus pais e a seus professores.

Os métodos de estudo mencionados pelos entrevistados variam entre questionários, textos, exercícios, resumos, leitura em voz alta, trabalho de grupo.

Dois dos entrevistados definem seu círculo de amizades como homogêneo composto por amigos bem-sucedidos na vida escolar. O restante define seu círculo de amizades como heterogêneo composto por amigos bem-sucedidos e malsucedidos na vida escolar.

O fracasso escolar é associado exclusivamente à falta de interesse dos jovens pelos estudos por um dos entrevistados, o jovem Marcos. Duas das entrevistadas, Marcela e Marli, e um dos entrevistados, William, associam a falta de interesse à primazia do lúdico sobre a obrigação de estudar. Os jovens Marcela e William chamam ainda atenção para o papel determinante dos pais que não acompanham os filhos em suas histórias escolares. Também se refere ao papel determinante dos pais o discurso sobre o fracasso escolar da jovem Camila, que contém ainda uma reflexão social sobre a origem do fracasso dos jovens na escola:

"Os pais refletem nos filhos. Se os pais não tiveram estudo, não querem que os filhos estudem. Depende da personalidade dele, ele ter forças para continuar. A sociedade não apóia e não ampara os pobres." (Camila, 15 anos)

Arriscamos interpretar a fala da jovem Camila como uma tentativa de comunicar as dificuldades dos jovens de classe populares de encontrar apoio para vencer obstáculos em sua vida escolar; isto é, se falta este apoio em casa, não há onde buscá-lo. Esta talvez seja uma questão para ser pensada pelos serviços de orientação educacional das escolas, atualmente mergulhados em práticas iniciáticas e psicopedagogia, que simplesmente remetem os problemas de aprendizagem exclusivamente ao universo da sala de aula e ao tema *construção do conhecimento*.

É também na linha da provável origem social do problema do fracasso escolar que se põe o depoimento do jovem Lázaro:

"Muitos fracassam por causa do trabalho porque precisam ajudar a família e outros porque não gostam de estudar." (Lázaro, 15 anos)

Muito embora a parte final do seu depoimento se alinhe com as explicações dadas pelo jovem Marcos, que atribui a causa do fracasso exclusivamente aos jovens malsucedidos, Lázaro chama atenção para o fato de que o trabalho infanto-juvenil não deve ser desprezado quando buscamos as fontes do fracasso escolar de jovens de classes populares.

Quadro 15: Sucesso e Fracasso Escolar no Discurso de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Rural

Welber, 13 anos, 6ª série

Depoimento: "Atribuo o meu sucesso a minha mãe porque me ajudou bastante (...) Estudo só, faço perguntas a mim mesmo e depois olho no livro se está certo (...) Meus amigos estão bem nos estudos porque eles se interessam. Os colegas que estão fracos é porque não assistem aulas."

Josilma, 11 anos, 6ª série

Depoimento: *"Meu sucesso se deve ao fato de eu ser boa aluna. Meus pais também contribuíram para o meu sucesso (...) Às vezes estudo só; outras vezes, acompanhada de minha irmã que me faz perguntas (...) Uns amigos estão fracos porque perdem muitas aulas, brincam mais do que estudam, não se interessam."*

Gustavo, 15 anos, 5ª série

Depoimento: *"Atribuo o meu sucesso ao meu estudo, a minha mãe e a minha avó (...) eu estudo no caderno e meu primo que estuda na 4ª série faz as perguntas (...) Só tenho sete amigos, uns tão fracos e outros fortes. Se estão fracos na escola é porque perdem muita aula."*

Marília, 14 anos, 6ª série

Depoimento: *"Meu sucesso se deve ao reforço escolar que tive no primário e também porque sou bem-alimentada, tomo vitaminas, remédios fortificantes que ajudam nos estudos (...) Leio o livro várias vezes e peço à tia para me perguntar os assuntos. Não estudo com colegas. Quando não tem provas eu só faço os deveres e vou assistir Angélica, mas quando tem prova começo a estudar às nove horas e fico até a hora de vim para a escola (...) Minha melhor amiga tem quinze anos, não gosta de estudar e está na 2ª série. A irmã dela tem 17 e gosta de estudar e está na 7ª série. Outra amiga deixou de estudar há muito tempo, tem 19 anos e teve nenem agora, engravidou do namorado (...) Na minha turma tem vinte e sete colegas, os que fracassaram é porque não gostam de estudar."*

Fabrcício, 12 anos, 4ª série

Depoimento: *"Eu estou dando exemplo aos meus colegas que deixaram de estudar. Até meu irmão mais velho deixou de estudar. Meus avós, meu pai, meus tios sempre me apoiaram (...) Estudo pelo caderno e pelos livros (...) Meus amigos que não passaram é porque não estudaram. Digo a eles que não reclamasse com a professora."*

Sueli, 16 anos, 8ª série

Depoimento: *"Acho em primeiro lugar que o meu sucesso se deve ao apoio da minha família, depois dos colegas e dos professores (...) Às vezes vou a biblioteca de S. Gonçalo pesquisar coisas que não encontro nos livros. Também estudo com colegas e tiro dúvidas com eles (...) Minha melhor amiga se iguala a mim em nota. Os outros amigos estão com rendimento abaixo do meu por falta de interesse."*

Três dos jovens residentes na zona rural entrevistados, Josilma, Gustavo e Fabrcício, citam a si mesmos como responsáveis pelo sucesso de suas histórias escolares. Josilma divide seu sucesso com os seus pais, Gustavo com sua mãe e com sua avó, e Fabrcício, por sua vez, ao se pôr como exemplo para aqueles que deixaram a escola, menciona seus avós, seu pai e tios como fontes de apoio. O jovem Welber atribui o seu sucesso exclusivamente ao apoio de sua mãe, enquanto que a jovem Sueli atribui o seu sucesso ao apoio da família, dos colegas e dos professores. Um tanto quanto destoante

de todos os depoimentos é o depoimento da jovem Marília sobre as razões do seu sucesso escolar:

"Meu sucesso se deve ao reforço escolar que tive no primário e também porque sou bem alimentada, tomo vitaminas, remédios, fortificantes que ajudam nos estudos."
(Marília, 14 anos)

Nada de estranho com a primeira parte do seu depoimento, que deve ser interpretada como a atribuição do seu sucesso atual na escola a uma boa base adquirida durante o primário. Estranho é o fato de a jovem biologizar as razões do seu sucesso escolar atual, creditando-o não somente a boa alimentação, mas também a ingestão de drogas químicas.

Os métodos de estudo citados pelos jovens entrevistados variam entre: fazer perguntas a si mesmos, ser argüido por familiares, fazer apontamentos, consultar livros didáticos e pesquisar na biblioteca da cidade de São Gonçalo assuntos não encontrados nos livros didáticos.

Todos os entrevistados declaram possuir círculos de amizades heterogeneamente constituídos de jovens bem-sucedidos e malsucedidos na escola.

O fracasso escolar é explicado pelo número excessivo de faltas dos colegas à escola por três dos entrevistados. Os jovens Welber e Gustavo acreditam ser essa a única razão do fracasso dos colegas. A jovem Josilma associa ao número excessivo de faltas a ausência de interesse determinada pela primazia do lúdico. A falta de interesse pelos estudos é explicação encontrada pelos jovens Fabrício e Sueli para aqueles que fracassam na escola. A jovem Marília atribui o fracasso de seus colegas exclusivamente ao fato de não gostarem de estudar.

Desejamos finalizar esta seção com o registro do depoimento do jovem Fabrício, cujo elevado grau de auto-estima o faz perceber a si mesmo como exemplo a ser seguido pelos jovens de sua comunidade rural:

"Eu estou dando exemplo aos meus colegas que deixaram de estudar. Até meu irmão mais velho deixou de estudar." (Fabrício, 12 anos)

3.1.6 O Futuro no Discurso de Jovens Bem-Sucedidos

Procedamos a seguir a uma análise dos discursos de jovens bem-sucedidos na escola sobre o futuro de suas vidas pessoais e profissionais:

Quadro 16: Futuro no Discurso de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Central

Adson, 14 anos, 7ª série

Depoimento: *"Quero fazer medicina porque acho interessante ver um parto e salvar vidas. Mas eu faria ortopedia. Quero também fazer o curso de formação de ator."*

Comecei a fazer teatro com seis anos na igreja. Mais tarde, fiz teatro na escola e cheguei a formar um grupo no bairro. Quero lutar, estudar e trabalhar para ter o que é meu e não depender de ninguém. Eu não dou pra trabalhar pra ninguém. Não suporto ser empregado, ter patrão. Quero ter meu próprio negócio."

Carina, 13 anos, 7ª série

Depoimento: "Pretendo fazer contabilidade no segundo grau. Quero trabalhar com isso e fazer faculdade de contabilidade. Não tenho planos pessoais, não penso no futuro."

Diego, 13 anos, 7ª série

Depoimento: "Quero ser contador. Quero fazer vestibular para contabilidade. Quero ser empresário no ramo de comércio. Quero também fazer um curso de computador pra trabalhar com produção de propaganda (...) Não tenho planos na vida pessoal."

Georgia, 15 anos, 8ª série

Depoimento: "Quero entrar na escola técnica pela base que dá pro vestibular (...) Quero ser advogada, fazer muitos cursos para aprender outras línguas e conhecer outros países. Decidi que quero ser juíza depois que fiz uma peça de teatro na escola. Não penso em casar, quero ter dois filhos e dar a eles uma educação igual ou melhor à que meus pais me deram, colocar eles em escolas melhores. Quero tudo planejado para dar certo."

Gilson, 15 anos, 8ª série

Depoimento: "Quero fazer curso de contabilidade no segundo grau. Não sei se vou fazer uma faculdade. Quero ser especializado numa profissão, mas não sei qual (...) Por enquanto namoro, ainda é cedo pra pensar em casar."

Elisângela, 15 anos, 7ª série

Depoimento: "Acho que vou me decidir pela área de saúde. Ainda não tenho definição. Já sou noiva, quero casar e ter um filho só e ser feliz."

Quatro dos jovens residentes na zona urbana central entrevistados declaram o propósito de fazer um curso superior: Adson pretende fazer medicina, Diego e Carina pretendem fazer contabilidade e Georgia, direito. O jovem Gilson, apesar de externar o desejo de fazer o profissionalizante em contabilidade no nível de segundo grau, declara não saber se irá cursar uma faculdade. Elisângela, por sua vez, é a única, dentre os entrevistados, que não tem planos definidos para a vida profissional; segundo ela, talvez se defina pela área de saúde.

Três jovens pretendem fazer formação complementar no futuro: Adson deseja fazer um curso de formação de ator, Diego pretende fazer um curso de computação para trabalhar com produção de propaganda e Georgia pretende fazer escola técnica. Res-

saltemos que a escola técnica para a jovem Georgia não significa uma possibilidade profissional, mas uma busca de ensino de boa qualidade que lhe garanta competitividade quando for fazer o vestibular.

Nenhum dos jovens do sexo masculino entrevistados declara possuir planos no âmbito da vida pessoal. Também não tem planos para a vida pessoal a jovem Carina. A jovem Georgia pretende ter dois filhos e dar a eles uma boa educação. Já a jovem Elisângela, atualmente noiva, pretende casar e ter filhos.

Quadro 17: Futuro no Discurso de Jovens Bem-Sucedidos
Residentes na Zona Urbana Periférica

Marcos, 15 anos, 8ª série

Depoimento: *"Quero fazer o segundo grau. Não acho que terei preparo pra fazer o vestibular. Eu me matriculei colocando como opção o Colégio Central e o Serravale pra eu fazer dois anos de básico e depois escolher o curso profissionalizante de administração ou contabilidade. Quero estudar bastante e me formar, casar, ter filhos e não depender dos outros."*

Marcela, 16 anos, 8ª série

Depoimento: *"Ainda estou escolhendo o curso que vou fazer no segundo grau. Depois quero fazer faculdade e quero me formar, trabalhar, ajudar minha família, casar, ter dois filhos e ser feliz."*

William, 16 anos, 8ª série

Depoimento: *"Quero ter um trabalho com processamento de dados. Desejo ir até uma faculdade, mas conseguir mesmo, só Deus sabe. Quero aprender diversos ofícios: pedreiro, encanador, eletricista, carpinteiro para não depender de escolaridade. Quero casar, ter minha própria família e ajudar minha mãe."*

Camila, 15 anos, 8ª série

Depoimento: *"Quero me formar em magistério no segundo grau e em comunicação na faculdade. Gosto muito de teatro e pensava em ser atriz, mas no Brasil o artista enfrenta dificuldades. Quero casar, ter dois filhos e ter minha casa."*

Lázaro, 15 anos, 8ª série

Depoimento: *"Quero fazer mecânica na escola técnica. Dizem que é concorrido, mas me chama muita atenção. Talvez faça engenharia civil na faculdade. Um sonho que é meu é me alistar na Marinha e seguir a carreira militar. Quero ter minha casa e não casar cedo. Quero curtir a vida e ter minha namorada. Quero ajudar minha mãe no que puder."*

Marli, 15 anos, 8ª série

Depoimento: *"Quero fazer curso de secretariado. Minha mãe diz: "Já viu secretária preta?" Mas eu não vou fazer o que não gosto. Também quero fazer o vestibular, mas primeiro quero trabalhar pra bancar a faculdade, pra não depender do meu pai. Também vou estudar línguas pra avançar mais. Quero ter minha casa primeiro pra depois casar. Trabalhar pra não depender do marido."*

Quatro dos jovens residentes na zona urbana periférica declaram as suas intenções de cursarem uma faculdade: Camila pretende fazer comunicação e Lázaro, engenharia civil; Marli e Marcela ainda não fizeram suas opções.

Quatro jovens pretendem fazer cursos profissionalizantes de segundo grau: Marcos pretende fazer administração ou contabilidade, Camila pretende cursar magistério, Marli, secretariado, e Lázaro prestará exames para o curso de mecânica na Escola Técnica Federal. A jovem Marli pretende fazer também um curso paralelo de línguas. O depoimento dessa mesma jovem sobre a reação de sua mãe ao saber das suas intenções de fazer secretariado constitui uma ilustração perfeita do exercício do preconceito em sua forma horizontal:

"Quero fazer curso de secretariado. Minha mãe diz: "Já viu secretária preta?" Mas eu não vou fazer o que não gosto." (Marli, 15 anos)

Todos os seis jovens entrevistados têm planos na vida pessoal que incluem: ter sua própria casa, casar, ter filhos e ajudar os pais. Também aqui Marli se destaca em seu depoimento sobre a necessidade de trabalhar para garantir sua independência perante o seu futuro esposo:

"Quero ter minha casa para depois casar. Trabalhar para não depender do marido." (Marli, 15 anos)

Dois dos entrevistados, Marcos e William, registram em seus depoimentos o desejo de cursarem uma faculdade, mas ao mesmo tempo duvidam da própria capacidade de conseguir tal objetivo:

"Não acho que terei preparo pra fazer o vestibular." (Marcus, 15 anos)

"Desejo ir até uma faculdade, mas só Deus sabe." (William, 16 anos)

Essa dúvida sobre a capacidade pessoal de enfrentar um vestibular e ser bem-sucedido é preocupante do ponto de vista da educação de jovens de classes populares. Lembremos que os jovens sujeitos deste estudo de casos são estudantes bem-sucedidos das escolas públicas e, portanto, supomos, possuidores de auto-estima em relação às suas vidas escolares. O que devemos então esperar de outros jovens de classes populares com histórias escolares não tão bem-sucedidas, cuja auto-estima certamente não pode ser comparada à auto-estima de Marcos ou de William?

É também importante pontuarmos, no depoimento do jovem William, a sua preocupação em garantir sua independência financeira com a aprendizagem de ofícios que não dependam do seu grau de escolaridade:

"Quero aprender diversos ofícios: pedreiro, encanador, carpinteiro, para não depender de escolaridade." (William, 16 anos)

Talvez este extrato de depoimento possa nos fornecer uma pista sobre a razão pela qual nos parecem quase sempre contraditórios os depoimentos dos jovens de classes populares sobre suas vidas futuras. Talvez esses jovens não se permitam apostar na possibilidade de perseguir uma vocação como o fazem os jovens das escolas particulares, aqueles que quase sempre são assistidos por orientadores e psicólogos sempre tão preocupados em descobrir suas reais vocações.

Quadro 18: Futuro no Discurso de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Rural

Welber, 13 anos, 6ª série

Depoimento: "Quero estudar muito para ser jogador de futebol e desejo também ser professor. Pretendo morar em Feira de Santana. Não quero casar para não arrumar briga com a mulher."

Josilma, 11 anos, 6ª série

Depoimento: "Quero ser veterinária porque acho bonito, mexe com os animais, mas tenho medo de alguns animais. Quero também ser professora. Não sei ainda o que vou estudar no segundo grau. Não penso no futuro."

Gustavo, 15 anos, 5ª série

Depoimento: "Quero estudar muito pra ser jogador de futebol. Não penso no futuro. Acho que vou casar e ter filhos porque é bom. Vou morar bem longe daqui porque aqui é muito chato."

Marília, 14 anos, 6ª série

Depoimento: "Desejo ser cantora, atora ou modelo. Em Salvador fiz teatro em várias peças na igreja. Quero fazer curso de secretariado no segundo grau. Quero morar com minha mãe, me formar, ser feliz com a pessoa que amo, mas casar, nem pensar."

Fabício, 12 anos, 4ª série

Depoimento: "Quero ser jogador de futebol. Tinha um jogador do Fluminense de Feira que era daqui. Hoje ele joga no Mercês Clube, é o artilheiro. Para alcançar isso depende que eu me forme para ser repórter e jogador. Quero casar, ter filhos, sair daqui e fazer uma casa melhor para os meus avós."

Sueli, 16 anos, 8ª série

Depoimento: "Quero fazer o magistério no Colégio Gastão Guimarães em Feira e letras na faculdade. Quero exercer minha profissão. Depois de me formar, penso na hipótese de constituir família. Vou morar em Feira a partir do próximo ano com um irmão mais velho porque aqui não tem segundo grau."

Os três jovens residentes na zona rural entrevistados afirmam o desejo de serem jogadores de futebol. Dois deles desejam associar a profissão de jogador de futebol com a profissão de professor e de repórter, Welber e Fabrício, respectivamente. Nenhum dos três deseja permanecer na zona rural.

Interessante o dado de os três jovens da zona rural entrevistados externarem o desejo de se tornarem jogadores de futebol. Afinal, o que pode significar tão estranha coincidência? Talvez não tão estranha se pensarmos na imagem do jogador de futebol bem-sucedido vendida pela mídia nacional: jovens de classes populares que, em um passe de mágica, se vêem milionários e viajam pelo mundo fazendo a alegria das multidões. Não seria este um futuro desejável para um garoto da zona rural da Bahia, onde as perspectivas de trabalho se esgotam, na maioria dos casos, na lavoura ou na pecuária?

As jovens entrevistadas não possuem desejos coincidentes: Josilma deseja ser veterinária porque gosta de animais e, também, professora, mas ao mesmo tempo diz não saber o que irá estudar no segundo grau. Tal indefinição sugere que a jovem desconheça o fato de que, fazendo magistério no segundo grau, possa ela exercer a profissão de professora; a jovem Marília deseja ingressar no mundo artístico como modelo, atriz ou cantora. Deseja ainda fazer curso de secretariado de segundo grau; a jovem Sueli, a única dentre as três, possui uma meta definida para o seu futuro profissional:

"Quero fazer o magistério no Colégio Gastão Guimarães em Feira de Santana e letras na faculdade. Quero exercer minha profissão." (Sueli, 16 anos)

Dois dos garotos entrevistados registram o desejo de casar e ter filhos, Gustavo e Fabrício. Welber rejeita a idéia de casamento. Uma das jovens, Sueli, externa o seu desejo de constituir uma família. Marília rejeita a idéia de casamento, não obstante deseje ser feliz ao lado da pessoa que ama e de sua mãe. Josilma declara não pensar sobre o seu futuro.

3.2 O DISCURSO DOS PAIS DE JOVENS BEM-SUCEDIDOS

3.2.1 *A História Escolar de Filhos Bem-Sucedidos Contada por Seus Pais*

Procedamos à análise da história escolar de filhos bem-sucedidos tal como contada pelos pais:

Quadro 19: História Escolar de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Central Contada por Seus Pais

Benedita, mãe, 48 anos

Depoimento: "Do alfa até a 4ª série estudou em escola particular. O colégio era ótimo. Os professores gostavam dele, não tinham reclamação do seu comportamento. Ele mesmo fazia os deveres todos e nas dificuldades os irmãos ajudavam. Ele estudava em casa sozinho mas, às vezes, vinham uns colegas estudar com ele.

Eu sempre ia pras reuniões do colégio e acompanhava as notas nos boletins (...) Ele nunca teve problemas quando entrou no ginásio. Quando tinha reunião e eu não podia ir, mandava um dos irmãos dele. Ele nunca fez banca porque, além de não precisar, os irmãos socorriam."

Elisa, mãe, 42 anos

Depoimento: "Começou o primário no Colégio Cristo Redentor — uma escola comunitária da Igreja Católica. Depois botei ela no Colégio Pedro Tenório (escola estadual). Onde ela estuda sempre gostam dela. Só pude acompanhar na alfabetização, depois ela já sabia estudar sozinha. Somos muito amigas, conversamos muito e eu não lembro dela ter se queixado da escola. Às vezes os colegas não sabem as coisas e vêm aqui pra aprender com ela. Ela ensina pras amigas."

Maria, mãe, 48 anos

Depoimento: "Sempre foi aluno de escola do governo. Nunca deu trabalho para estudar. Os professores gostam dele. Quando ia pras reuniões, ele era avaliado como aluno ótimo. Gosta de estudar, pega no livro e se bate para entender o que não sabe. Vai na casa de amigos, vizinhos, tirar dúvidas. Tem muita força de vontade. Nunca precisou fazer banca."

Neilton, pai, 35 anos

Depoimento: "Com o que ganhamos dá pra manter o estudo de nossas filhas. Não quero que elas trabalhem pra que possam se formar além do que eu e sua mãe fizemos. Ela faz cursinho pra entrar na escola técnica, participa de grupo de teatro (...) Sempre foi muito estudiosa, nunca repetiu o ano, e nem nunca precisou fazer banca. Quando a situação era melhor, estudou em escola particular. Sempre foi carinhosa com todo mundo e todo mundo gosta dela."

Ilda, mãe, 41 anos

Depoimento: Ele estudou em escola particular até a 4ª série. Era o melhor aluno, sempre quieto. Nunca precisei pagar banca pra ele. Na 3ª série ele teve uma professora velha que já estava pra se aposentar e não tinha muita paciência com as brincadeiras dos menino (...) Já a professora da 4ª série era mais jovem e ele gostou mais porque ela tinha mais tolerância com eles (...) Colégio particular tem mais disciplina. Quando ele entrou no Polivalente (escola pública), ficou em uma sala cheia de alunos repetentes, maiores e indisciplinados. A própria escola me aconselhou a colocar minha filha de manhã porque os alunos são menores, melhores e não-repetentes."

Omar, pai, 37 anos

Depoimento: "Do maternal à 4ª série estudou em escola particular. Nunca apresentou dificuldades, sem problemas com os estudos, não precisou fazer banca e sempre passou direto. A mãe ia pras reuniões no colégio. Eram bons professores, dedicados, chamavam a gente pra saber dela. Quando passou pro Polivalente, na 5ª série teve dificuldades em geografia. Ela dizia que não entendia a matéria."

Acho que quando um aluno que estuda não entende a matéria, é porque a falha é do professor. Seu comportamento é assim em todo lugar: no começo ela vê o ambiente, se enturma, faz amizade, mas estuda só (...) É a mãe que olha a nota, vê o caderno, vai pra reuniões. Eu só quero saber se passou. Ela se dedica, se tranca e estuda, tem poucas dúvidas."

A história escolar de quatro dos jovens bem-sucedidos residentes na zona urbana central, contada por seus pais, tem início em escolas particulares. Dois desses pais fazem referência explícita ao estranhamento experienciado por seus filhos por ocasião da mudança de escola particular para escola pública na 5ª série:

"Quando ele entrou no Polivalente ficou em uma sala cheia de alunos repetentes, maiores e indisciplinados. A própria escola me aconselhou a colocar minha filha de manhã porque os alunos são menores, melhores e não-repetentes." (Ilda, mãe)

"Quando passou para o Polivalente na 3ª série teve dificuldades em geografia. Ela dizia que não entendia a matéria. Acho que quando um aluno que estuda não entende a matéria, é porque a falha é do professor." (Omar, pai)

Todos os pais entrevistados se referem aos seus filhos bem-sucedidos como jovens que nunca apresentaram problemas de aprendizagem ou de disciplina, além do fato de manterem um bom nível de relações pessoais com os professores e os colegas da escola. Os depoimentos abaxam não deixam dúvidas sobre o orgulho partilhado pelos pais entrevistados ao se referirem a seus filhos bem-sucedidos:

"Ele nunca fez banca porque, além de não precisar, os irmãos socorriam." (Benedita, mãe)

"Tem muita força de vontade, nunca precisou fazer banca." (Maria, mãe)

"Era o melhor aluno, sempre quieto. Nunca precisei pagar banca pra ele." (Ilda, mãe)

"Sempre foi muito estudiosa, nunca repetiu o ano e nem nunca precisou fazer banca." (Neilton, pai)

"Nunca apresentou dificuldades, sem problemas com os estudos, não precisou fazer banca e sempre passou direto." (Omar, pai)

"Às vezes as colegas não sabem as coisas e vêm aqui pra aprender com ela. Ela ensina pras amigas." (Elisa, mãe)

Banca é o termo utilizado na cidade de Salvador para designar aulas particulares de reforço destinadas principalmente aos alunos que estão em dificuldades na escola. É portanto compreensível que cinco, dos seis orgulhosos pais entrevistados, façam questão de mencionar nunca terem seus filhos precisado fazer uso desse recurso. A última mãe traduz o seu orgulho pela filha ao claramente elevá-la à categoria de professora de suas colegas.

Esse traço de orgulho no discurso dos pais ao narrar a história escolar de seus filhos é indicativo de que esses jovens contam, dentro da própria família, com elementos para a construção da auto-estima. Mas parece não ser somente em casa; os depoimentos dos pais não deixam dúvidas de que esses mesmos jovens são muito bem vistos pelos seus colegas e professores.

Quadro 20: História Escolar de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Periférica Contada por Seus Pais

José, pai, 37 anos

Depoimento: *"Tenho dois filhos e um é o inverso do outro pra esse negócio de estudo. Minha filha, tudo que queria, ela tinha, mas não dava importância. Ele até hoje tem brinquedo guardado, é cuidadoso, tem zelo pelas coisas e é assim com os estudos, mas ela, não. Uma tia dele era responsável por ele na escola que ele estudou no primário e ele sempre teve bom comportamento. Quando pintava, a tia chamava atenção. Eu botei na escola pública desde a 5ª série. No princípio não foi bom, rebaixou as notas nos dois primeiros anos, não sei se devido ao número de alunos, porque era uma escola grande; mas depois, estudando com os colegas e a prima, ele se elevou e nunca perdeu o ano."*

Raimundo, pai, 59 anos

Depoimento: *"Ela sempre foi uma menina inteligente, de fácil assimilação, meio tímida.. É bem relacionada com os colegas, não atendia aos rebeldes, selecionava com critério suas melhores colegas que se tornavam amigas. Notei e me certifiquei disto com a observação dos próprios mestres. A mãe, que é professora, acompanhou seu desempenho no primário todo feito em escola particular. No ginásio, que exige uma didática mais elaborada, eu me fiz mais presente para suprir a carência da escola que, apesar de ter bons professores, nem sempre o que ensina é suficiente e eu queria assegurar o futuro escolar dela. Tudo que aprendi em termos de cultura procurei passar para as minhas filhas."*

Ana, mãe, 42 anos

Depoimento: *"Fez até a 4ª série em escola particular. Nunca houve uma queixa dele. Aqui no bairro os vizinhos elogiam bem o comportamento dele porque ele é muito atencioso com todos. Os tios observam e orientam ele, mas o pai não orienta em nada. Ele chorou muito pra se adaptar na escola porque o pai dele me deixou quando ele tinha oito anos e ele era muito apegado ao pai, comiam e andavam juntos. Expliquei pra ele e pra irmã que era melhor separados, mas em paz. Falava com os professores dele o que estava ocorrendo e eles entendiam (...) Quando entrou no Anfrísisa, teve dificuldade com muitos professores, mas pegou a base e foi embora. Os professores daí elogiavam ele."*

Maridalva, mãe, 42 anos

Depoimento: *"Sempre foi aluna de escola do governo e sempre foi ótima aluna. Ela mesmo fazia os deveres dela e não dava trabalho pra estudar. Eu ia sempre às reuniões e não tinha queixa dela, olhava as notas, as provas e procurava saber do comportamento dela. O pai não se envolvia tanto, era sempre comigo."*

Aldeísa, mãe, 37 anos

Depoimento: *"Ele morou com a tia até quando cursou a 2ª série. Depois peguei ele de volta e matriculei em escola particular até a 4ª série. Nunca tive queixa dele. Sempre participou das atividades na escola do tipo quadrilha, jogos, peças (...) Ele mesmo estudava em casa ou então ia pesquisar no colégio com os colegas. Eu pegava o caderno dele, olhava os avisos dos professores, ia pras reuniões e via boletim. O pai também conversava com ele, procurava saber o que se passava na escola, olhava os cadernos e os deveres dele. Na 5ª série ele foi estudar no Colégio Estadual Anfrísia Santiago. Aí também não teve mudança no comportamento e nas notas. Ele é abusado em casa, bate nas irmãs (...) o pai morreu e ele assumiu o lugar."*

Vanda, avó, 62 anos

Depoimento: *"Ela veio morar comigo quando começou o ginásio. Mesmo estudando em escola pública, deve ter feito bom primário porque é estudiosa no ginásio e esse bem-querer pro estudo acompanha a pessoa. Ajudou muito o primo que não gostava de estudar e ele se tornou um bom aluno (...) Minha filha é professora onde ela estuda e é ela quem responde pela menina. Nunca tive queixas, só elogios."*

Quatro das seis histórias escolares de jovens bem-sucedidos residentes na zona urbana periférica, tal como contadas por seus pais, se passam em escolas particulares nas primeiras séries do primeiro grau. A passagem para a escola pública é registrada como problemática por dois desses pais. Fazem eles, todavia, questão de registrar também a superação do problema:

"Eu botei na escola pública desde a 3ª série. No princípio não foi bom, rebaixou as notas nos dois primeiros anos, não sei se devido ao número de alunos, porque era uma escola grande; mas depois, estudando com os colegas e a prima, ele se elevou e nunca perdeu o ano." (José, pai)

"Quando entrou no Anfrísia, teve dificuldades com muitos professores, mas pegou a base e foi embora." (Ana, mãe)

A narrativa das histórias escolares dos filhos pelos pais nos leva a caracterizar tais jovens como alunos que não apresentam atualmente problemas de aprendizagem, são jovens de bom comportamento na escola e possuem uma relação ótima com professores e colegas. O orgulho sentido pelos pais desses seus filhos é registrado nos depoimentos a seguir:

"Ele até hoje tem brinquedo guardado, tem zelo pelas coisas e é assim com os estudos, mas ela [a filha], não." (José, pai)

"Nunca houve uma queixa dele. Aqui no bairro os vizinhos elogiam bem o comportamento dele porque ele é muito atencioso com todos." (Ana, mãe)

"Nunca tive queixa dele. Sempre participou das atividades na escola do tipo quadrilha, jogos, peças..." (Aldeísa, mãe)

"Ela sempre foi uma menina inteligente, de fácil assimilação, meio tímida." (Raimundo, pai)

"Sempre foi ótima aluna (...) Eu ia sempre às reuniões e não tinha queixa dela." (Maridalva, mãe)

" (...) é estudiosa no ginásio e esse bem-querer pro estudo acompanha a pessoa." (Vanda, avó)

Fica difícil não supor que essa imagem positiva que os pais projetam ao narrarem a história escolar de seus filhos bem-sucedidos não contribua para a formação da auto-estima desses jovens. Auto-estima reforçada ainda pelo fato de não ser somente pelos próprios pais que tais jovens são percebidos positivamente, mas também por membros da comunidade, professores e colegas.

Pontuemos um dado sobre desagregação familiar e seus reflexos no rendimento escolar dos filhos, relatado no discurso de uma das mães:

"Ele chorou muito para se adaptar na escola porque o pai dele me deixou quando ele tinha oito anos e ele era muito apegado ao pai, comiam e andavam juntos (...) Falava com os professores dele o que estava ocorrendo e eles entendiam." (Ana, mãe)

Ainda que se trate de um depoimento isolado, não devemos desprezar o dado acima. Ele aponta para a possibilidade de as crises familiares — a separação dos pais sendo uma delas — interferirem no sucesso escolar dos filhos.

Quadro 21: História Escolar de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Rural Contada por Seus Pais

Isabel, mãe, 57 anos

Depoimento: "Eu que alfabetizei e dei aulas pra ele na 1ª série, na escola Municipal Maria Borges Falcão, onde eu ensinei por vinte anos e ele estudou até a 2ª série. Da 3ª série em diante, ele ficou na Escola Estadual Ana Falcão. Eu sempre procurava saber dos professores dele como ele estava. Graças a Deus, nunca me deu trabalho. Nunca me chamaram pra dar queixa dele e acham ele um bom aluno. Ele é meio fechado, tímido, não tem boca pra responder a ninguém, nem que ele num esteja errado. Ele sempre faz os deveres, ele mesmo. É difícil pedir pra gente orientar. Ele estuda até conseguir aquele objetivo que ele quer. Vai ao dicionário e aos livros até encontrar aquele assunto. Meu marido dá conselhos pra ele ir em

frente nos estudos porque nossos outros três filhos homens não quiseram continuar a estudar.”

Celina, avó, 58 anos

Depoimento: *"Ela estuda e brinca um bocado. Na escola nunca recebi uma queixa dela. Ela tem uma doença chamada de ausência que é controlada com remédio. Ficava dormindo na sala ou então tinha ausência de cinco minutos, ficava perdida, esquecida, mas fez tratamento no Hospital das Clínicas em Salvador. Quando morou em Salvador, estudou em duas escolas estaduais. Mesmo com esse problema de saúde sempre foi boa aluna, gosta muito de estudar. Desde pequena que botei ela pra estudar, olho seus deveres e suas notas. Nunca teve problemas na escola."*

Regina, tia, 49 anos

Depoimento: *Até a 3ª série, ele estudou na escola municipal. Desde a 4ª série que ele tá no estadual. É um aluno de bom comportamento e que aprende com facilidade. Nunca tivemos queixa dele no colégio. Ele tem mais dificuldade no estudo de geografia e inglês. Quando fez a 4ª série, se apertou um pouco pra estudar matemática. Mas quando ele não entende, tira dúvidas com os professores ou então estuda com o primo."*

Joana, mãe, 39 anos

Depoimento: *"Ela se alfabetizou com cinco anos numa escolinha particular. Pedi autorização pra ela entrar com seis anos na 1ª série do estadual. Era tímida e quieta e tinha bom relacionamento com os colegas. As amigas do colégio vinham estudar aqui em casa. Eu era que sempre ia pras reuniões na escola e os professores falavam muito bem dela. A partir da 4ª série ficou mais independente, passou a fazer os dever sozinha, sem precisar muito de ajuda. Às vezes tinha dificuldade em matemática, mas eu e o pai ajudava. Aqui em casa a gente sabe, ensina e o que num sabe procura saber dos outro pra ensinar a eles. Tem pais que num se importam de acompanhar o que os filho aprende. Esse ano ela passou direto pra 6ª série."*

Antônia, avó, 55 anos

Depoimento: *"Ele entrou na escola municipal com 6 anos e se alfabetizou lá. Estudou lá até a 2ª série e, depois, passou para a escola estadual. Teve dois professores que incentivaram bastante o estudo de dois filhos meus. E esses mesmo professores me dizem nas reuniões que meu neto é um aluno bem procedido. Esse ano uma professora mandou me chamar pra falar que ele tava respondendo, desobedecendo ela, e eu fui dizer como ela devia agir com ele. Ele nunca brigou na escola. Ele nunca teve problema. Contam que ele é um ótimo menino e que todo mundo gosta dele. Ele falava que na 5ª série tinha de fazer mais dever e que ele tinha que fazer tudo certo. Não tinha o que empatasse ele de estudar e fazer o dever. Só a letrinha dele que eu num acho boa, pelo ano que ele já tá, tinha de ser melhor. Vou comprar um*

caderno de caligrafia pra ele. Ele procura fazer os dever sozinho. Quando eu dou fé, já tá tudo pronto. Eu acompanho mais do que o avô dele."

Beatriz, mãe, 37 anos

Depoimento: "Ela se alfabetizou com seis anos na escolinha da tia. Tive que pegar autorização na Secretaria pra ela se matricular na escola com essa idade. Fez a 1ª série no municipal, mas eu preferi que ela fosse pro estadual na 2ª série. Ela é ótima aluna. Só recebo elogios porque dizem que ela é quietinha, mas tudo que ela num sabe procura tirar dúvida. Ela não gosta de ajudar ninguém. Desde pequena que se esforça sozinha pra fazer os dever. Eu vou pras reuniões e conheço os professores dela. Até agora só teve boas professoras. Na 3ª unidade ela perdeu em matemática porque estudou pouco, mas recuperou na 4ª unidade e passou direto."

Todas as histórias escolares de jovens bem-sucedidos residentes na zona rural contadas por seus pais se passa na escola pública. É bem verdade que dois dos jovens se alfabetizaram em escolas particulares, mas já na 1ª série ingressaram na rede pública de ensino. Também todas as histórias projetam uma imagem extremamente positiva desses jovens, que são caracterizados como alunos bem relacionados com professores e colegas, alunos que não apresentam problemas com disciplina e cujo desempenho escolar é motivo de orgulho dos pais:

"Graças a Deus, nunca me deu trabalho. Nunca me chamaram para dar queixa dele e acham ele um bom aluno." (Isabel, mãe)

"É um aluno de bom comportamento e que aprende com facilidade. Nunca tivemos queixa dele no colégio." (Regina, tia)

*"Na escola nunca recebi uma queixa dela. Ela tem uma doença chamada **ausência** (...) Mesmo com esse problema de saúde, sempre foi boa aluna, gosta muito de estudar." (Celina, avó)*

"Ela se alfabetizou com cinco anos numa escolinha particular. Pedi autorização pra ela entrar com seis anos na 1ª série do estadual." (Joana, mãe)

"Ele nunca teve problema. Contam que ele é um ótimo menino e que todo mundo gosta dele." (Antônia, avó)

"Ela se alfabetizou com seis anos na escolinha da tia. Tive de pegar autorização na Secretaria pra ela se matricular na escola com essa idade (...) Só recebo elogios porque dizem que ela é quietinha." (Beatriz, mãe)

Relatos de alfabetização precoce, de sucesso escolar na adversidade da doença, dentre outros, surpreendem por se tratar de jovens bem-sucedidos residentes na zona rural do sertão baiano. É certo que esta imagem positiva projetada pelos pais e reforçada por membros da comunidade, professores e colegas desempenha um papel central na construção da auto-estima desses jovens. Os depoimentos deixam transparecer que

a identidade desses garotos e dessas garotas se constitui exatamente na trajetória escolar percorrida com sucesso por cada um deles.

3.2.2 O Universo Escolar de Jovens Bem-Sucedidos no Discurso dos Pais

Passemos a analisar o discurso dos pais de jovens bem-sucedidos sobre o universo escolar de seus filhos:

Quadro 22: Discurso dos Pais sobre o Universo Escolar de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Central

Benedita, mãe, 48 anos

Depoimento: *"Não tem colégio ruim. Não é o professor que faz o aluno. É o aluno que se faz. Por isso eu não tenho do que me queixar do colégio dele. Funciona bem, os alunos fazem fila pra entrar. Tinha um diretor ótimo. O pessoal reclamava que ele faltava muito. Mas na época dele era tudo disciplinado. A atual diretora vai mais na escola, mas não é como era antes. Eu não tenho condições de avaliar os professores porque não tenho contato com eles. Acho que toda escola atende os interesses das crianças."*

Elisa, mãe, 42 anos

Depoimento: *"Ela está estudando no Polivalente. Eu acho esse colégio ótimo. Quando tem reunião, manda chamar as mães e eu vou a todas as reuniões. Gosto dos professores e dos colegas dela (...) Acostumei ela sem andar pelas porta dos outros pra não procurar confusão. E ela puxou a mim. Por isso ninguém tem queixa dela, nem vizinha, nem professor (...) A pessoa que não estuda não é nada. Agora com o computador vai ser pior. Tem que ter estudo. Se eu tivesse estudado, estava trabalhando num serviço bom e não tava com problemas de saúde. É o que eu digo sempre a eles todos."*

Maria, mãe, 48 anos

Depoimento: *"Eu não tenho o que dizer da escola. Gostei muito da época do diretor Flávio porque ele fez melhorias e lutava pra levar tudo pra escola. Esse ano teve uma palestra e os pais foram convidados. Gostei muito das informações que recebi (...) Acho que desde quando ele está no colégio e não tem problema nenhum com ele, então o colégio está sendo útil para ele."*

Neilton, pai, 35 anos

Depoimento: *"Em termos de ensino acho que a escola é boa, não tenho do que me queixar. O espaço físico é bem aproveitado pelos alunos. A escola é muito importante para a vida deles em todos os sentidos, na sua formação geral. Não é só a escola que prepara para a vida, o aluno também tem de se preparar. A escola garante o ensino, mas não o emprego. A pessoa tem que se formar no que acha que*

vai ser bom para ela. Tem que saber escolher a profissão pra não se arrepender, pois pode ser tarde pra voltar atrás."

Ilda, mãe, 41 anos

Depoimento: "Essa escola tem mais professores porque ginásio é assim: um professor pra cada matéria. Eu não conheço os professores porque só tive uma reunião de pais no início do ano. Esse ano a escola tá meio bagunçada porque está sem diretora, não teve reunião, não teve boletim. A escola é grande, tem proteção com dois portões e um segurança (...) Ele não reclama dos professores e estagiários. (...) Escola é muito importante porque pra iniciar tudo, hoje, arrumar trabalho, tudo depende de se aprender na escola. As pessoas também têm de procurar outro meio de estudar porque só o que a escola ensina não é suficiente."

Omar, pai, 37 anos

Depoimento: "Pelo que vejo, o ensino em geral é muito fraco nessas escolas todas. Hoje não tem professor, tem muita aula vaga, muita greve. Os alunos fazem mais trabalho do que prova. O trabalho pode copiar do livro ou de um colega mesmo sem ter aprendido nada, mas na prova não, cada um vai ver sua capacidade do que aprendeu (...) Não conheço os professores. Os estagiários, às vezes, se dedicam mais porque estão começando e têm mais vontade de trabalhar. Ela disse que agora só tem dois professores e o resto é estagiário (...) Hoje em dia, pra quem está estudando tá difícil, imagine pra um analfabeto. A pessoa tem que aprender alguma coisa."

Dois dos seis pais de jovens residentes na zona central entrevistados possuem uma visão positiva da escola dos seus filhos. Ambos gostam da qualidade do ensino da escola e um deles se refere ao bom aproveitamento do espaço físico.

Dois pais, Ilda e Omar, possuem uma visão negativa sobre a escola dos seus filhos. Ilda justifica sua visão negativa da escola pela ausência de direção, que se reflete na falta de disciplina e organização. Omar faz crítica à falta de professores, aos movimentos grevistas e ao atual sistema de avaliação, que faz uso mais freqüente de trabalhos do que de verificação de aprendizagem:

"Os alunos fazem mais trabalhos do que prova. O trabalho pode copiar dos livro ou de um colega mesmo sem ter aprendido nada, mas na prova não, cada um vai ver sua capacidade do que aprendeu." (Omar, pai)

Duas mães, Maria e Benedita, declaram não ter o que dizer da escola. Segundo Benedita,

"Não tem colégio ruim. Não é o professor que faz o aluno. É o aluno que se faz".

Maria, em seu depoimento, limita-se a observações pontuais sobre a época de um diretor que lutou por melhorias na escola e sobre uma palestra a que assistiu, cujas informações julgou muito úteis.

Um dado preocupante sobre o universo escolar é apresentado por Omar. Esse pai foi informado por sua filha que somente dois dos seus professores não são estagiários. Já registramos em nota os problemas associados com a utilização no ensino público.

Três dos pais definem a importância da escola em função das oportunidades que pode abrir no mercado de trabalho:

"A pessoa que não estuda não é nada. Agora com o computador vai ser pior. Tem que ter estudo. Se eu tivesse estudado, estava trabalhando num serviço bom e não tava com problemas de saúde. É o que eu digo sempre a eles." (Elisa, Mãe)

"Hoje em dia, pra quem tá estudando tá difícil, imagine pra um analfabeto." (Omar, pai)

"Escola é muito importante porque pra iniciar tudo hoje, arrumar trabalho, tudo depende de se aprender na escola." (Ilda, mãe)

Somente um dos entrevistados, Neilton, considera a escola como agência de formação global do aluno:

"A escola é muito importante para a vida deles em todos os sentidos, na sua formação geral." (Neilton, pai)

Dois mães, Benedita e Maria, não conseguiram definir exatamente em seus depoimentos a importância da escola na vida de seus filhos. Enquanto Benedita afirma que todas as escolas atendem aos interesses das crianças, Maria se limita a dizer que o colégio é útil a seu filho.

Quadro 23: Discurso dos Pais sobre o Universo Escolar de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Periférica

José, pai, 37 anos

Depoimento: "Pelo que ouço, a diretora é das melhores possíveis aqui no subúrbio. Ela 'carrega o piano, mesmo'. E reflete no trabalho dos professores e no funcionamento da escola. Acho que falta mais segurança. Meu filho sofreu ameaça de agressão no colégio que eu acho que um bom segurança teria evitado. A área de esportes deixa a desejar. Precisa de orientação atlética. Essa é uma falha das escolas do governo. Fazem uma quadrazinhas que não são suficiente para os alunos (...) Tento mostrar pra ele que se não estudar, o campo de trabalho vai ficar pior ainda. Ele tem que continuar os estudos. Se não acompanhamos os filhos para orientar pro melhor caminho, mostrando os exemplos bons e maus e os caminhos que devem seguir se quiserem, podemos nos arrepender mais tarde."

Raimundo, pai, 59 anos

Depoimento: "A diretora é minha amiga e contemporânea. Conheço a base cultural dela como professora e como administradora é excelente (...) Na parte pedagógica,

ela teve bons professores, mas não em todas as matérias, houve muita mudança de professor. O governo explora a mão-de-obra dos estagiários que não completam o ano letivo, o que por sua vez ocorre uma constante mudança de método de ensino e isso tudo influencia na formação do aluno, interfere na didática da escola. Apesar disso, essa diretora cuida de tudo, desde a qualidade da merenda até lâmpada. (...) Colocamos nossos filhos na escola pra cultivar cultura em suas mentes, mas as orientações são diversas. De pai pros filhos os costumes são diferentes. Cuido pra ela não se deixar influenciar negativamente com colegas cuja formação não foi tão bem cuidada como a nossa. Fora."

Ana, mãe, 42 anos

Depoimento: "A escola é ótima. Quero que minha filha caia lá também. A diretora e os professores são bons. Sempre fui às reuniões. Gosto muito da disciplina da escola. Deveria ter o segundo grau pra ele continuar estudando aí. Quando a diretora Aurelita chegou, botou a escola em ordem (...) Fez boas amizades na escola, são meninos comportados. Acho que tudo que a escola ensinou a eles foi útil pra vida deles."

Maridalva, mãe, 42 anos

Depoimento: "Eu gosto muito da organização da escola. Minha filha disse que está sem professor de geografia e de inglês. Não é bom pros alunos passarem o ano sem aprender essas coisas. Mas eu acho que a escola ajuda a pessoa a estudar pra ser alguma coisa na vida, conseguir um bom serviço."

Aldeisa, mãe, 37 anos

Depoimento: "Gostei da escola porque não tem greve e o ensino é bom. Devo ter ido lá umas quatro vezes por ano, mas não conheço os professores. Só conheço a vice e a diretora. Acho que a escola não tem problemas. Acho que o colégio educou ele. Tem muito menino rebelde e ele não é rebelde. A diretora é durona e pega os meninos rebelde pra conversar."

Vanda, avó, 62 anos

Depoimento: "Acho uma boa escola. É uma das mais cotadas nessa área. Os professores são bons, comunicativos. Eu conheço alguns professores porque minha filha ensina lá e traz uns aqui. A diretora sempre precisa das coisas que faltam na escola e ela leva papel, água, tudo. Só não levou dinheiro, mas, às vezes, compramos coisas porque dizem que lá tem pouco material (...) A escola é importante pra garantir um futuro melhor. Sem estudo, como é que consegue um bom emprego?"

Todos os pais de jovens residentes na zona urbana periférica entrevistados possuem uma visão positiva da escola em que seus filhos estudam. Não obstante, quatro desses pais apresentaram críticas a alguns dos aspectos de estrutura e funcionamento das escolas. A direção, a qualidade do ensino, o desempenho de certos professores e a organização compõem o universo dos aspectos positivos sublinhados pelos pais. A falta de segurança, de professores, de materiais e de espaço para a prática desportiva compõem o universo dos aspectos negativos.

Mais uma vez chamemos atenção para a ação nefasta da política de contratação de estagiários e denunciada por um dos entrevistados:

"O governo explora a mão-de-obra dos estagiários que não completam o ano letivo, o que por sua vez ocorre uma constante mudança no método de ensino e isso tudo influencia na formação do aluno." (Raimundo, pai)

Três dos pais entrevistados definem a importância da escola em função de melhores oportunidades de emprego no futuro dos seus filhos:

"Tento mostrar pra ele que se não estudar, o campo de trabalho vai ficar pior ainda. Ele tem que continuar os estudos." (José, pai)

"Eu acho que a escola ajuda a pessoa a estudar pra ser alguma coisa na vida, conseguir um bom serviço." (Maridalva, mãe)

"A escola é importante pra garantir um futuro melhor para os jovens. Sem estudo, como é que consegue um bom trabalho?" (Vanda, avó)

A importância da escola na vida dos filhos para o restante dos entrevistados é definida de forma distinta, a saber: formação disciplinar do aluno, formação cultural do aluno e utilidade dos conteúdos aprendidos para a vida dos alunos.

Quadro 24: Discurso dos Pais sobre o Universo Escolar de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Rural

Isabel, mãe, 57 anos

Depoimento: “Os professores são excelentes, competentes, não filam aula, têm gosto de ensinar e cumprem com o seu dever. Não tenho nada a dizer deles. A escola deveria ser totalmente murada. Os vagabundos invadem a escola e perturbam os alunos e até xingam os professores, sobem nas janelas das sala de aula (...) No ano passado a diretora chamou a polícia, mas não foi suficiente. Deveria ter mais segurança no colégio. Nossa esperança é que o novo prefeito dê um jeito nisso (...) Ele tem de se adaptar à escola, porque sem escola num tem sucesso certo, porque o saber está acima de tudo. Daqui pra frente a vida tá mais difícil, não dá pra ficar sem escola.”

Celina, avó, 58 anos

Depoimento: “A escola não tem segurança. As coisas da escola são guardadas nas casas dos outros. Não tem muro dos lados e no fundo, só na frente. O portão fica aberto, entra quem quiser pra se misturar com os alunos. Os professores são melhor que os de Salvador (...) Precisa colocar o segundo grau aqui em Mercês. Só tem em Humildes. Muitos jovens desistem de estudar porque moram longe e andam quatro horas a pé no sol e na chuva pra ir e voltar da escola. A prefeitura devia mandar um ônibus colhendo esses alunos nos vários povoados que têm por aqui. A diretora disse que esse ano não vai ter matrícula pra todas as séries porque não tem mais vaga (...) Os professores que trabalham nessas escolas deviam ter mais incentivos, ganhar melhor porque eles andam todo dia dois quilômetros de pé, no sol de mais de quarenta graus ou na chuva (...) A escola é tudo. Sem escola a pessoa fica burra, só serve pra trabalhar na roça ou em casa de família.”

Regina, tia, 49 anos

Depoimento: “A escola é boa e funciona bem. Precisa de um porteiro e de ser murada.. Acho os professores bons. Eles não mandam chamar a gente todo dia. É sinal de que tá tudo correndo bem. Gustavo num dá queixa deles (...) A escola é importante pra ele ser uma pessoa educada, estudada e ter emprego.”

Joana, mãe, 39 anos

Depoimento: “Falta segurança na escola. Botamos os nossos filhos e ficamos preocupados. Tem mocinhas e crianças que correm o risco com os estranho que entram no colégio durante as aula, fazem bagunça, dizem palavrão e eles têm de agüentar porque têm medo de serem ameaçados com a violência. Por um milagre nunca houve uma tragédia. A escola num tá murada e tem muitas mesas e cadeiras danificadas. Já os professores são excelente, num tenho o que reclamar deles. As salas

são quentes. Minha filha reclama muito do calor na escola (...) Sem escola o futuro é incerto. Hoje quem não tem segundo grau num é ninguém."

Antônia, avó, 55 anos

Depoimento: "A escola funciona bem e faz muito bem a ele. Os menino aqui estavam à toa. Essa escola veio dar melhoria pros estudante daqui. Eu me senti melhor com os meus netos estudando nessa escola. Deve faltar muita coisa e os alunos ficam prejudicados com os maus procedimentos dos vagabundos que entram no colégio e não deixam os meninos estudar. Eles entram porque a escola num tem muro e num tem vigia. Ano passado os próprios moradores mandaram chamar a polícia e levou dois deles, mas continuam bagunçando (...) A informação que eu tenho é que os professores num trabalham mal não, do contrário, são umas jóias (...) A escola é importante pra que o aluno aprenda e possa fazer alguma coisa na vida e fazer algum trabalho. Sem estudo num se consegue nada."

Beatriz, mãe, 37 anos

Depoimento: "A escola num tá utilizando aTV e o vídeo que o governo mandou já tem tempo. Essas escolas do governo tudo num têm ventilador, nem ar condicionado, a ventilação é a que Deus dá, é o vento mesmo. Eu acho as salas com menos alunos melhor pra o desenvolvimento deles. Lá tem nove salas com muitos alunos. Na sala da minha filha deve ter uns trinta alunos. Quem dirige a escola é a Cláudia. Eu não tenho o que dizer do trabalho dela. Os professores fazem um bom trabalho. Acho que deveria ter mais reunião de pais e mestres durante o ano. Deveria dar mais oportunidade pros pais saberem da vida dos filhos na escola (...) Sem escola, qual o desenvolvimento na vida? A pessoa num consegue aprender nada sem escola. Por mais que queira aprender, a pessoa sem escola continua sabendo pouco. E quem sabe pouco num tem vez no futuro."

Todos os pais de jovens residentes na zona rural entrevistados avaliam positivamente a qualidade do ensino das escolas de seus filhos em função da excelência da mão-de-obra:

"Os professores são excelentes, competentes, não filam aula, têm gosto de ensinar e cumprem com o seu dever. Não tenho nada a dizer deles." (Isabel, mãe)

"Acho os professores bons. Eles não mandam chamar a gente todo dia. É sinal que tá tudo correndo bem." (Regina, tia)

"A informação que tenho é que os professores não trabalham mal não, do contrário, são umas jóias." (Antônia, avó)

"Os professores são melhor que os de Salvador." (Celina, avó)

"Já os professores são excelentes, não tenho do que reclamar. (Joana, mãe)

"Os professores fazem um bom trabalho." (Beatriz, mãe)

Os pais entrevistados são também unânimes em criticar as condições de segurança da escola, que não conta com vigilância e não é murada. Tais condições permitem a entrada de pessoas estranhas na escola que põem em risco a segurança dos alunos e atrapalham as aulas, como ilustram os dois depoimentos a seguir:

"Os vagabundos invadem a escola e perturbam os alunos e até xingam os professores, sobem nas janelas da sala-de-aula (...) No ano passado, a diretora chamou a polícia, mas não foi suficiente." (Isabel, mãe)

"Botamos nossos filhos e ficamos preocupados. Tem mocinhas e crianças que correm risco com os estranho que entram no colégio durante a aula, fazem bagunça, dizem palavrão e eles têm de agüentar porque têm medo de serem ameaçados com a violência. Por um milagre nunca houve uma tragédia." (Joana, mãe)

Uma avó, Celina, faz uma relato contundente sobre as condições adversas enfrentadas pelos alunos da zona rural para estudarem. A inexistência de segundo grau na região em que reside é apontada por ela como um dos fatores da evasão de muitos dos alunos que chegam a andar quatro horas para ir à escola. Celina faz ainda menção do fato de que este ano não haverá vagas para todos os interessados em estudar, segundo depoimento da própria diretora da escola. Também seguindo uma linha crítica sobre a escola, uma mãe, Beatriz, denuncia a má utilização do vídeo e da TV enviados pelo governo para a escola e das condições nada saudáveis de salas de aulas, pequenas, quentes e superlotadas. Outra mãe, Joana, corrobora a crítica sobre as condições insalubres das salas de aula e acrescenta o fato de existirem muitas mesas e cadeiras danificadas.

A escola como instrumento para garantir um futuro melhor para os filhos é unanimidade nos depoimentos desses pais:

... sem escola num tem sucesso certo, porque o saber está acima de tudo. Daqui pra frente a vida tá mais difícil, não dá pra ficar sem escola." (Isabel, mãe)

"A escola é tudo. Sem escola a pessoa fica burra, só serve pra trabalhar na roça ou em casa de família." (Celina, avó)

"A escola é importante pra ele ser uma pessoa educada, estudada e ter emprego." (Regina, tia)

"Sem escola o futuro se torna incerto. Hoje que num tem segundo grau num é ninguém." (Joana, mãe)

"A escola é importante pra que o aluno aprenda e possa fazer alguma coisa na vida e fazer algum trabalho. Sem estudo num se consegue nada." (Antônia, avó)

"Sem escola, qual o desenvolvimento na vida? A pessoa num consegue aprender nada sem escola. Por mais que queira aprender, a pessoa sem escola continua sabendo pouco. E quem sabe pouco num tem vez no futuro." (Beatriz, mãe)

3.2.3 O Sucesso e o Fracasso Escolar na Ótica dos Pais

Passemos a seguir a analisar os discursos dos pais sobre o sucesso de seus filhos e as razões que levam ao fracasso escolar de jovens alunos de escolas públicas:

Quadro 25: Sucesso e Fracasso Escolar no Discurso dos Pais de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Central

Benedita, mãe, 48 anos

Depoimento: *"Eu sou responsável pelo sucesso do meu filho (...) Os pais têm culpa quando os filhos fracassam na escola porque não cumpriram a obrigação de acompanhar os filhos. Muitas crianças dizem que vão pro colégio, mas ficam brincando na rua ou no colégio e os pais não perguntam nada a elas e não sabe de nada que acontece com os filhos."*

Elisa, mãe, 42 anos

Depoimento: *"O sucesso deve ao interesse dela e dos professores. Se o aluno não for interessado, não aprende. Depende dos dois: do aluno interessado e do bom professor (...)O fracasso escolar é pela falta de apoio dos pais e desinteresse do próprio aluno."*

Maria, mãe, 48 anos

Depoimento: *"O sucesso dele atribuo a mim que boto ele pra estudar, reclamo, boto de castigo, tudo o que for preciso pros meus filhos estudarem. Depois, a escola e os professores que também contribuem com os pais e, também, a boa vontade dele. O pai também acompanha como eu, mas trabalha e não tem o mesmo tempo que eu pra ver eles estudando (...) Se fracassam é por falta de interesse deles e por culpa dos pais que estão gastando pra botar os filhos na escola, mas não procuram saber deles. Com a juventude de hoje, a gente tem de ficar em cima."*

Neilton, pai, 35 anos

Depoimento: *Seu sucesso se deve à força de vontade dela mesma. Todo jovem tem que procurar estudar porque com estudo a vida tá difícil, que dirá sem ele. E principalmente nós, pai e mãe, ajudamos nesse sucesso dela, como você está falando (...) Acho que quando um estudante não vai bem o desinteresse é dele acompanhado da situação precária da família, os problemas de dentro de casa que terminam influenciando negativamente e eles perdem ou largam a escola."*

Ilda, mãe, 41 anos

Depoimento: *"Como diz o provérbio: o quem tem de ser, já nasce. Ele já nasceu com esse jeito pra estudar. A irmã não tem o mesmo interesse dele. Ela fala melhor e mais explicado do que ele, mas não gosta tanto de estudar como ele. Nós só cumprimos nossa obrigação de escolher e botar na escola. Ele nasceu pro sucesso. Ali-*

ás, o nascimento dele foi difícil, teve que ser foceps porque já tinha passado da hora. Por isso eu acho que ele tem uns problemas de esquecimento, algo psicológico (...) Os alunos fracassam porque a Secretaria de Educação não bota professor, os alunos ficam desassistidos, sem aulas, sem deveres pra fazer, perdem, repetem e abandonam a escola."

Omar, pai, 37 anos

Depoimento: "O sucesso dependeu do interesse dela e da própria mãe. Eu não me incluo porque participo bem pouco. A mãe resolve mais e o padrinho também cobra bastante dela (...) De um modo geral acho que os jovens fracassam porque trabalham e não conseguem estudar ao mesmo tempo nem à noite. Tem que sustentar os próprios pais e os pais botam pra eles trabalhar porque são muitas dificuldades. Outros fracassam por falta de interesse porque têm oportunidade e não aproveitam."

Quatro dos pais entrevistados citam os filhos como responsáveis pelo sucesso de suas histórias escolares: uma mãe que considera os professores como co-responsáveis pelo sucesso da filha, um pai que considera a mãe co-responsável pelo sucesso da filha, um pai que se considera, juntamente com a esposa, co-responsável pelo sucesso da filha e uma mãe que considera seu filho exclusivamente como o único responsável pelo seu sucesso escolar:

"Como diz o provérbio: o quem tem de ser, já nasce. Ele já nasceu com esse jeito pra estudar (...) Nós só cumprimos com nossa obrigação de escolher e botar na escola. Ele nasceu pro sucesso." (Ilda, mãe)

O desinteresse dos próprios jovens é citado em quatro depoimentos de pais para justificar o fracasso escolar: duas mães associam ao desinteresse dos jovens pela escola a falta de apoio dos pais, um pai associa ao desinteresse dos jovens pela escola os problemas de ordem familiar gerados pela situação precária das famílias de baixa renda e um outro pai afirma que a necessidade de trabalhar para ajudar no orçamento doméstico é, ao lado do desinteresse dos jovens pela escola, outra causa de fracasso escolar.

Um depoimento dado por uma mãe que acredita ser exclusivamente a falta de acompanhamento dos pais a causa do fracasso escolar dos jovens merece ser transcrito:

"Os pais têm culpa quando os filhos fracassam na escola porque não cumpriram com a obrigação de acompanhar os filhos. Muitas crianças dizem que vão pro colégio, mas ficam brincando na rua ou no colégio e os pais não perguntam nada a elas e não sabe de nada que acontece com os filhos." (Benedita, mãe)

A gravidade da acusação traduz a preocupação em denunciar a ausência de diálogo em família como a causa do fracasso escolar dos filhos. Possivelmente a falta de diálogo em casa seja também a causa de inúmeros outros problemas enfrentados pelos jovens de classes populares — apenas um *feeling*.

Uma única mãe decidiu-se por responsabilizar o governo pelo fracasso escolar dos jovens. Seu depoimento responsabiliza as secretarias de Educação que não contratam professores para as suas escolas e deixam os alunos desassistidos como os principais responsáveis pelo fracasso e a evasão escolar.

Quadro 26: Sucesso e Fracasso Escolar no Discurso dos Pais de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Periférica

José, pai, 37 anos

Depoimento: "O sucesso dele se deve a todos os fatores: família, casa, escola, tudo influencia. Se um desses fatores não estiver bem repercute no desempenho dele. Toda a engrenagem tem de tá legal (...) Nesta localidade onde moramos, muitos vão à escola por alimentação. A maioria dos pais não aceitam reclamação sobre os filhos, acham que a diretora tá perseguindo os filhos, dizem desaforo aos professores e aí a criança apronta porque o pai vai enfrentar a diretora. Então, são fatores de fracasso escolar pois sem nível educacional não dão o exemplo na família, bebem cachaça, brigam, são violentos. Os meninos não têm com quem dialogar e a válvula de escape é abandonar o estudo porque não querem forçar a mente."

Raimundo, pai, 59 anos

Depoimento: "Atribuo o sucesso escolar primeiro à sua inteligência e poder de assimilação. Em segundo lugar, ao acompanhamento diário dos pais e em terceiro lugar ao fato de ter encontrado, no meio das dificuldades, bons professores que ajudaram a superar as dificuldades de aprendizagem (...) Quando se dá o fracasso na escola dizem que os alunos que querem o sucesso estudam e os que não obtiveram êxito não estudaram. Mas eu acho que o acompanhamento dos pais em casa tem um peso no aproveitamento do aluno."

Ana, mãe, 42 anos

Depoimento: "Atribuo o sucesso dele na escola a ele e aos meus esforços em manter ele na escola, mesmo com dificuldade de comprar as coisas que ele pede pra estudar (...) Eu acho que o que influencia no fracasso escolar é a falta de incentivo dos pais, as drogas e as más amizades."

Maridalva, mãe, 42 anos

Depoimento: "O sucesso dela se deve a ela mesma, ao seu interesse e a nós que olhamos por ela (...) Acho que o fracasso escolar se dá por falta de interesse do jovem e também pelo desinteresse dos pais em acompanhar os filhos na escola."

Aldeísa, mãe, 37 anos

Depoimento: "O sucesso dele se deve ao esforço dele, da minha ajuda e das professora. Tudo depende da pessoa. O pai dele era assim também, esforçado (...) Acho que a mãe é culpada pelos filhos que fracassam na escola porque não bota pra estudar, bota pra trabalhar. Se ela num incentivar, quem vai incentivar?"

Vanda, avó, 62 anos

Depoimento: *"Acho que ela própria fez o seu sucesso porque ninguém mandou ela estudar. Ela mesma trouxe muita gente pra estudar com ela. Ela escreve muito no quarto, escreve peças pras festas da escola, ensaiam aqui, se pintam, se arrumam e vão prontas se apresentar no colégio (...) Culpo os pais pelo fracasso dos filhos que não vão bem na escola. O sucesso da criança depende da família."*

Os filhos aparecem como responsáveis pelo próprio sucesso escolar em quatro dos seis depoimentos de jovens residentes na zona urbana periférica. Dois desses depoimentos incluem os pais como coadjuvantes das histórias de sucesso dos filhos e os dois outros incluem, para além dos pais, os professores desses jovens.

Um depoimento de um pai, José, apresenta uma visão integrada das causas do sucesso escolar do filho:

"O sucesso dele se deve a todos os fatores: família, casa, escola, tudo influencia. Se um desses fatores não estiver bem repercute no desempenho dele. Toda a engrenagem tem de tá legal." (José, pai)

Contrastando com a natureza integrada das causas do sucesso escolar apontadas por José, o depoimento de Vanda, avó, considera a neta como a única responsável pelo seu sucesso escolar:

"Acho que ela própria fez o sucesso dela porque ninguém mandou ela estudar. Ela mesma trouxe muita gente pra estudar com ela." (Vanda, avó)

A ausência de incentivo, acompanhamento e interesse dos pais é citada em todos os depoimentos como causa do fracasso escolar dos jovens. Uma das mães associa a esse fator as drogas e as más companhias, outra mãe associa à ausência de interesse dos pais a ausência de interesse do próprio jovem em relação à escola. Um pai, José, opta por regionalizar o caráter do seu depoimento ao associar os outros fatores determinantes do fracasso escolar ao fator ausência de incentivo dos pais:

"Nesta localidade onde moramos muitos vão à escola por alimentação. A maioria dos pais não aceitam reclamação sobre os filhos, acham que a diretora tá perseguindo os filhos, dizem desaforo aos professores e aí a criança apronta porque o pai vai enfrentar a diretora. Então, são fatores de fracasso escolar, pois sem nível educacional não dão o exemplo na família, bebem cachaça, brigam, são violentos. Os meninos não têm com quem dialogar e a válvula de escape é abandonar o estudo porque não querem forçar a mente." (José, pai)

Talvez essas crianças não queiram forçar suas mentes para não ter de refletir sobre a situação miserável em que sobrevivem, penso eu. Mas não concordo com José quanto ao caráter volitivo do **não forçar a mente** dessas crianças. Acredito que elas não têm outra alternativa, não se trata de uma questão do querer, mas do poder. Como José mesmo declara, a evasão é uma válvula de escape, portanto uma saída única e compulsória.

Quadro 27: Sucesso e Fracasso Escolar no Discurso dos Pais de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Rural

Isabel, mãe, 57 anos

Depoimento: *“Em primeiro lugar, ele fez sucesso por ele mesmo. O ditado diz: “quem tem de ser, já nasce”. Ele é esforçado desde as primeiras letras. Quando saiu da alfabetização, já escrevia o nome dele. Tem menino que num sabe escrever nada na 1ª série. Em segundo lugar, o nosso incentivo, mostrando os exemplos e orientando. Os irmãos todos estimulam o estudo dele (...) Os pais são responsáveis pelo fracasso dos filhos na escola porque mesmo que o menino não queira, eles têm de forçar e não deixar à vontade pra ver se muda o comportamento. Como professora e mãe, eu digo que as mães têm obrigação de procurar saber o que o filho tem pra fazer, o que escreveu no caderno, o que se passou no colégio.”*

Celina, avó, 58 anos

Depoimento: *“Acho que seu sucesso se deve a ela e às professoras e a mim que dou o incentivo (...) A cabeça dessa juventude de hoje não tem mais juízo. Eles vão pra escola todo dia, mas acho que a mente deles tem problemas, tem que passar pelo médico.”*

Regina, tia, 49 anos

Depoimento: *“O sucesso dele se deve ao procedimento dele mesmo. Ele nunca deu motivo pra não ser bom aluno. A mãe dele botava na banca e estimulava ele pedindo pra ele ter cuidado com os dever. Ela está sempre recomendando que ele preze os estudo (...) Acho que eles fracassam por falta de recurso da família. Aí eles perdem o gosto pelo estudo porque têm que trabalhar e muitos num arranjam trabalho e ficam vadiando.”*

Joana, mãe, 39 anos

Depoimento: *“Ela tem sucesso por causa da educação que damos em casa. Na verdade, o sucesso dela se deve a ela e ao incentivo da gente porque na hora do estudo é estudo, brincadeira é brincadeira (...) Acho que os que fracassam é por falta de incentivo dos pais. Os pais botam os filho pra trabalhar porque necessitam, mas não têm condição de continuar na escola.”*

Antônia, avó, 55 anos

Depoimento: *“Ele é bem interessado e eu cobro dele. Se ele chegar até o fim assim, tá bom. O pai dele também ajuda a criar e dá o sustento dele. Os pais são separado. A mãe estudou até a 1ª série, mas num sabe nada não. O pai, eu num sei se formou, ele é negociante (...) Os alunos que fracassam na escola é por falta de interesse deles.”*

Beatriz, mãe, 37 anos

Depoimento: *"Ela tem sucesso por causa dela mesma. Eu também ajudei no que pude ajudar. Ela seguiu os conselhos que a gente deu, que os professores deram e tem se comportado bem na escola (...) Acho que os alunos que fracassam é por falta de incentivo dos pais, amigos (...) Às vezes repetem o ano por falta de interesse mesmo. Muitos vão pra escola sem se alimentar direito e não conseguem aprender. Mas também tem casos que a culpa é da escola que num tá sendo boa pro aluno."*

Os filhos são citados como responsáveis pelo próprio sucesso escolar em todos os depoimentos dos pais de jovens residentes na zona rural. Os pais aparecem como coadjuvantes do sucesso dos filhos nos seis depoimentos. Dois desses depoimentos incluem ainda os professores dos jovens também como coadjuvantes das suas histórias de sucesso escolar.

Três dos depoimentos derivam o fracasso escolar da falta de incentivo e interesse dos pais de jovens fracassados na escola. Um desses depoimentos associa à falta de incentivo e interesse dos pais outros fatores:

"Às vezes repetem o ano por falta de interesse [dos jovens] mesmo. Muitos vão pra escola sem se alimentar direito e não conseguem aprender. Mas também tem casos que a culpa é da escola que num tá sendo boa pro aluno." (Beatriz, mãe)

Essa mãe consegue pensar o fracasso na ótica da necessidade de alimentação para garantir o sucesso da aprendizagem porque é sabido que, com fome, ninguém consegue aprender, e também na ótica da escola; isto é, ela inverte os valores; já não é o aluno que fracassa, e admite a possibilidade de a escola fracassar em sua função de ensinar e gerar alunos fracassados. Também Beatriz admite que a origem do fracasso escolar pode eventualmente ser encontrada na falta de interesse do próprio aluno. Também uma avó, Antônia, assim explica a origem do fracasso escolar dos jovens. Só que para Antônia este é o único fator capaz de explicar o fracasso escolar.

Uma interessante reflexão sobre uma possível origem de ordem mental do fracasso escolar dos jovens é apresentada por uma avó:

"A cabeça dessa juventude de hoje não tem mais juízo. Eles vão pra escola todo dia, mas acho que a mente deles tem problemas, tem que passar pelo médico." (Celina, avó)

Na impossibilidade de compreender como jovens que freqüentam diariamente a escola não conseguem aprender, esta avó medicaliza o fracasso escolar e remete para os médicos a busca de uma explicação para as suas causas.

Um último depoimento sobre a origem do fracasso escolar remete-nos para a origem social do problema:

"Acho que eles fracassam por falta de recurso da família. Aí eles perdem o gosto pelo estudo porque têm que trabalhar e muitos num arranjam trabalho e ficam vadiando." (Regina, tia)

A reflexão elaborada por Regina supõe a miséria na origem do fracasso escolar. Os jovens precisam trabalhar porque a família não tem recursos. Mas o fato de precisar trabalhar não compõe o ponto alto da sua reflexão, e sim o fato de que aqueles que não encontram trabalho perdem o gosto pelo estudo e ficam vadiando. É a falta de emprego, e não o emprego, que se encontra na origem do fracasso escolar.

3.2.4 O Futuro de Jovens Bem-Sucedidos no Discurso dos Pais

Procedamos a seguir a uma análise dos discursos dos pais sobre o futuro de seus jovens filhos bem-sucedidos na escola:

Quadro 28: Futuro de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Central no Discurso dos Pais

Benedita, mãe, 48 anos

Depoimento: "Dizia ao pai que queria ser advogado. Pra mim falou que queria fazer contabilidade. Quero que ele tenha um bom futuro. Queria que ele estudasse e se formasse. Eu tinha que ter muito dinheiro, mas vou fazer o que posso pra ele fazer o segundo grau. Se Deus ajudar, ele vai pra uma melhor."

Elisa, mãe, 42 anos

Depoimento: "Ela quer se formar, mas eu não sei em quê. Ela sempre fala e eu não gravo. Quer fazer um curso de informática. Ela quer acabar os estudos e depois casar. Se casar vai continuar estudando. O noivo diz o mesmo e concorda com ela. Ela quer morar num ambiente melhor."

Maria, mãe, 48 anos

Depoimento: "Eu não sei o que ele pensa do futuro porque cada hora ele pensa numa coisa. Ainda não sabe o que quer. Não revela os planos, os desejos, nada dos planos dele."

Neilton, pai, 35 anos

Depoimento: "Nunca fico em cima dela pra saber os planos do futuro. Acho, por exemplo, que o namoro não tem futuro, é só fase. Não quero dizer sempre não, por isso deixo ela fazer certas coisas. Isso ajuda no desenvolvimento dos estudos. Não quero reprimir toda hora (...) Na família temos uma prima que é advogada, policial e delegada, mas não acho que isso influenciou na escolha dela de fazer direito. Acho que ela conta por ela mesma."

Ilda, mãe, 41 anos

Depoimento: *"Se ele ficar na escola pública quer fazer contabilidade. Já pediu até pra eu procurar onde tem esse curso. Se for para escola técnica, vai fazer eletrônica porque sabe consertar rádio, ventilador, vídeo-game e nesses aparelhos todos ele mexe. Ele fica me perguntando como é o vestibular. Eu digo que pra fazer uma faculdade leva uma média de seis anos pra se formar numa profissão. Ele acha muito tempo porque quer trabalhar e está em dúvida se vai fazer vestibular."*

Omar, pai, 37 anos

Depoimento: *"Pra mim ela nunca disse o que quer fazer no futuro. Acredito que ela pense em se casar e formar família."*

Três dos pais de jovens residentes na zona urbana central desconhecem o futuro profissional de seus filhos. As razões desse desconhecimento são as seguintes: uma mãe já foi informada, mas admite não ter gravado; um pai nunca foi informado, e uma mãe declara não saber porque o filho muda de opinião a toda hora e não lhe revela seus planos e desejos.

Uma mãe declara que gostaria que seu filho fizesse uma faculdade, mas provavelmente não o fará por falta de condições financeiras. Essa mesma mãe declara ainda o seu propósito de não medir esforços para que o filho conclua o segundo grau. Uma outra mãe declara a intenção do filho de cursar mecânica na Escola Técnica Federal ou contabilidade, se for fazer o segundo grau em uma escola pública. Assume que o seu filho está em dúvida se fará faculdade porque cursar uma faculdade leva muito tempo e ele deseja trabalhar. Somente um dos pais, entre os seis entrevistados, fala dos planos de sua filha para cursar uma faculdade. Sua filha deseja fazer direito, uma opção que, segundo ele, partiu da própria jovem.

No plano da vida pessoal, somente dois pais, ambos pais de garotas, declararam saber sobre os planos de suas filhas: casar e constituir família. Uma delas deseja continuar estudando após o casamento e se mudar para um ambiente (bairro) melhor.

Quadro 29: Futuro de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Urbana Periférica no Discurso dos Pais

José, pai, 37 anos

Depoimento: *"Nossa preocupação é com o preparo emocional dele pra absorver as atrações e liberdade que o centro da cidade dá e que no subúrbio não tem. Não tem shopping, cinema e movimento do centro. As escolas de segundo grau têm portões abertos, sem controle de saída e entrada de alunos. Deveria ter educadores que informassem a eles sobre a vida, pelo menos uma vez por mês, os alunos tinham de ter essas aulas. Nessa fase da adolescência e com tanta liberdade, eles podem se desviar (...) Eu me aborreci com ele porque ele não tentou a escola técnica. Antes quando saíamos do ginásio já sabíamos o que queríamos. Hoje não. Deveria ter*

uns testes vocacionais. Eu converso com eles e não sabem o que querem. Quando era pequeno, ele queria medicina. Agora resolveu se matricular em patologia. A mãe acha que ele dá pra ator pelas peças que interpreta na escola."

Raimundo, pai, 59 anos

Depoimento: "Ela vai estudar o magistério e ainda não sabe o que deseja fazer depois. Ela quer estudar, construir uma vida, se edificar. Disse que quando começar a namorar, vai me dizer."

Ana, mãe, 42 anos

Depoimento: "Ele quer fazer o segundo grau na escola técnica e entrar na Marinha. Diz que gosta de engenharia. Fala que quer me ajudar, mas não sei se vai levar a sério porque pode ser que arrume uma nora que não goste de mim e queira tudo pra ela. Confio nele, mas a gente não deve esperar as coisas de mão beijada. Se ele achar que fui boa mãe, então ele vai me ajudar. Às vezes quebro o pau e não deixo ele ir pros lugares, mas depois ele entende que eu fiz isso pro bem do futuro dele."

Maridalva, mãe, 42 anos

Depoimento: "Se matriculou dizendo que vai fazer secretariado no segundo grau. Pra conseguir isso vai ter de estudar, trabalhar e ter boa vontade. Pensa em ter a casa com as coisas dela. Acho que quer casar e ter filhos."

Aldeísa, mãe, 37 anos

Depoimento: "Ele num fala o que quer ser porque ainda não sabe o que ele quer. Ele pensa em trabalhar pra ajudar dentro de casa. Eu quero mais pra ele. Quero que ele estude até se formar em uma profissão no segundo grau ou na faculdade. O padrasto nunca mandou ele largar os estudos pra trabalhar porque quer que ele estude."

Vanda, avó, 62 anos

Depoimento: "Ela me perguntou o que devia seguir. Eu disse que ela escolhesse o que ela podia assumir, o que ela gosta e vai se sentir bem. Escolher a profissão com amor pra fazer o trabalho alegre. Outro dia me disse que vai ser professora. A escola contribuiu muito pra ela decidir ser professora. O fato da tia ser professora não influencia na escolha dela."

Tratando-se de falar sobre o futuro profissional próximo, ao nível do segundo grau, cinco dos seis pais de jovens residentes na zona urbana periférica sabem definir os planos de seus filhos: duas garotas irão fazer magistério e uma secretariado, um garoto fará patologia e o outro prestará exames para a Escola Técnica Federal e para ingressar na Marinha. Somente uma mãe não sabe precisar o desejo do filho pelo fato de ele não

ter decidido ainda. Essa mesma mãe expressa, no entanto, o seu desejo de que seu filho se profissionalize no segundo grau e curse uma faculdade.

Os planos para o futuro no plano da vida pessoal fazem parte do depoimento apenas da mãe de uma garota que expressa o desejo de a filha ter sua casa, casar e ter filhos. Nenhum dos outros entrevistados faz referências ao futuro no plano da vida pessoal de seus filhos.

Um pai, José, apresenta em seu depoimento dois focos de preocupação em relação ao futuro do filho, a saber: *(i)* o fato de que ele fará o segundo grau no centro da cidade e, portanto, estará entrando em contato com um mundo estranho ao mundo do subúrbio. Segundo José, as escolas deveriam possuir educadores especializados em orientar os alunos para a vida. Sua preocupação é claramente com o que ele classifica de excesso de liberdade dada aos adolescentes nas escolas de segundo grau; e *(ii)* a indefinição profissional do filho e a ausência de orientação vocacional nas escolas para que os jovens possam melhor escolher suas profissões.

Quadro 30: Futuro de Jovens Bem-Sucedidos Residentes na Zona Rural no Discurso dos Pais

Isabel, mãe, 57 anos

Depoimento: *“Ele num fala nada sobre isso e, eu confesso, também nunca procurei saber. Somos uma família fraca de dinheiro, não temos o que deixar pra eles. Por isso, falamos e queremos que ele se forme, seja independente e ganhe suas coisas. Se depender da gente, ele faz uma carreira e vai ser um grande homem amanhã.”*

Celina, avó, 58 anos

Depoimento: *“Não sei do futuro dela, não me diz nada. Não conversamos sobre isso. Acho que ela deveria ficar por aqui porque a vida é mais tranqüila. Em Feira e Salvador tem muita violência.”*

Regina, tia, 49 anos

Depoimento: *“Fala em ser motorista pra ser como o pai. Fala também em ser jogador de bola. Enquanto estiver por aqui ele estuda, mas se for estudar fora, num sei não. Não posso garantir que vou ter condição de manter ele estudando longe.”*

Joana, mãe, 39 anos

Depoimento: *“Cada filho fala o que quer ser, mas eu não lembro. Eles falam pouco do futuro (...) Minha expectativa? Acho que até o segundo grau devemos formar ele.”*

Antonia, avó, 55 anos

Depoimento: *“Ele quer ser pedreiro, carpinteiro, ajudante. Quem sabe o que ele vai ser? O caso daqui de Mercês é todo mundo sarta fora. Os outros vivem aqui e dizem que pode viver sem estudo.”*

Beatriz, mãe, 37 anos

Depoimento: *“Ela quer ser veterinária. Fala que adora cuidar de animais. Jesus vai indicar se ela vai conseguir o objetivo dela. O sonho dela é ter o próprio quarto com as coisas dela. Na minha expectativa, seu eu puder, minhas filhas vão se formar numa faculdade.”*

Três dos pais de jovens residentes na zona rural declaram não saber quais os planos profissionais de seus filhos. Não obstante, expressam, como pais, os seus desejos para os filhos: uma mãe deseja que o filho se forme, siga uma carreira e seja um grande homem, uma avó expressa o desejo de que a neta permaneça morando na zona rural por achar que a vida na cidade é muito violenta, e outra avó deseja que o neto saia da

zona rural por achar que, para aqueles que ali permanecem, não há necessidade de estudar.

Somente um dos pais de jovens cujo futuro profissional dos filhos lhe é dado a conhecer se refere à possibilidade de a filha cursar uma faculdade (veterinária). Os dois outros declaram que os filhos externaram o desejo de seguir profissões que não pressupõem formação escolar: pedreiro, carpinteiro, jogador de futebol e motorista.

Nenhum dos pais entrevistados faz qualquer referência explícita aos planos relativos à vida pessoal de seus filhos.

4 PRINCIPAIS ACHADOS E RECOMENDAÇÕES

4.1 CATEGORIA: JOVENS BEM-SUCEDIDOS

SOBRE O UNIVERSO FAMILIAR

PRINCIPAIS ACHADOS

- (a) Os dados apontam uma diferença na estrutura familiar dos jovens bem-sucedidos residentes na zona urbana central quando comparados aos jovens residentes na zona urbana periférica e na zona rural: 100% dos jovens residentes na zona urbana central pertencem a famílias do tipo nuclear completa, enquanto que somente 50% dos entrevistados da zona urbana periférica e da zona rural pertencem a esse tipo de família.
- (b) A maioria dos irmãos dos jovens residentes na zona urbana central e na zona urbana periférica freqüentam a escola atualmente. Já a maioria dos irmãos dos jovens residentes na zona rural são evadidos das séries iniciais do primeiro grau.
- (c) O grau de escolaridade dos pais dos jovens das zonas urbanas central e periférica é superior ao grau de escolaridade dos pais dos jovens da zona rural.
- (d) Os pais dos jovens da zona urbana e da rural, em sua grande maioria, possuem profissão definida e se encontram atualmente inseridos no mercado de trabalho.

RECOMENDAÇÕES

- (a) Desenvolver um estudo quantitativo sobre a estrutura familiar de jovens bem-sucedidos e de jovens evadidos para testar a seguinte hipótese:

A estrutura familiar, a escolaridade dos pais e dos demais membros da família são determinantes no sucesso ou fracasso escolar dos jovens das classes populares.

- (b) Estimular a participação dos pais de jovens bem-sucedidos em reuniões da escola e das associações de bairros para que possam, com seus testemunhos, aconselhar pais de jovens com problemas de rendimento escolar.

SOBRE A ROTINA DOS JOVENS

PRINCIPAIS ACHADOS

- (a) Todos os garotos entrevistados, independentemente de residirem em zona urbana ou rural, administram o tempo de seus dias entre as atividades escolares e as lúdicas.
- (b) As meninas, independentemente de residirem em zona urbana ou rural, administram o tempo de seus dias entre as atividades escolares, as domésticas e as lúdicas.
- (c) Alguns dos jovens residentes na zona urbana, independentemente de gênero, desenvolvem atividades de aprendizagem paralela que incluem curso livre de teatro, curso de informática e preparatório para a Escola Técnica Federal.
- (d) Somente dois garotos residentes na zona urbana possuem experiência de trabalho no mercado formal. Todos os outros entrevistados, e também os jovens da zona rural, são estudantes profissionais.

RECOMENDAÇÕES

- (a) Envolver os jovens bem-sucedidos em discussões sobre a utilização do tempo com os colegas da escola. É possível que a ajuda dos pares dos adolescentes no planejamento do tempo seja mais eficiente do que o trabalho realizado por orientadores educacionais e/ou professores.
- (b) Discutir no ambiente escolar com garotos e garotas a importância da divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres para que, em um futuro próximo, as jovens bem sucedidas não sejam também punidas com a dupla jornada de trabalho: o trabalho profissional e o trabalho doméstico. É necessário formarmos novas mentalidades quanto ao papel dos gêneros no universo familiar. Vimos que as garotas entrevistadas já se encontram hoje penalizadas com a dupla jornada de tarefas: as tarefas escolares e as tarefas domésticas.

SOBRE A HISTÓRIA ESCOLAR

PRINCIPAIS ACHADOS

- (a) A maioria dos jovens residentes na zona urbana central e periférica cursaram as séries iniciais do primeiro grau em escolas particulares. A passagem para a escola pública foi sentida como problemática por seis dos nove jovens que estudaram em escolas particulares.
- (b) Todos os jovens residentes na zona rural sempre frequentaram escolas públicas.

- (c) Os pais desempenham um papel fundamental no acompanhamento do progresso escolar dos jovens bem-sucedidos independentemente da zona na qual residem. As mães são mais citadas do que os pais na questão do acompanhamento sistemático das atividades escolares. Outros membros da família (irmãos, tios etc.) são também citados como coadjuvantes na história escolar desses jovens.
- (d) Não obstante o acompanhamento dos pais, alguns desses jovens, tanto da zona urbana quanto da zona rural, demonstram um caráter de independência em relação aos seus progressos escolares.

RECOMENDAÇÕES

- (a) Desenvolver um estudo quantitativo nas escolas públicas situadas em zonas urbanas sobre o percentual de jovens bem-sucedidos que fizeram ou não as séries iniciais do primeiro grau em escolas particulares, com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino de primeiro grau nas redes municipais e estaduais quando comparado com as escolas particulares, tendo como parâmetro o sucesso escolar.
- (b) Dar a conhecer à comunidade a importância da participação dos pais e de todos os membros da família no acompanhamento da vida escolar dos jovens, por meio da divulgação dos resultados deste estudo de casos.

SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO UNIVERSO ESCOLAR

PRINCIPAIS ACHADOS

- (a) Todos os jovens, tanto aqueles residentes nas zonas urbanas quanto os residentes na zona rural, consideram a escola importante em suas vidas. Para a maioria, a escola é fonte de conhecimento e de formação e deverá garantir melhores oportunidades no mercado de trabalho.
- (b) Os jovens residentes na zona urbana central qualificam a escola entre boa e ótima. Dentre os pontos positivos destacam: as atividades de extensão (teatro, dança, atividades esportivas etc.), a qualificação de parte do pessoal docente e do administrativo e o coleguismo. Dentre os pontos negativos destacam: atos de vandalismo contra o patrimônio da escola e a não-qualificação de parte do pessoal docente e do administrativo.
- (c) Os jovens residentes na zona urbana periférica não possuem grau de satisfação homogêneo para com as escolas que freqüentam. Os pontos positivos e negativos apontados por esses alunos coincidem com os pontos positivos e negativos apresentados pelos jovens residentes na zona urbana central, com o agravante de as escolas contarem com um número excessivo de estagiários que compensam, sem qualificação e acompanhamento, a falta de professores.
- (d) Os jovens da zona rural, em sua maioria, externam a sua insatisfação com a escola. Apontam como pontos negativos: a falta de segurança, de professores, de material

didático, de higiene e limpeza, de atividades de extensão, e o desempenho ruim de certos professores. Os pontos positivos apontados por esses jovens são o desempenho de alguns professores e o coleguismo.

RECOMENDAÇÕES

- (a) Desenvolver programas de acompanhamento para controle de qualidade do pessoal docente e do administrativo das escolas nas zonas urbanas e rurais.
- (b) Repor o quadro de professores efetivos nas escolas estaduais da zona urbana, pon-do fim à política de contratação de estagiários, que desenvolvem os seus trabalhos sem qualquer acompanhamento por parte da direção das escolas e das Secretarias de Educação.
- (c) Suprir o estado de carência permanente de material, recursos humanos qualificados e áreas para atividades esportivas e de lazer das escolas públicas nas zonas urbanas e rurais.
- (d) Promover os serviços de segurança, higiene e limpeza das escolas públicas das zonas urbanas e rurais.
- (e) Desencadear campanhas de preservação do patrimônio das escolas públicas nas comunidades, dando ênfase especial à necessidade de limpeza e higiene nas suas dependências.
- (f) Incrementar as atividades de extensão, fazendo com que a escola se torne cada vez mais atrativa aos jovens que nela buscam algo mais do que a simples transmissão de conhecimentos.
- (g) Engajar os alunos no processo de avaliação de desempenho dos serviços oferecidos pela escola, medindo inclusive o seu grau de satisfação com o trabalho dos profes-sores e agentes pedagógicos.
- (h) Incentivar a formação e manutenção de agremiações estudantis responsáveis por difundir o coleguismo e a importância do senso de comunidade nas escolas.
- (i) Valorizar o aluno enquanto membro importante da comunidade escolar com direito a voz e voto nas decisões que afetem suas vidas enquanto membros dessa comu-nidade.

SOBRE O SUCESSO E O FRACASSO ESCOLAR

PRINCIPAIS ACHADOS

- (a) Independentemente de residirem nas zonas urbanas e na zona rural, a maioria dos jovens atribuem o sucesso escolar em suas histórias de vida a si mesmos, ao apoio dos pais e familiares e a alguns professores e agentes pedagógicos.
- (b) Os métodos de estudo não variam em função das zonas de residência desses jo-vens. Dentre eles, alguns preferem estudar antes sozinhos do que em grupo. Os métodos variam entre: consultas a apontamentos, livros didáticos, bibliotecas, ela-boração de resumos, questionários etc.

- (c) Os círculos de amizade dos jovens urbanos bem-sucedidos, independentemente da zona urbana onde residem, não guarda relação, na maioria das vezes, com o rendimento escolar dos colegas. Não obstante, a maioria dos amigos frequenta a escola. Já para os jovens da zona rural, muitos dos seus amigos se encontram fora da escola.
- (d) O fracasso escolar é explicado pelos jovens bem-sucedidos, independentemente das variáveis zonas urbanas e zona rural, por um leque de fatores que variam entre: falta de interesse dos jovens que priorizam a diversão em detrimento da escola, falta de acompanhamento dos pais, problemas de ordem familiar e descaso governamental. A maioria dos entrevistados, todavia, concentra a explicação do fracasso escolar na falta de interesse dos alunos.

RECOMENDAÇÕES:

- (a) Instituir o sistema de bolsas-monitoria para que esses jovens possam orientar os seus colegas de escola quanto aos métodos de estudo e à superação de problemas com os conteúdos das diferentes disciplinas.
- (b) Encarregar o serviço de orientação educacional das escolas de promover debates com os alunos sobre as origens do sucesso e do fracasso escolar, a fim de despertar a sua consciência crítica sobre os limites e as possibilidades da escola para o rendimento de cada um deles.

SOBRE O FUTURO

PRINCIPAIS ACHADOS

- (a) A maioria dos jovens residentes nas zonas urbanas, independentemente de gênero, externa o desejo de fazer uma faculdade, ainda que com reticências. Tais reticências se traduzem na consciência da formação deficitária da escola pública, que os torna pouco aptos para enfrentarem o vestibular.
- (b) Também a maioria dos jovens residentes nas zonas urbanas, independentemente de gênero, possui planos definidos para formação profissionalizante de segundo grau. A Escola Técnica Federal é mencionada por parte deles como centro de excelência capaz de torná-los aptos a enfrentar o vestibular ao terminarem o segundo grau.
- (c) As garotas residentes nas zonas urbanas, mais do que os garotos, têm planos mais definidos de vida pessoal que incluem ser mãe, ter sua própria casa e casar. Os garotos que se pronunciam sobre planos de vida pessoal insistem na importância de serem independentes e construir o seu próprio futuro.
- (d) Os jovens residentes na zona rural, principalmente os garotos, não falam de seus futuros profissionais com a mesma precisão que encontramos entre os jovens urbanos, em termos de objetivos mais concretos e realizáveis que pressupõem a escolarização. Três garotos desejam deixar a zona rural e se tornarem jogadores de

futebol. Já dentre as garotas, duas possuem objetivos definidos de profissionalização de segundo grau.

- (e) Os planos de futuro, em termos de vida pessoal, dos jovens da zona rural não difere qualitativamente dos planos dos jovens residentes nas zonas urbanas. Os desejos incluem, para a maioria, o casamento e a constituição de família.

RECOMENDAÇÕES

- (a) Melhorar a qualidade do ensino de segundo grau nas escolas públicas com a finalidade de tornar os seus alunos aptos a ingressarem em cursos de nível superior.
- (b) Realizar um trabalho efetivo de orientação vocacional entre os alunos de escolas públicas das zonas urbanas e rurais, a fim de que possam contar com subsídios suficientes para realizarem escolhas compatíveis com as suas inclinações e seus objetivos.
- (c) Melhorar a qualidade do ensino profissionalizante de segundo grau das escolas públicas, com a finalidade de formar profissionais competentes e capazes de serem absorvidos pelo mercado de trabalho local.
- (d) Criar condições de trabalho no campo para que os jovens das zonas rurais não tenham de abandonar suas regiões em busca de melhores oportunidades de emprego nas zonas urbanas.
- (e) Oferecer ensino profissionalizante na zona rural condizente com a realidade do campo. A criação de escolas agrícolas e de cursos de magistérios de duração curta e plena poderiam fazer um excelente trabalho de formação de mão-de-obra especializada de segundo grau e de técnicos de nível superior.

4.2 CATEGORIA: PAIS DE JOVENS BEM-SUCEDIDOS

SOBRE A HISTÓRIA ESCOLAR DOS FILHOS

PRINCIPAIS ACHADOS

- (a) Os pais de jovens bem-sucedidos, tanto os residentes nas zonas urbanas quanto na zona rural, falam com orgulho de seus filhos. Adjetivam esses jovens como alunos bem comportados, responsáveis e inteligentes. É certo que tal percepção dos pais é determinante na construção de uma elevada auto-estima desses jovens junto à família e aos demais membros da comunidade em que residem.
- (b) Os detalhes contados pelos pais sobre a vida escolar dos seus filhos, independentemente das zonas urbanas e da zona rural em que residem, nos levam a inferir que há uma atmosfera de diálogo entre pais e filhos nessas famílias em assuntos relativos à escola.

RECOMENDAÇÕES

- (a) Incentivar a participação de pais de jovens bem-sucedidos nas reuniões de pais na escola e nas associações de moradores, para que possam contribuir com suas experiências para a multiplicação do sucesso escolar entre os jovens das comunidades.
- (b) Realizar campanhas de divulgação da importância da participação dos pais e do seu apoio para o sucesso escolar de seus filhos.

SOBRE O UNIVERSO ESCOLAR DOS FILHOS

PRINCIPAIS ACHADOS

- (a) Tanto os pais das zonas urbanas quanto os da zona rural consideram a escola de capital importância para garantir um futuro profissional melhor para seus filhos.
- (b) Os pais de jovens das zonas urbanas se dividem quanto à avaliação sobre a qualidade da escola dos filhos. Os pais de jovens residentes na zona urbana periférica, todavia, tendem a avaliar a escola de forma mais positiva do que os pais da zona urbana central.
- (c) Dentre os pontos positivos das escolas urbanas, os pais apontam o desempenho de certos professores e de alguns dos agentes pedagógicos. Os pontos negativos das escolas urbanas sublinhados pelos pais são relativos às carências das escolas públicas e incluem: falta de professores, de qualificação de pessoal, de material, de espaço para a prática desportiva etc.
- (d) Os pais de jovens da zona rural são unânimes em considerar como aspecto positivo da escola a excelência do trabalho dos professores. Dentre os aspectos negativos, o mais grave é a falta de segurança que permite a entrada de pessoas, estranhas ao ambiente escolar, que perturbam o andamento das aulas e causam transtornos de disciplina.

RECOMENDAÇÕES:

- (a) Assegurar aos pais de jovens das zonas urbanas e rurais o direito a participarem diretamente e efetivamente da gestão das escolas e incentivá-los a propor soluções criativas para os seus problemas.
- (b) Realizar campanhas de conscientização nas comunidades urbanas e rurais sobre as escolas públicas serem propriedade da população e não dos governantes e, portanto, os pais e alunos terem direito de reivindicar, junto às secretarias de Educação, melhores condições de ensino, que incluem excelência de mão-de-obra e instalações adequadas.
- (c) Garantir, pela ação das secretarias de Educação, o bom funcionamento dos estabelecimentos públicos de ensino, o que deve englobar condições de segurança, excelência de mão-de-obra e instalações físicas adequadas.

SOBRE O SUCESSO E O FRACASSO ESCOLAR

PRINCIPAIS ACHADOS

- (a) Os pais, independentemente das variáveis gênero e procedência (zonas urbanas e zona rural), creditam o sucesso dos jovens ao esforço deles mesmos e apontam como coadjuvantes o apoio e acompanhamento da família, e o trabalho de professores e agentes pedagógicos competentes.
- (b) O fracasso escolar, tanto nas zonas urbanas quanto na zona rural, é explicado por uma constelação de fatores que inclui: falta de interesse dos jovens, falta de apoio da família, desestruturação familiar, trabalho infanto-juvenil e descaso governamental com o ensino público. Não obstante, o jovem fracassado, ele mesmo, é apontado na maioria dos depoimentos como o principal responsável pelo seu fracasso na escola.

RECOMENDAÇÕES

- (a) Incentivar discussões e trocas de experiências entre pais sobre o sucesso e o fracasso escolar nas reuniões de pais e nas reuniões das associações de moradores.
- (b) Divulgar a importância do apoio e acompanhamento dos pais na construção do sucesso escolar.
- (c) Preparar professores e demais agentes pedagógicos para promover o sucesso escolar e não o fracasso em suas práticas no cotidiano da escola.

SOBRE O FUTURO DOS FILHOS

PRINCIPAIS ACHADOS

- (a) Os pais de jovens residentes nas zonas urbanas que registram o desejo de verem seus filhos cursarem uma faculdade reconhecem as dificuldades que tornam tal sonho muito distante do aluno da escola pública.
- (b) A maioria dos pais de jovens residentes nas zonas urbanas é capaz de determinar os planos dos filhos em cursos profissionalizantes do segundo grau.
- (c) Os pais de jovens da zona rural que falam sobre os planos profissionais de seus filhos o fazem com certa indefinição. Os registros de planos giram em torno de cursos profissionalizantes de segundo grau e da possibilidade, ainda que distante, do ingresso no ensino superior.
- (d) Os planos de vida pessoal dos jovens bem-sucedidos não são abordados pela maioria dos pais entrevistados.
- (e) Dentre os pais da zona urbana periférica e da zona rural, há registros de preocupação com o futuro escolar dos filhos, dado que essas zonas não contam com escolas de segundo grau.

RECOMENDAÇÕES

- (a) Incentivar, por meio de campanhas, a organização e o engajamento dos pais e membros da comunidade para cobrar, junto às secretarias de Educação, um ensino de segundo grau de qualidade que garanta igualdade de condições entre jovens das escolas públicas e privadas no acesso ao ensino superior.
- (b) Integrar os pais nos trabalhos de orientação vocacional desenvolvidos pelos serviços de orientação educacional das escolas, para que possam ajudar/apoiar os seus filhos em suas escolhas profissionais e pessoais.
- (c) Criar escolas de segundo grau/profissionalizantes de qualidade nas zonas urbanas periféricas e na zona rural.

ANEXOS

ANEXO I**Doze Referências Bibliográficas sobre o Fracasso e a Evasão Escolar no Brasil**

Um interessante trabalho de pesquisa foi conduzido por Mariz (1985) junto a professoras das quatro primeiras séries de escolas públicas que caracterizam a criança carente como vítima das condições econômicas de sua família. Para essas professoras, a pobreza não justifica totalmente o baixo rendimento escolar dessas crianças, como também não justifica outras características que elas têm em comum, tais como: agressividade, pouca motivação para estudar e atitudes impróprias em relação ao sexo. Para justificar essas características, as professoras apontam como causa, além da situação de extrema pobreza, a falta de orientação dos pais, caracterizados como omissos em relação à educação dos filhos, muito autoritários, pouco afetivos e em constante conflitos pessoais e conjugais. Não somente os pais e os alunos, como também toda a comunidade, são definidos como desviantes e foras-da-lei pelas professoras entrevistadas. A atitude das professoras para com os alunos carentes reflete etnocentrismo (padrão classe média), que se traduz em sentimento de superioridade para com a comunidade de origem dessas crianças e em grande descaso para com tudo que se aprende fora da sala de aula. A aprendizagem fora do ambiente escolar é definida como aprendizagem do que não presta. Em menor frequência, fatores intra-escolares (didática e inadequação do material escolar) foram citados para justificar o fraco desempenho das crianças carentes.

Em artigo intitulado *O Fracasso Escolar no Ensino de Primeiro Grau*, Leite (1988) realiza primeiramente uma análise crítica sobre a questão do fracasso escolar no ensino de primeiro grau no Brasil. Efetuando uma caracterização do problema e estabelecendo as suas relações com as políticas educacionais públicas, o autor aborda as explicações tradicionais e também suas raízes sociais, que envolvem fatores extra e intra-escolares. A segunda parte do trabalho centra a análise das causas do fracasso escolar nos fatores intra-escolares, enfocando o planejamento e o desenvolvimento do currículo e do programa de ensino, além da questão da organização docente na escola. Propõe, como forma de minimizar o problema do fracasso escolar, o redimensionamento desses fatores.

Chakur (1988) realizou pesquisa na linha desenvolvimentista piagetiana com menores trabalhadores e estudantes não-trabalhadores objetivando questionar os fundamentos subjacentes à idéia de déficit intelectual da criança pobre. Tendo em vista às semelhanças cognitivas, em contraste com a disparidade das condições existenciais e educacionais das amostras estudadas, a autora conclui que a defasagem cognitiva apresentada pelos seus sujeitos se deve as semelhanças existentes entre as condições de trabalho do menor e o ambiente escolar freqüentado pelos menores não-trabalhadores. Ambos os ambientes são caracterizados como ambientes rígidos, com pouco espaço para o

movimento livre que possibilite a exploração e a iniciativa, o que inibe a criatividade. Tanto a rotina escolar quanto a rotina do trabalho reforçam ações reprodutivas e repetitivas que originam regulagens automáticas e oferecem, freqüentemente, situações não perturbadoras, *i.e.*, situações que não desafiam o pensamento.

Souza *et alii* (1989) conduziram um trabalho de pesquisa que questiona o grau de verdade da afirmação, amplamente aceita nas escolas públicas, que justifica o fracasso escolar pela situação de miséria em que vivem as crianças das escolas públicas. Segundo constatação dos autores, o rendimento escolar não pode ser explicado, exclusivamente, por variáveis individuais e/ou familiares. Necessário se faz conhecer como são desenvolvidas as rotinas escolares e os processos vividos pelos diversos protagonistas dessas rotinas (professores, pais, diretores, alunos e funcionários). Somente uma análise dessa conjugação de fatores será capaz de fornecer um quadro claro das reais raízes do fracasso escolar na escola pública.

Esteban (1989) conduziu um trabalho de investigação sobre o cotidiano da sala de aula em classes de alfabetização na qual se evidencia a importância da análise das interações criança/conhecimento, professor/aluno e professor/aluno/conhecimento na construção do sucesso/fracasso escolar. Analisando tais relações, a autora indica que o auto-conceito do aluno é um dado fundamental na compreensão do processo de aprendizagem/desenvolvimento. O auto-conceito adquire dimensão especial no caso dos alunos oriundos de famílias de população de baixa renda. Tais alunos trazem de seu cotidiano um auto-conceito negativo que interfere sobremaneira em seu aprendizado, caso a escola não se empenhe em modificá-lo. A criança que possui expectativas negativas sobre si mesma tende a não acreditar em suas possibilidades. Se tal descrédito é reforçado na interação professor/aluno/conhecimento, suas expectativas negativas serão reforçadas, resultando em fracasso escolar.

Lara & Lagoa (1990) apontam, em seu trabalho, que os altos índices de repetência e evasão escolar continuam a demonstrar a existência de problemas na relação escola/aluno/sociedade. Para além do dado de realidade da inserção precoce do menor no mercado de trabalho, que contribui para a manutenção de elevados índices de repetência e evasão, o trabalho das autoras identifica como problemático o alto grau de insatisfação dos professores com a própria escola, que se traduz em reclamações constantes por parte deles. Relevante é o dado de que os alunos parecem não rejeitar as normas que regem o cotidiano da escola, mas sobretudo a atitude acrítica frente à realidade e a repetição não criativa dos conteúdos das disciplinas. Faz-se, portanto, necessário repensar o conhecimento e revalorizar a intuição e o raciocínio para se fazer da escola um ambiente capaz de motivar professores e crianças.

Patto (1990) realizou pesquisa sobre o cotidiano do processo escolar em uma escola municipal de São Paulo tendo como sujeitos quatro crianças multirrepetentes. A autora aponta para a necessidade de se assumir uma postura crítica para a revisão das teorias do *déficit e da diferença cultural*, utilizadas comumente na explicação do fracasso escolar. Tal revisão deve tomar como ponto de partida as práticas escolares — mecanismos geradores do fracasso escolar. Tais práticas compõem um sistema edu-

cacional produtor de obstáculos à aprendizagem que se sustenta em um discurso científico que, apoiado em sua competência e legitimado pelos profissionais de educação, naturaliza o fenômeno do fracasso escolar aos olhos de todos os envolvidos. A escola, dessa forma, torna-se o lugar de convivência entre os mecanismos de neutralização de conflitos e de manifestações de insatisfação e rebeldia.

Bezerra (1990) coordenou um trabalho de pesquisa etnográfica sobre transmissão e aquisição de conhecimento, forma de atuação do professor e ação do corpo técnico em duas escolas públicas da periferia de Manaus. O trabalho de observação das aulas de língua portuguesa e matemática em cinco turmas de 3ª série concentrou-se nos seguintes pontos: (i) contextualização do conteúdo; (ii) didática; e (iii) relação professor/aluno. As autoras constataram: (i) conteúdos extraídos de livros didáticos sem qualquer relação com a realidade vivenciada pelos alunos; (ii) aulas centradas em exercícios repetitivos que privilegiam a memorização; e (iii) o caráter autoritário e impessoal da relação professor/aluno. As causas da evasão e do fracasso escolar são atribuídas, pelos professores, ao baixo nível sócio-econômico das crianças, associado às precárias condições didático-pedagógicas das escolas e ao tipo de atuação do professor. O professor, por sua vez, não vê alternativas para alterar o quadro em que se encontra inserido dado que, na condição de *assalariado*, sua função se resume a executar tarefas planejadas por outros.

Gama *et alii* (1991) conduziram uma pesquisa que buscava identificar no discurso do magistério suas impressões sobre a causalidade do fracasso escolar na rede pública. O trabalho, de natureza qualitativa, utiliza como referencial teórico a teoria das representações sociais. Os dados foram colhidos em reuniões de grupo com professores de seis municípios do estado do Espírito Santo. Cinco categorias determinantes do fracasso escolar foram identificadas pelo pesquisador: (i) filosofia subjacente à política educacional; (ii) fatores econômicos; (iii) fatores sócio-psicológicos; (iv) fatores intra-escolares; e (v) fatores extra-escolares de apoio à educação. Relevante o dado de que, na maioria das vezes, os professores tendem a deslocar o eixo da causalidade do fracasso escolar para as condições sócio-psicológicas do aluno e de sua família, eximindo a escola e a atuação do professor de sua responsabilidade frente ao fenômeno.

Valente (1991) apresentou um trabalho de pesquisa que comporta três objetivos básicos: (i) caracterização dos jovens que compõem o numeroso grupo de evadidos da escola pública; (ii) levantamento das causas da evasão; e (iii) percepções do que a escola deveria oferecer para que os evadidos a ela retornassem. A caracterização da amostra do grupo de evadidos é assim descrita: (i) a maioria é do sexo feminino; (ii) a maioria é solteira; (iii) o grande momento de saída da escola se deu na 5ª série; (iv) a grande maioria dos entrevistados considera que o estudo lhe faz falta, pois admite que, se tivesse continuado a estudar, teria melhores empregos; e (v) quase 90% da amostra admite a possibilidade de voltar a estudar se a escola sofresse modificações. Sobre a percepção dos entrevistados sobre as causas da evasão foram levantadas: (i) dificuldades financeiras que os obrigaram a se inserir precocemente no mercado de trabalho; (ii) no caso das mulheres: gravidez, casamento e medo dos marginais do bairro; (iii) distância entre casa e escola; (iv) os conteúdos das disciplinas eram insatisfatórios; (v)

as professoras foram caracterizadas como más; (vi) a multirrepetência. Sobre alterações na escola que poderiam favorecer o retorno dos evadidos: (i) oferta de cursos profissionalizantes; (ii) turno noturno; (iii) condições de segurança; (iv) metodologia satisfatória; e (v) professores competentes e amigos.

Partindo de uma perspectiva antropológica, Teixeira (1992) realizou um estudo tendo como objetivo analisar a marginalidade e as rotinas de exclusão dos marginalizados na escola. Denunciando o etnocentrismo pedagógico que tem orientado as pesquisas sobre o tema, demonstra o trabalho a importância da consideração do universo representacional dos marginalizados nos estudos sobre exclusão. Dois pólos da pesquisa pedagógica sobre o fracasso escolar são criticados pela autora: (a) pólo liberal-funcionalista, que privilegia a dimensão psicológica do aluno e identifica as raízes do fracasso escolar na própria deficiência do aluno, traduzida na sua incapacidade de se adequar à escola; (b) pólo marxista, que privilegia a dimensão político-econômica e identifica as raízes do fracasso escolar nas condições existenciais concretas dos alunos pobres. Ambos os pólos percebem a origem do fracasso escolar no aluno reforçando estereótipos. A proposta da autora é resgatar o universo simbólico dos excluídos para que se promova a superação do totalitarismo pedagógico.

Magalhães *et alii* (1995) constataram, em pesquisa sobre o cotidiano escolar, que, apesar de se reconhecer a multirrepetência como um fenômeno multideterminado, é no interior da sala de aula que ela é gestada. Usando a observação participante do cotidiano de uma escola pública da cidade de Salvador (classes da 1ª à 4ª série do ensino fundamental), realizando entrevistas com alunos, pais e professores, analisando o material escolar produzido por alunos e professores e estudando o histórico escolar dos alunos, foi possível aos pesquisadores traçar um quadro da multirrepetência na escola, identificar quem é o aluno repetente, como ele percebe sua condição de aluno, como os professores e pais entendem a repetência escolar e quais os mecanismos que produzem a exclusão e a retenção.

ANEXO II

Roteiro de Entrevista

Aluno(a)

O JOVEM E A FAMÍLIA

- # Breve descrição de si mesmo (rotina e atividades sociais)
- # Breve descrição dos membros da família nuclear (profissão, idade, residência, estado civil)
- # Breve história escolar dos membros da família tal como percebida pelo jovem

HISTÓRIA ESCOLAR PREGRESSA E ATUAL DO JOVEM

- # Relato sobre a experiência do adolescente na escola nas primeiras séries
- # Relato sobre a experiência do adolescente nas séries intermediárias
- # Relato sobre a experiência do adolescente na série atual

PONTOS RELEVANTES

- # Comportamento em sala de aula
- # Relação com os professores
- # Relação com os colegas
- # Acompanhamento da aprendizagem em casa

REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA

- # Percepções do jovem sobre a escola em que estuda atualmente
- # Percepção do jovem sobre os seus professores
- # Percepção do jovem sobre os seus colegas
- # O significado da escola na vida atual e na futura
- # O que mais gosta na escola
- # O que menos gosta na escola

RENDIMENTO ESCOLAR

- # A que atribui o seu sucesso escolar
- # Método de estudo
- # Participação dos pais e de outros membros da família no sucesso do jovem
- # Rendimento escolar dos amigos mais próximos
- # A que atribui o fracasso escolar dos colegas

O FUTURO

- # Planos profissionais
- # Planos pessoais

ANEXO III

Roteiro de Entrevista

Pais

A FAMÍLIA

- # Breve descrição do jovem como filho (rotina e atividades sociais)
- # Breve descrição dos membros da família nuclear (profissão, idade, residência, estado civil)
- # Breve história escolar dos membros da família

HISTÓRIA ESCOLAR PREGRESSA E ATUAL DO JOVEM

- # Relato sobre a experiência do adolescente na escola nas primeiras séries
- # Relato sobre a experiência do adolescente nas séries intermediárias
- # Relato sobre a experiência do adolescente na série atual

PONTOS RELEVANTES

- # Comportamento em sala de aula
- # Relação com os professores
- # Relação com os colegas
- # Acompanhamento da aprendizagem em casa

REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA

- # Percepção dos pais sobre a escola em que estuda o jovem atualmente
- # Percepção sobre os professores
- # O significado da escola na vida atual e futura do adolescente

RENDIMENTO ESCOLAR

- # A que atribui o sucesso escolar do filho
- # Participação dos pais e de outros membros da família no sucesso do jovem
- # Rendimento escolar dos filhos dos amigos mais próximos
- # A que atribui o fracasso escolar dos filhos de alguns dos amigos/conhecidos

O FUTURO

- # Planos profissionais do filho
- # Planos pessoais do filho

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA A., Aldenice (coord.) *A prática pedagógica e o fracasso no cotidiano das escolas públicas de primeiro grau em Manaus.*— Manaus: FUAM, 1990. 170p.
- CHAKUR, Cilene. Desenvolvimento cognitivo e educação escolar: as condições do menor trabalhador. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.40, n.3, p.230-34, mar. 1988.
- ESTEBAN, Maria Tereza. Repensando o fracasso escolar. *Caderno CEDES*, Campinas, 28 p. 75-86 1990.
- GAMA, P. Elisabeth Maria *et alli*. As percepções sobre a causalidade do fracasso escolar no discurso descontente do magistério. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.72, n.172, p.356-84, set./dez. 1991.
- LARA C., Luiza e LAGOA, Ana. Por que as crianças não gostam da escola? *Nova Escola*, São Paulo, v.5, n.43, p.22-25, out. 1990.
- LEITE S., Antonio. O fracasso escolar no ensino de primeiro grau. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.69, n.163, p.510-40, set./dez. 1988.
- MAGALHAES P., Adélia (coord.) *Multirepetência: gênese e possibilidade de superação no cotidiano escolar.*— Salvador: 1995. mimeo. (Relatório de Pesquisa). Convênio com a Fundação Ford e CNPq.
- MARIZ, Cecília. A criança carente vista por suas professoras. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.53, p.69-70, mai. 1985.
- MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: THILLOLLENT, Michel. *Crítica metodológica e investigação social.*— São Paulo: Polis, 1981.
- PATTO, Maria Helena. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.*— São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. 385p.
- SALMEN, Lawrence F. *Beneficiary assessment.* 1995. mimeo. (Word Bank: paper 23)
- SOUZA, Marilene *et alli*. A questão do rendimento escolar: subsídios para uma nova reflexão. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v.15, n.2, p.188-201, jul./dez. 1989.
- TEIXEIRA S., Maria Cecília. Escola: exclusão e representação — notas para uma reflexão. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v.18, n.1, p.20-32, jan./jun. 1992.
- VALENTE, B. Edna. Os filhos pródigos da educação pública: um estudo sobre os evadidos da escola pública num bairro periférico do município de Santarém. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.72, n.172, p.397-400. set./dez. 1991.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)